FUNDADOR — JOAQUIM MANSO | SÁBADO, 20 DE DEZEMBRO DE 1958 | ANO 38.º — NÚMERO 12 944

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 | REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO | PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA | EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A | RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA | ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º | NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Sob chuva ininterrupta, trabalha-se afanosamente na construção de um desvio da estrada que liga Vila Franca de Xira a Porto Salvo, junto do rio Sorraia, cujas águas aumentam constantemente de volume

Estão cortadas as comunicações

entre Vila Franca de Xira e o Sul do País

devido a uma barreira levantada na estrada com receio duma cheia do Sorraia

Por motivo das cheias no distrito de Santarém está interrompido, desde ontem, o transito na Estrada Nacional 365, entre Vale de Figueira e Pombalinho e entre Ribeira de Santarém e Alcanhões, e na Estrada Nacional 118, entre Tramagal e Rossio ao Sul do Tejo; e esta manhã, foi colocada, á entrada Norte da Ponte Marechal Carmona, em Vila Franca de Xira, uma placa de sinalização com o seguinte aviso: «E. N. — Estrada submersa junto ao Rio Sorraia, Porto Alto», e os cobradores avisavam os automobilistas de que estavam cortadas, por aquela ponte, as comunicações com o Sul do País

Passámos sobre o Tejo, alargado pelo volume das águas das chuvas, entre os campos encharcados, onde pastavam toiros bravos, enquanto bois mansos eram retirados por campinos a cavalo, cobertos de capas de oleado, para locais de menor perigo de cheia. Esta era temida, desde que, ontem foram galgados quatro diques, entre os quais o dos Vinte.

Sob forte granizo, numerosos homens e mulheres procediam, na lezíria, á abertura das valas tapadas e a desvios julgados convenientes.

A' chegada, a Porto Salvo, junto da ponte nova sobre o Sorraia — que fica a 33 quilómetros da entrada de Lisboa e que espera a construção do aterro que faça a ligação com a Estrada Nacional 10, provisóriamente feita por um desvio — dirigentes e pessoal da Associação de Defesa da Lezíria, utilizando camiões de transporte de terras e «bulidozers», trabalhavam intensamente, sob a chuva e no meio da lama, para construir, sobre a barreira levantada na passagem, para evitar as consequências de uma possível cheia.

(Continua na página central)

No tenebroso crime

praticado em Londres

está incriminada a mãe

das crianças assassinadas

LONDRES, 20 — Continua envolvido em mistério o horrível crime, que se julga só possa ter sido cometido por um louco, praticado na luxuosa moradia do casal Bromley. Thomas Bromley, alto funcionário diplomático, quando regressou, ontem, ao fim da tarde, á sua sumptuosa vivenda, em Haslemere, no Surrey, foi surpreendido, ao entrar no vestíbulo, por gemidos de aflição. Correu para a sala e deparou com a mulher, Diana — sobrinha do actor de cinema Boris Karloff, intérprete do tenebroso «Frankenstein», tombada no divã, a sangrar abundantemente do pescoço e murmurando palavras incoerentes e chorando.

Na garagem, encontrou o cadáver de seu filho, Martin John Bromley, de 13 anos, que fora degolado. No andar superior, no quarto de banho, estava, também morto, o outro filho, Stephen, de 10, igualmente sangrando do pescoço.

A senhora Bromley (Diana Marion Bromley, de 39 anos), é filha

(Continua na ultima página)

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

A arte de bem digerir (10)

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

A SUPERALIMENTAÇÃO nem sempre corresponde a um aumento paralelo das combustões ou, ainda, a uma eliminação de materiais não utilizados. O fenómeno é mais complexo. Muitos dos alimentos ingeridos são armazenados. Ora, esta situação de reserva é limitada. O excesso de armazenagem de glúcidos e de prótidos implica, em última análise, a correspondente formação de reservas de lípidos. É claro que este amealhamento se faz a partir dos glúcidos que se transformam fácilmente em lípidos ou dos prótidos que originam lípidos, directamente ou por intermédio dos glúcidos.

Os lípidos em excesso acumulam-se nas células do tecido conjuntivo que, mais tarde, se transforma em tecido adiposo. As gorduras concentram-se ao redor das vísceras, do rim e do coração, dos gânglios lin-

(Continua na 11.ª página)

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE

O êxito do satélite «Atlas»

reduz o atraso dos E. U.

em relação à Rússia

na conquista do espaço

NOVA YORK, 20. — Os cientistas projectam fazer hoje nova experiência de comunicações com o satélite «Atlas», que gravita á volta da Terra.

A era das comunicações do espaço inaugurou-se ontem com a mensagem da paz do Natal, do presidente Eisenhower, gravada em fita, retransmitida do satélite, lançado no espaço, anteontem, á noite, da base de Cape Canaveral.

Far-se-á, também, possivelmente ainda, hoje, uma tentativa para empregar os instrumentos do satélite na retransmissão de mensagens recebidas «vivas» de estações terrestres, para outras estações, também na Terra. Mais tarde, o presidente Eisenhower gravará uma mensagem do Ano Novo, que se espera o satélite poderá retransmitir desta maneira. Depois de ouvir, ontem a sua mensagem transmitida pelo «Atltas», o presidente declarou «ser possível que o próximo passo seja a retransmissão de missões pela TV». O satélite artificial, gravitando á volta do Globo, á velocidade de 27.200 quilómetros por hora, deve manter-se no espaço, segundo se espera, mais 18 dias.

O lançamento do «Atlas» é considerado como um grande passo em frente na corrida do espaço entre os Estados Unidos e a União Soviética. O dr. William Pickering, director do Instituto de Tecnologia da Califórnia, declarou: «Fechamos a lacuna e, dessa forma, estamos agora sómente um ano atrasados em relação á Russia. Até á data esse atraso era de 3 a 5 anos».

A Convair Astronautics, que fabrica os projécteis balísticos «Atlas» afirmou que uma estação do espaço «Atlas», com uma tripulação de quatro homens, podia estar a gravitar em redor da Terra dentro de cinco anos. O «Atlas» podia colocar a estação do espaço na sua órbita a 600 quilómetros acima da Terra. Acrescentou, no entanto, que não tinha qualquer plano formal para empreender tal aventura.—(R.).

As perspectivas que surgem com o êxito do satélite

INGLEWOOD (Califórnia), 20.— O director do programa dos projécteis balísticos da Aviação, major-general, Benard Schreiber, declarou, esta madrugada, que o êxito obtido com o satélite «Atlas» revelava que os Estados Unidos possuiam «meios capazes de colocarem no espaço algo, desde o tamanho de

(Continua na ultima página)

Nota do dia

Vigilancia e repressão

Em face do ajustamento, revisão ou aumento — como lhe queiram chamar — dos vencimentos dos funcionários publicos, surgiu o natural receio, de que o próprio decreto se fez eco para o combater, de que o custo da vida aumente proporcionalmente, anulando os benefícios agora recebidos, como agravando a situação de um vasto sector da população constituído por pessoas que não viram os seus proventos aumentados. Tanto mais que no diploma em questão se defende a doutrina de que a revisão agora feita «não possa servir de fundamento para eventuais ajustamentos das retribuições privadas que, pelas condições especiais da sua formação, já se encontram devidamente actualizadas». O sr. secretário de Estado do Comércio, ao receber ontem os representantes das Uniões de Grémios dos Lojistas, que lhe foram expor uma pretensão de todo o ponto justa, aproveitou o ensejo para declarar que «não há actualmente em Portugal razão nenhuma» para que se verifique uma alta de preços e que, a dar-se, só pode ser tomada como manobra especulativa e criminosa, que o Governo está disposto a reprimir severamente. Estas palavras são de molde a tranquilizar a opinião publica, mas precisam de ser, naturalmente, acompanhadas de uma acção vigilante e repressiva por parte dos organismos competentes, que há-de incidir principalmente sobre o comércio de géneros de primeira necessidade, pois não é pelas gravatas ou pelos «soutien-gorges» que os lojistas possam vender com mais de sete por cento de lucro que o gato vai ás filhozes...

Cinco manequins ingleses, que têm em cima dos ombros peles no valor de 3.500 libras (280 contos) vão apresentar na Rodésia alguns dos mais belos vestidos e joias de fabrico inglês, durante o Festival da Moda Britanica que ali se realiza no próximo mês de Fevereiro

Visado pela Comissão de Censura

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Terminou hoje
O I Congresso de Arqueologia

Terminou hoje o I Congresso Nacional de Arqueologia. Os oitenta congressistas visitaram, de manhã, as escavações de Muge, estudando os achados. Depois, almoçaram na casa da sr.ª condessa de Cadaval, em cujas propriedades se procuram objectos de interesse arqueológico. Foi este o ultimo encontro do congresso.

TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: máxima, 14°,2; mínima, 8°.8. No mesmo dia do ano passado: máxima, 12°,8; mínima, 5°,7.

Reunião de curso

Os licenciados em Ciências Económicas e Financeiras do curso de 1944-48, festejaram hoje o décimo aniversário da sua formatura, começando por uma missa. A's 11 horas, os componentes do curso, em numero de cerca de quarenta e do qual faz parte o subsecretário do Tesouro, sr. dr. Manuel Jacinto Nunes, visitaram o Instituto, onde foram recebidos pelos srs. profs. Gonçalves Pereira, director, Baptista de Araujo e António Maria Godinho.

Em nome do curso, o sr. dr. Barbosa de Magalhães apresentou cumprimentos, que o sr. dr. Gonçalves Pereira agradeceu.

A' noite, num dos restaurantes da Baixa, efectua-se um jantar de confraternização.

FESTAS DO NATAL

Hoje, ultimo sábado antes do dia de Natal, efectuaram-se muitas festas próprias da quadra, dedicadas especialmente ás crianças filhas de empregados e operários de grandes empresas industriais e comerciais. As festas foram, na sua maioria, organizadas pelos grupos desportivos do pessoal das empresas, com a colaboração financeira dos respectivos conselhos de administração.

Muitos milhares de crianças viveram horas de intensa alegria em volta das árvores de Natal, bem providas dos mais variados e tentadores brinquedos, e com os numeros hilariantes executados pelas parelhas de palhaços.

500 crianças filhas dos operários das C. R. G. E. tiveram a sua festa do Natal

A exemplo dos anos anteriores, as crianças filhas dos operários das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade, tiveram hoje a sua festa do Natal, que decorreu no refeitório do pessoal da Rua António Maria Cardoso. Reuniram-se quinhentas crianças de ambos os sexos, em volta de uma grande árvore do Natal carregada de brinquedos, que foram recebidos com grande contentamento pela petisada que foi também contemplada com vestuário e bolos. Uma menina de 10 anos, Maria José Duarte Carvalho, agradeceu á administração da Companhia, em nome de todos os contemplados, a festa que lhes havia sido dedicada.

Assistiram á animada festa os componentes do conselho de administração da Companhia e funcionários superiores.

No Batalhão n.º 2 da G. N. R.

Promovida pelo comandante do Batalhão n.º 2 da G. N. R., sr. tenente-coronel Alberto Garoupa, efectuou-se hoje, ao começo da tarde, no ginásio da unidade, uma festa de Natal dedicada aos filhos dos cabos e soldados que ali prestam serviço.

Além de uma distribuição de brinquedos e bolos, foi representado um «Auto do Natal», desempenhado por cabos e soldados e crianças da creche. Seguiu-se um acto de variedades, recitativos e numeros musicais por soldados.

Shell Portuguesa

Centenas de crianças assistiram, no Teatro Monumental, á festa de Natal dos filhos do pessoal da Shell Portuguesa. As peças, representadas foram interpretadas apenas por gente de palmo e meio, que recebeu calorosos aplausos. Finalmente, houve uma distribuição de merendas, brinquedos e agasalhos.

Assistiram á festa os srs. Eduardo Rodrigues e J. K. Liddle, administradores; E. Miranda da Cruz e Ruy Seisal, directores; e funcionários superiores.

Companhia de Seguros Europeia

De tarde, na sede do Grupo Onomástico «Os Josés de Portugal», realizou-se uma festa dedicada aos filhos dos empregados da Companhia de Seguros Europeia, á qual estiveram presentes os administradores da companhia, srs. Robert Gigon, Henrique Carrogio, comandante Galeão Roma e Francisco Rodrigues Marques, e funcionários superiores da companhia. A festa constou de um recital de piano, um acto de variedades, merenda e distribuição de brinquedos.

Casa H. Vaultier

Os filhos dos empregados e operários da Casa H. Vaultier & C.ª tiveram a sua festa esta tarde, no salão do edificio fabril da Rua D. Luís I. Além do tradicional espectáculo infantil e da distribuição de merendas e lembranças do Natal, foram entregues emblemas aos empregados que completaram 10, 15, 25, 35 e 40 anos de serviço.

Ch. Lorilleux S. A.

Nas suas novas instalações fabris de Cabo Ruivo-Olivais, promoveu a Casa Ch. Lorilleux S. A., uma festa de Natal dedicada ás familias dos empregados e operários, que constou de um numero de variedades, distribuição de roupas e brinquedos ás crianças e merenda oferecida a todos os presentes. Todos os operários receberam um pacote com géneros para a consoada do Natal.

Fundição de Oeiras

A festa dedicada ao pessoal da Fundição de Oeiras principiou, ás 9 horas, com uma programa inteiramente dedicado aos filhos dos empregados e operários, com musica, cinema e palhaços, distribuição de brinquedos, agasalhos e merenda.

A' noite, haverá um concerto, sessão solene para distribuição de medalhas a empregados com 15 e 35 anos de serviço e serão para trabalhadores organizado pela E. N. e F. N. A .T.

Direcção Geral dos Serviços Industriais

Com a presença do subsecretário de Estado da Industria, sr. dr. João Ubach Chaves, efectua-se, esta tarde, uma festa de Natal promovida, no ginásio do Liceu Camões, pelo Grupo Desportivo e Recreio da Direcção-Geral dos Serviços Industriais do Ministério da Economia, e dedicada aos filhos dos funcionários daquele departamento, os quais recebem brinquedos e bolos.

Fábrica de Chocolates

Promovida pela direcção da Fábrica de Chocolates Favorita, efectuou-se hoje de tarde na, sede da Sociedade a Voz do Operário, uma interessante festa do Natal dedicada ás crianças filhas dos seus empregados e operários. Foi organizado um espectáculo que incluiu a projecção de filmes infantis, e a actuação do «Trio Ribalta», de um xilofonista, da Orquestra de Bombeiros, de uma parelha de palhaços, etc. A's numerosas crianças que tiveram uma tarde encantadora foram distribuidos brinquedos, agasalhos, guloseimas e balões.

Tágide
Em Lisboa
Conjunto
ALEX WILLIAM'S
com
LAURA VILLA
e
FERNANDO POTIER

Sensacional Apresentação
Hoje e Amanhã
Dany Dauberson

Palm Beach
Em Cascais
Conjuntos
TOBIAS VALIDO
e
MÁRIO RUIZ
com
VERA MADRIZ

Completam este extraordinário programa
RAFAEL CRUZ e o SEU BALLET – HELENA TAVARES
IVONE e CLARA – DANY VERNAY – MARIA CANDAL
Adultos (Maiores de 17 anos)

Um produto da General Motors
Concessionários em Lisboa
DINIZ M. D'ALMEIDA, LDA.
Av. da Liberdade, 214 — Telef. 4 71 89

CABECINHA NO OMBRO
Canção do momento
Em discos fabricados especialmente para:
Discoteca do Carmo, L.da
Rua do Carmo — LISBOA

Vai casar a Fátima?
Mande fazer o banquete ou «copo de água» no Café-Restaurante Avenida. Sala própria. Telefone 41.

COGNAC
MARTELL

A SABENA ASSEGURA
26
VOOS POR SEMANA
(4 DOS QUAIS VIA LISBOA)
NAS SUAS CARREIRAS
BÉLGICA / CONGO BELGA / BÉLGICA
EM SUPER DC-6
E SUPER DC-7C
SABENA
LINHAS AÉREAS BELGAS
A COMPANHIA COM MAIOR EXPERIÊNCIA EM VOOS AFRICANOS
SERVIÇOS REGULARES ENTRE A EUROPA E A ÁFRICA DESDE 1935

Sal de Fruta
ENO
dá
boa saúde

Tome sal de fruta ENO, todas as manhãs para manter essa sensação de bem estar.
ENO com as suas propriedades anti-ácidas, estimula o fígado e actua como laxante suave.

SAL DE FRUTA ENO

ENO e SAL de FRUTA são marcas registadas

Quatro exposições em escolas técnicas foram visitadas

pelo ministro da Educação

O ministro da Educação Nacional sr. prof. eng. Leite Pinto, visitou hoje quatro das sete exposições escolares realizadas a propósito do Congresso do Ensino Técnico Profissional.

Acompanhado pelos srs. dr. Carlos Proença, director-geral do Ensino Técnico, eng. Fortes Lima, inspector do Ensino Técnico e prof. dr. Delfim Santos, catedrático de Ciências Pedagógicas da Faculdade de Letras de Lisboa, aquele membro do Governo esteve, de manhã, nas Escolas Afonso Domingues, António Arroio e Josefa de Obidos, onde foi recebido pelos directores, respectivamente, srs. drs. Adelino Marques Paul da Costa, Lino António e Maria das Dores Malveira, bem como por numerosos professores daqueles estabelecimentos de ensino.

À tarde, o prof. eng. Leite Pinto visitou a exposição que está patente na Escola Francisco de Arruda, de que é director o sr. dr. Calvet de Magalhães.

Serão saudados ao entrar no Tejo

A semelhança do que acontece em Hamburgo, os barcos de passageiros que entrem no Tejo passarão a ser saudados através de potentes alto-falantes colocados nas margens. Em princípio pensou-se colocar esses alto-falantes na Torre de Belém, mas a ideia foi posta de parte.

NEO-PENITROL
Uma nova fórmula potenciada
ANGINAS • FARINGITES • LARINGITES
PIORREIAS • GENGIVITES • GRIPES • ETC.

ORDEM DOS MÉDICOS

SECÇÃO REGIONAL DE LISBOA

Nos termos do art.º 39.º do Estatuto, convoco a Assembleia Regional de Lisboa da Ordem dos Médicos, para reunir no próximo dia 10 de Janeiro de 1959, pelas 21 horas, na sede, Avenida da Liberdade, n.º 65-1.º andar, desta Cidade, com a seguinte

ORDEM DOS TRABALHOS

1.º — Discussão e votação do Relatório e Contas da gerência do Conselho Regional, relativos ao ano de 1958;

2.º — Discussão e votação do Orçamento para o ano de 1959;

3.º — Eleição de corpos gerentes para o triénio de 1959/1961.

Não havendo, á hora marcada, numero legal de membros inscritos, fica feita a segunda convocação para uma hora depois.

Lisboa, 19 de Dezembro de 1958.

O Presidente da Assembleia Regional

a) **Luiz Quintela**

Pequenas noticias

FESTAS ASSOCIATIVAS

Abrilhantadas por orquestras, e dedicadas especialmente ao seus associados e suas famílias, efectuam-se festas, esta noite, na Academia 1.º de Setembro de 1867, Casa da Comarca de Arganil, Casa de Lafões (organizada pela Liga de Melhoramentos de Covas e Póvoa Pequena, Vouzela) e Associação Luís Braille; e amanhã, de tarde, na Casa do Alentejo, Casa do Algarve, Casa da Comarca de Arganil e Academia 1.º de Setembro de 1867.

ALIANÇA MUTUALISTA

A Associação de Socorros Mutuos Aliança Mutualista aprovou o orçamento para o próximo ano e elegeu novos corpos gerentes. Presidem á assembleia geral, á direcção e ao ao conselho fiscal, respectivamente, os srs. dr. José Nunes da Silva, António Alves da Fonseca e Ramiro Alves.

JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO

Realiza-se hoje, na Feira das Industrias Portuguesas, o jantar anual de confraternização da «Família Mobil», oferecido pelo conselho de administração da Mobil Oil Portuguesa a todos os seus empregados.

Recinto de diversões

— No «dancing» Fontória, estreia-se hoje o «Trio Madrid» acompanhado pelo seu guitarrista privativo Niño del Plata.

MONTE CARLO
Av. Fontes Pereira de Melo, 49-C
Sensacional noite de S. Silvestre
BOA CEIA — BOA MÚSICA — MUITA ALEGRIA
SURPRESAS !
BRINDES PARA TODAS AS SENHORAS
Conjunto Sousa Machado
Os espumantes para esta ceia são dos conhecidos
CAVES ALIANÇA
Reserve a sua mesa pelos telefones
44789 e 59264

HOTEL EMBAIXADOR
APRESENTA
no «TERRAÇO DAS ESTRELAS»
Elisabeth Gay
apreciada vedeta do disco e da televisão francesa
Ao piano: **TORREGROSSA**
grande animador dos ritmos modernos
AMANHÃ: «Matinée» com todas as atracções, chá completo 25$00
(Adultos — Maiores de 17 anos)

O mais animado
«Reveillon» de Lisboa
vai ser o do
HOTEL EMBAIXADOR
que apresentará grandes atracções internacionais
Reservam-se mesas — Ceia 250$00, no Terraço das Estrelas» (traje de noite); no restaurante (traje de passeio); No salão «cocktail», entrada 100$00, com direito a 50 de consumo. —— (Adultos maiores de 17 anos).

Teatros e Cinemas

As estreias de ontem

Por absoluta falta de espaço, vemo-nos obrigados a retirar para amanhã as críticas da peça «Gigi», que ontem subiu á cena no Monumental, e da nova companhia de circo que se estreou no Coliseu dos Recreios. Ambos os espectáculos conquistaram o agrado do publico.

Atrás do reposteiro

Foram assim distribuidas as figuras do «Auto da Mofina Mendes», que a TV vai apresentar na véspera de Natal: «Mofina Mendes», Susana Prado; «Prudência», Maria Albergaria; «Mumildade», Maria José; «Pobreza», Maria de Lourdes Carvalho; «Fé», Maria Schulze; «Anjo Gabriel», Lurdes Norberto; «Virgem», Gina Santos; «Frade», Pedro Lemos; «S. José», Manuel Lereno; «Paio Vaz», Henrique Santos; «André», Luís Horta; «Pessival», Roberto Viana; «Tibaldinho», Vasco Silva; «João Calveiro», Rui Mendes; «Brás Carrasco», José Margarido; e «Barba Triste», Morais e Castro.

— O grupo cénico da Sociedade de Instrução Tavaredense leva á cena, no mês de Janeiro, a peça de Alejandro Casona, «As árvores morrem de pé».

— Na quarta-feira á tarde são representadas, no Teatro da Trindade, pelo elenco do T. N. P., as peças «O pão que o Diabo amassou» e «Pedido de casamento».

— A actriz Mirita Casimiro continua no Rio de Janeiro, actuando no teatro e na rádio.

— No Teatro Experimental do Porto prosseguem os ensaios do novo original português «Linda Inês».

— A coreografia da revista «Aqui é Portugal», em ensaios na Academia de Santo Amaro, está a ser ensaiada por Ausenda Monteiro.

— Na decorrente época devem ir ao Teatro Sá da Bandeira, do Porto, as companhias do Avenida e do Variedades.

— No paquete «Lima», seguiu para o Funchal a companhia do Circo Royal.

No D. Maria II

prossegue a carreira de «O Processo de Jesus»

«O processo de Jesus», na magistral encenação do prestigioso homem de teatro espanhol Cayetano Luca de Tena, está a despertar cada vez maior interesse do publico, pelo conjunto de circunstancias que fazem deste espectáculo um acontecimento de grande relevo intelectual e artistico. Na interpretação participam, por ordem de entrada em cena: Luís Filipe, Amélia Rey Colaço, Mariana Rey Monteiro, José de Castro, Varela Silva (tribunal); Manuel Correia, Carlos Duarte, Catarina Avelar, Carlos Gonçalves, Jacinto Ramos, Erico Braga, António Palma, Paiva Raposo, Helena Felix e Carlos Avilez (testesmunhas); e Jaime Santos, Raul de Carvalho, Alberto Ponces, Ema Paul, Luís Cerqueira, João Mota, António Machado, Carlos Rosa, Alfredo Amaral, Maria Luísa Sousa e Palmira Bastos (publico).

No Trindade

Últimas representações de «O diário de Anne Frank»

O programa do Teatro Nacional Popular, que foi superiormente aprovado, tem de cumprir-se. Por esse motivo, apesar do êxito que tem alcançado, «O diário de Anne Frank» sairá brevemente do cartaz do Trindade, chamando-se para o facto a atenção de quantos ainda não viram aquela peça.

Amanhã, á tarde, «O diário de Anne Frank» poderá ser visto pelos estudantes, num espectáculo que lhes é dedicado, com bilhetes desde 5 escudos.

No Avenida

vai voltar à cena «O Mentiroso»

Vai voltar á cena, no Avenida, durante a quadra festiva do Natal, a engraçada peça de Carlo Goldoni «O Mentiroso». O publico terá oportunidade de voltar a aplaudir Samwel Dinis, Carmen Dolores, Rogério Paulo, Madalena Sotto, Henrique Santos, Constança Navarro, Alberto Ghira, Mário Pereira, Alexandre Vieira, Fernanda Alves, Al-

(Continua na 6.ª página)

ADULTOS—(Maiores 17 anos)
Empresa ANTÓNIO MARTINS
HOJE: ESTREIA EXCEPCIONAL!
A FAMOSA VEDETA COREOGRÁFICA:
AURELIARIOS
NUM ELENCO COM MAIS 6 ATRACÇÕES EM ÊXITO TOTAL
EM BREVE: GRANDE ACONTECIMENTO DE ESTREIA:
4 NOVIDADES MARROQUINAS
LIMPIA Clube
Musica de baile pela orquestra
ALMEIDA CRUZ
Telef. 367581

BIBI FERREIRA
MARIA VITORIA
Emp.' «E. Salvador e R. Martins, Lda.»
Adultos (M/17 anos)
ANTÓNIO SILVA
BARROSO LOPES
SALVADOR
APRESENTA
A SUA MELHOR REVISTA!
PERLA CRISTAL
POR CAUSA DELAS...
HUMB. MADEIRA
2 sessões ás 20.30 e 22.45
AMANHÃ
ESPECTACULO À TARDE
A'S 16 HORAS
MIMI GASPAR

HOJE OUTRA NOITE DE GRANDE BRADO
A EXTRAORDINÁRIA ATRACÇÃO PORTUGUESA
BALLET
ERASTRO
BRILHANTE REVELAÇÃO DE UM ESFORÇO COREGRÁFICO APLAUDIDO COM ENTUSIASMO
HERMANOS SEVILLA em bailados e canções castiças
E, AINDA TODO O ELENCO DE OURO DO «RITZ»
RITZ CLUB
EMPRESA RITZ CLUBE
ADULTOS (maiores de 17 anos)
Musica de baile por VILAÇA e sua orquestra
No Salão Típico: CEIAS COM FADOS E GUITARRADAS
MUITO BREVE: O FAMOSO E INCOMPARÁVEL
TRIO GUALTERI
com a sensacional contorcionista
TIZIANA
E, AINDA, A NOTÁVEL PARELHA DE BAILE
HERMANOS VILLALTA
EM CRIAÇÕES DE GRANDE ÊXITO

Teatro Nacional de Dona Maria II
TODAS AS NOITES, ás 21 e 45 (12 ANOS)
UM GRANDE ÊXITO
O PROCESSO DE JESUS
TODA A COMPANHIA
AOS SABADOS, A'S 16 HORAS TARDES POPULARES A PREÇOS REDUZIDOS COM O PROCESSO DE JESUS
O TEATRO ESTÁ AQUECIDO

SO' MAIS 4 UNICOS e ULTIMOS DIAS!
NO AVENIDA
ÀS 21.45 HORAS
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES!
COM A OBRA-PRIMA DA DRAMATURGIA NACIONAL
O GEBO E A SOMBRA
o magnifico triunfo da companhia do «Teatro de Sempre» que vai sair de cena em pleno êxito
Amanhã ás 16 horas, ultimo espectáculo á tarde!
Adultos M. de 17 anos
5.ª-FEIRA, DIA DE NATAL
À tarde e á noite e durante a quadra festiva reaparece, sensacionalmente o 1.º êxito da companhia
«O MENTIROSO»

Costinha no «Professor de Geografia»
NO VARIEDADES
EM 2 SESSÕES ás 20.30 e 22.45 h.
A grande vedeta da popularidade e da alegria
BEATRIZ COSTA
TRIUNFA NA VITORIOSA REVISTA POPULAR
Com Jeito Vai!
O ÊXITO DE QUE LISBOA INTEIRA FALA COM ENTUSIASMO!!!
ESPE. P.ª ADULTOS M. DE 17 ANOS
AMANHÃ e DIA DE NATAL ás 16 h., espectáculo á tarde!

Berta Loran em «Eu sou um fenómeno!»

UM ÊXITO!
ONTEM APLAUDIDO ENTUSIÀSTICAMENTE!
GIGI
DE COLETTE

IRENE * BRUNILDE * PAULA BENAMOR * MACIEIRA
MILÚ na «Protagonista»
AMANHÃ A TARDE ÀS 16 HORAS
TEATRO MONUMENTAL
T. 55133 — ADULTOS M/ 17 ANOS
ESPECTÁCULO VASCO MORGADO—HOJE, ás 21.45 h.
TEATRO INFANTIL
3 ENCANTADORAS PEÇAS
AUTO DAS 3 COSTUREIRAS
DE ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA
LÁ CIMA DESSE TELHADO
DE A. M. COUTO VIANA E EDUARDO RIOS
O NOSSO AMIGO SOL
DE LÍLIA DA FONSECA
PELO ELENCO DO TEATRO DO GERIFALTO
SUBSIDIADO PELO FUNDO DE TEATRO
AMANHÃ ÀS 18.30 H.
PARA MAIORES 4 ANOS
PREÇOS
3.º Balcão frente 5$00
2.º Balcão 10$00
Plateia 15$00

EM 2.ª SEMANA
no
IMPÉRIO
O FILME DE ALTO NÍVEL QUE O MELHOR PÚBLICO EXALTA E RECOMENDA VIVAMENTE

CRIME PASSIONAL

— LE DOS AU MUR —
com expressivas interpretações de
GÉRARD OURY
JEANNE MOREAU
PHILIPPE NISSARD
O AMOR E O PECADO NUM CONFLITO DILACERANTE...
REALIZAÇÃO DE
EDOUARD MOLINARO
PRODUÇÃO GAUMONT
Exclusivo SIF
(Adultos — Maiores de 17 anos)

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

CALYPSO

Praça da Alegria, 56
Telef. 34120
ADULTOS
MAIORES 17 ANOS

FOI UM ÊXITO A ESTREIA DO BALLET
MILOS RISTIC
Em despedida a atracção Norte-americana
WILBERT BRADLEY DANCERS
NO RESTAURANTE:
OPTIMO SERVIÇO de CEIAS com FADOS e GUITARRADAS

Restaurante da F. I. P.
Grande reveillon
Marque desde já a sua mesa 639047

21 DOMINGO | **«O FAIA»** Está em festa

ABC
EMP. TEATRAL ABC, LDA.
VINHO NOVO
Às 20 e 30 e 22 e 45
Para maiores de 17 anos
AMANHÃ «MATINÉE»

TRINDADE
Telef. 20000 — (17 anos)
HOJE, ÀS 21.45 HORAS
O T. N. P. APRESENTA O MAIOR EXITO MUNDIAL DOS ULTIMOS ANOS
O DIARIO DE ANNE FRANK
AMANHÃ «MATINÉE» ÀS 16
O TEATRO ESTA AQUECIDO

Leia o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»

CAFÉ
CHAVE D'OURO
Salão de Chá
das 17.30 as 20
e das 22,30 as 3.30 horas
Musica de dança pelo esplêndido
"CONJUNTO PORTUGAL"
com o Cantor
RICARDO LUIZ
GRANDE REVEILLON
Marcam-se mesas
(Maiores de 15 anos)

BUGIO
Telefone 643198
RESTAURANTE E SNACK-BAR
Pastelaria — Salão de Chá — Bilhares — Salão para banquetes, casamentos, baptizados, festas, etc.
Largo 5 de Outubro
STO. AMARO DE OEIRAS

O TRIUNFAL «BALLET» - ESPECTACULO
NOCHES DE ESPAÑA y MAYTECHU com SUS «CLAVELES ESPAÑOLES»
Casaroga
TELEF. 23524
Empresa MANUEL ZEFERINO
(ADULTOS M.ª DE 17 ANOS)
A GRACIOSA VEDETA
DIVINA GINELTI
em canções e bailados
Sábados e Domingos
Matinées-dançantes das 18 ás 20 horas, com todo o elenco
NOITE DO FIM DO ANO: SENSACIONAL
REVEILLON
MUITAS E VARIADAS SURPREZAS
Musica de baile por SERGIO E SUA ORQUESTRA

OPTIMA CONSOADA
NATAL — ANO NOVO
Aos Pais, Padrinhos, Tios e Amigos:
Ofereçam como lembrança as maravilhosas
PEUGAS e SOQUETES

BETA
(PEÚGAS SEM RIVAL)
PONTO FINAL EM QUALIDADE E PADRONAGEM
ALGODÃO
LA
MOUSSE NYLON

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ TEL. 27173
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
Uma história de amor no cenário impressionante de uma região agreste
IRMÃO CONTRA IRMÃO
com Robert Taylor e John Cassavetes

ÉDEN TEL. 20768
Emp. Lopo Lauer
Às 15 - 18 e 21.30 (M/12 anos)
O filme em Cinemascope e em Technicolor
A PONTE DO RIO KWAI
Uma obra majestosa e heroica de grande envergadura espectacular.
ATENÇÃO: Previne-se o publico de que o filme começa a ser exibido ás 15.10 - 18.10 e 21.40.

CONDES TEL. 22523
A's 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/6 anos)
2.ª SEMANA
O mais belo filme para a mais bela quadra do ano em Eastmancolor
A FAMILIA TRAPP NA AMÉRICA
com Ruth Leuwerik e Hans Holt e os 7 miudos de Trapp

AVENIDA Telefone 763084
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
Um tinha pressa de viver ... o outro estava cansado de lutar!
IRMÃO CONTRA IRMÃO
com Robert Taylor e John Cassavetes

S. LUIZ TEL. 48560
As 21 (M/17 anos)
NATHALIE
Cinemascope col.
A bela moleira

CINEMA DE A Telefone 24194
A's 21 (M/12 anos)
CANTINFLAS PORTEIRO
A deusa da lua

TIVOLI TEL. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
3.ª Semana do célebre Sr. Hulot em (M/12 anos)
O MEU TIO
Uma obra-prima em Eastmancolor de Jacques Tati.
Amanhã ás 11 h. Ses. clás. «Um estranho na cidade» — (M/12 anos).

POLITEAMA TEL. 26305
18.15 e 21.30 (Maiores 6 anos)
Sempre enchentes com os famosos filmes:
A triunfal maravilha de Walt Disney em Português e em Tecnicolor
A GATA BORRALHEIRA
Em comp.: O doc. col. O VALE DO CASTOR.

MONUMENTAL TEL. 55131
15.15 e 21.30 (M/12 anos)
Uma produção de Walt Disney
O mais belo poema de ternura e emoção dirigido a todos os corações.
O RAPAZ E O CÃO
com Dorothy McGuire, Fess Parker e Tommy Kirk
Em complemento, PORTUGAL, de Walt Disney — em Cinemascope e e Techn

ODEON Telefone 26283
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
3.ª SEMANA
Duma grande produção colorida, com Marga Lopez e Roberto Cañedo
O DIARIO DE MINHA MÃE
Amavam-se com loucura... e tudo aconteceu naquela tarde...

ROYAL TEL. 845037
As 21 (M/12 anos)
O VALOR DE VIVER
No programa:
Homens violentos

TERRASSE TEL. 20917
As 21 (M/17 anos)
QUERIDO JOEY
Jubal

IMPÉRIO Tel. 551344-5
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
O amor e o pecado num conflito empolgante
CRIME PASSIONAL
com Gerard Oury e Jean Moreau

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
Um filme sensacional e empolgante!
Joel McCreia, Barbara Hale e Glória Talbott
LUTA DE MORTE
Cinemascope — Cor de Luxe

ROMA Telefone 27778
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
3.ª SEMANA
Os maiores cómicos internacionais na hilariante sátira
TOTÓ, FERNANDEL E A LEI
com Noel Roquevert e Nathalie Nerval
No palco, ás 22 h, Galo e o seu conjunto (o mais categorizado do Brasil).

AVIS Telefone 47163
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/6 anos)
Um novo romance sentimental que vai enternecer todos os corações
O MELHOR DIA DA MINHA VIDA
com Paul Horbiger, Elinor Jensen e o grupo dos PEQUENOS CANTORES DE VIENA

RESTELO Telefone 610375
21.15 (M/17 anos)
Dyaliscope
O INCÓGNITO
c/ Eddie Constantine

CASINO ESTORIL
A RAPARIGA DAS VIOLETAS
21.30 (M/17 anos) c/ Sara Montiel

Teatros e Cinemas

(Continuação da 4.ª página)

berto de Oliveira e Armando Caldas.

No Teatro ABC

o público ri com «Vinho Novo»

O publico não deixa de acorrer ao Teatro ABC para ver a engraçadissima revista «Vinho Novo», um dos mais alegres e divertidos espectáculos do género. O publico ri a bom rir com as criações de Aida Baptista, estrela do espectáculo; com Alvaro Pereira, magnífico nos «Existencialistas» e em «Avó e Neta»; com José Viana, em rábulas de excelente recorte popular; com Antónia Montes e Clarisse Belo; com Carlos Coelho, no «compére»; e, ainda, com Leónia Mendes, que dá a sua colaboração ao espectáculo emprestando a sua graça e alegria; Raul Solnado, um dos mais notáveis actores cómicos da moderna geração; os bailarinos Yola & Paulo, de categoria internacional; e a grande vedeta do disco, o italiano Loris Velli, além de muitos outros artistas e lindas raparigas.

Em S. Carlos

vai estrear-se uma nova ópera portuguesa

Há grande expectativa por causa da próxima estreia, em S. Carlos, da nova ópera do maestro Ruy Coelho, «O Vestido de noiva», na qual colaboram, além dos cantores e cantoras, um conjunto coral, a Orquestra Sinfónica Nacional e o «Verde Gaio» com coregráfia de Francis.

Ruy Coelho procurou dar a esta sua nova partitura um carácter genuinamente português, de forma que a sua ópera não se possa confundir, ao ouvir-se, com obras do mesmo género alemãs, francesas, italianas ou espanholas.

A acção passa-se num velho bairro de Lisboa numa noite de Santo António. Este realismo musical encontra similares em Albeniz e Falla, assim como na «Carmen de Bizet.

Maria Callas

obteve em Paris um grande triunfo

PARIS, 20 — Na récita de gala na Opera, com a presença do presidente da Republica e de «todo Paris», triunfou o génio da cantora italiana Maria Callas.

Na sala encontravam-se numerosas personalidades, o corpo diplomático, o príncipe Ali Khan, os duques de Windsor, a begum Agan Khan, Brigitte Bardot, Juliette Greco, Charlie Chaplin, etc.

Ao subir o pano longos aplausos acolheram a cantora, que, com um vestido de veludo escarlate e o pescoço cintilante de brilhantes, avançou até o proscénio onde um coro, fazendo semicírculo por detrás de la, a esperava. Depois do «Cafta Diva», cantou dois trechos do «Trouvere» e «Una Voce Poco Fa». Ao terminar, a ovação foi verdadeiramente calorosa.

A segunda parte do espectáculo, preenchida com o segundo acto da «Tosca», Maria Callas, com um vestido de seda branca e penteado á «Directório», provou que é, ao mesmo tempo, uma grande actriz e uma cantora admirável.

No intervalo, foi apresentada ao presidente da Republica, que a felicitou, dizendo-lhe: «A sua actuação, foi magnifica. Gosto imenso da musica italiana, mas nunca tinha ouvido cantá-la tão bem».

A meia-noite, enquanto os organizadores da récita, que revertia para as «Obras de Auxílio da Legião de Honra» verificavam no «foyer» os ultimos preparativos para a ceia que ia reunir 500 convidados, o chefe do Estado abandonava o edifício da Opera.

Maria Callas entregou o seu «cachet» de 10.000 dólares (290 contos) para aquela obra de assistência. — (F. P.).

Natal!

Dois espectáculos para crianças no Coliseu, com a Companhia de Circo do Natal

No dia de Natal, dois espectáculos de dia, no Coliseu, o primeiro ás 14 e 30, o segundo ás 17 e 15. Todas as atracções da grande companhia do Natal. As crianças, até aos 10 anos, devidamente acompanhadas, têm entrada gratuita.

Coliseu

CRIANÇAS AO CIRCO!

A apoteótica estreia de ontem da nova companhia de circo do Coliseu, a grande companhia do Natal. Esta noite, todas as crianças podem assistir. Amanhã, espectáculo às 16 horas. Dia de Natal, às 14,30, 17,15 e 21,30

Verdadeira apoteose a estreia da nova companhia de circo — a gigantesca companhia do Natal — ontem no Coliseu. O publico gostou em cheio. Esta noite, ás 21 e 30, todas as crianças podem ver esse arrebatador espectáculo, com dezenas de atracções. Amanhã, ás 16 horas, espectáculo com entrada gratuita ás crianças até aos 10 anos, acompanhadas. No dia de Natal, dois espectáculos para crianças, ás 14 e 30 e ás 17 e 15.

Aurora Sobral

LUSO

Travessa da Queimada, 8-A — Tel. 32889

ADULTOS — MAIORES 17 ANOS

Hoje (até de madrugada) cantam: **Aurora Sobral** — **Joaquim Geraldes** — **Constança Nunes** — Manuel Hilário — Florinda Maria e **João Viana** «Vianinha». Acompanhamentos por A. Couto e A. Rami. **Amanhã — Grandiosa «Matinée» de Beneficência»** para as **«Criancinhas Pobres»**

«NOITE DE FIM DO ANO» — «GRANDE REIVEILLON» COM FADOS E BAILE

Optimo Serviço de Restaurante — Servem-se Ceias

MARCAM-SE MESAS

Cantinho da Mãe Preta

Beco do Azinhal — ALFAMA

Telef. 366183 — M. DE 17 ANOS

Maria da Conceição

á frente dum brilhante agrupamento artístico. Todas as noites fartamente ovacionado

FADO RIGOROSO e CANÇÕES TÍPICAS

VARIAÇÕES À GUITARRA

VARIAÇÕES A' VIOLA

M. da Conceição

O CANTINHO DA MÃE PRETA está sendo preferido pelas melhores famílias.

FONTÓRIA

P. da Alegria—Maiores de 17 anos

HOJE FAMOSA ESTREIA DO

TRIO MADRID

Uma notável atracção do **CASINO FEDALA**

com o seu guitarrista **NIÑO DEL PLATA**

O DANCING DOS GRANDES EXITOS INTERNACIONAIS

EM GRANDE EXITO:

TRIO ANA MARIA

HERMANAS ROMERO

CASSANDRA

RUA JARDIM DO REGEDOR, 15

(a 40 metros da Praça dos Restauradores)

Abriu hoje este estabelecimento com as mais recentes novidades nacionais, inglesas, francesas, suiças e italianas. Secções de perfumaria, bijuterias, lingerie, malhas e meias.

DE LUTO

Jorge Ferreira Braga

Faleceu hoje o sr. Jorge Ferreira Braga, de 69 anos, natural de Lisboa, sócio da Casa Barbosa & Costa, Ld.ª, casado com a sr.ª D. Elvira Freire Ferreira Braga, pai da menina Maria Candida Freire Ferreira Braga, irmão do sr. Raul Ferreira Braga e da sr.ª D. Berta Ferreira Braga Simões. O funeral, a cargo da Casa A. G. Magno, Ld.ª, da Avenida Almirante Reis, realiza-se amanhã, pelas 11 horas, da residência, Av. João XXI, 43, 4.º, direito, para jazigo no Alto de São João.

Procópio Augusto Galapito

Falaceu o sr. Procópio Augusto Galapito, de 83 anos, farmaceutico, natural de Portalegre, pai das sr.ªs D. Maria Helena Lima Galapito e Sousa e D. Deolinda Lima de Sousa Galapito Antunes. O funeral realiza-se amanhã, ás 11 horas, da Rua Tomás Ribeiro, 22, 1.º, direito, para o cemitério do Alto de S. João.

António José Carvalho da Silva

Faleceu o sr. António José Carvalho da Silva, de 80 anos, natural de Gouveia, casado com a sr.ª D. Arminda dos Santos Silva, e pai do sr. António José dos Santos Carvalho da Silva. O funeral, a cargo da Agência SRAF, realiza-se amanhã, ás 11 horas, da Igreja de São João de Deus, para jazigo no cemitério do Alto de S. João.

do prof. dr. Manuel Andrade

COIMBRA, 19 (Pelo telefone) — Foi hoje a enterrar o prof. dr. Manuel Augusto Domingues Andrade, figura das mais interessantes da vida coimbrã, mestre notável da Universidade. Natural de Canelas (Estarreja), casado com a sr.ª D. Lucinda Gomes de Andrade, professora do liceu D. João III, pai do sr. Manuel António Gomes Andrade e da menina Manuela Gomes Domingues Andrade e irmão do sr. dr. Ernesto Domingues Andrade, advogado em Lisboa, o pro. dr. Manuel Andrade era catedrático da Faculdade de Direito, tendo-se doutorado em 1937, na Faculdade de Direito. Publicou obras importantes como «Ensaio sobre a Interpretação da Lei», «Teoria das Obrigações», «Noções de Processo Civil» e «Teoria Geral da Reacção Jurídica». Foi redactor da revista «Legislação e Jurisprudência» e do «Boletim da Faculdade de Direito».

No funeral incorporaram-se quase todos os professores da Universidade e centenas de estudantes.

Alfredo Ferreira (Riba de Ave)

PORTO, 20. — (Pelo telefone). — Na sua residência, na Casa da Lameira, em Riba de Ave, faleceu, hoje, quase repentinamente, com 69 anos, o grande industrial e benemérito sr. Alfredo Ferreira, sócio principal da firma Sampaio Ferreira & C.ª Ld.ª, uma das maiores instalações da industria de fiação e tecelagem do País, e membro do conselho fiscal do Banco Português do Atlantico.

O extinto deixa viuva a sr.ª D. Maria Amélia Costa Ferreira e era pai do sr. José Carlos Ferreira, irmão do sr. Raul Ferreira (conde de Riba de Ave), Delfim Ferreira e D. Rita Ferreira Braga. Comendador da Ordem Militar de Cristo, era uma figura de grande relevo na vida industrial e financeira do País.

D. Arminda Filomena Fernandes

BRAGANÇA, 19. — Em sua casa, na freguesia de Rebordoinhos, deste concelho, faleceu a sr.ª D. Arminda Filomena Fernandes, de 71 anos, natural de Vilar d'Ouro, freguesia de Soutelo Mourisco, concelho de Macedo de Cavaleiros.

FORAM PRESOS

por vender carne a preços superiores aos da tabela

As brigadas da Fiscalização da Intendência prenderam, esta manhã, o talhante Joaquim Santos Costa, da firma Rodrigues & Carvalho, Ld.ª, na Avenida Guerra Junqueiro, 18-C, por vender carne de carneiro por mais 6$40 em quilo do que o preço da tabela e carne de vaca, por mais 3$00; o cortador Anselmo Barata, da firma Eduardo Lourenço & Herdeiros, na Rua de S. Tomé, 29, por vender carne de vaca por mais 4$00 em quilo; e o cortador Luís Augusto Santos Estêvão, da firma Afonso Carvalho, Ld.ª, na Rua Visconde de Santarém, 40, por vender carne de vaca mais cara 3$10 que o preço fixado.

A fiscalização está disposta a reprimir enérgicamente todas as tentativas de aumento de preços em relação a todos os artigos e produtos.

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis

TELEFONES 43189 — 43180—55301—66 27 72—08 00 22

SOCIEDADE COMERCIAL REICARRERA, LDA.

Rua do Salitre, 90 — Lisboa — Telefone 43134

GRANDES MARCAS DE BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

——*

Agentes e Distribuidores de:

Vinhos do Porto **«FONSECA'S»**

Vinhos do Porto **«GUIMARÃES»**

Vinhos do Porto **«REICARRERA»**

Grandes Espumantes Naturais e Brandy **«SÃO DOMINGOS»**

Licores e Aperitivos **«JOCKEY»**

Vinhos do Dão **«REICARRERA»**

Vinhos de Mesa (Verdes e Maduros) **«CASALINHO»**

Champagne **«LUIS ROEDERER»**

Armagnac **«DUCASTAING»**

Vinhos de Borgonha **«LUPÉ – CHOLET & CIE.»**

Vinhos de Bordeus **«GRANCRU»**

——*

Vinhos do Reno — Scotch Whisky — Gin Licores Estrangeiros — Cervejas Holandezas e Dinamarquezas, etc.

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

Dois jogos importantes

Sporting - Belenenses e Cuf - Benfica

figuram na 13.ª e última jornada da 1.ª volta

A derradeira jornada do campeonato nacional da 1.ª Divisão disputa-se amanhã, ficando por realizar o jogo Sporting da Covilhã-C. U. F. que foi adiado para data a designar devido ao mau tempo. O contratempo não influirá muito na apreciação geral do comportamento das equipas, visto que desde já podem estabelecer-se confrontos e extrair conclusões — salvo no que respeita á posse do titulo, que é questão ainda para longo debate.

A ronda de amanhã, a 13.ª, compreende os seguintes jogos:

Sporting-Belenenses
C. U. F.-Benfica
V. Guimarães-Sp. Covilhã
Caldas-Académica
Lusitano-Barreirense
V. Setubal-Sp. de Braga
F. C. do Porto-Torriense

Salientam-se os encontros de Alvalade e do Barreiro, já que o Vitória de Guimarães actua, no seu ambiente, contra o Covilhã. Nos dois primeiros, figuram o Benfica e o Belenenses, os dois primeiros classificados, e ainda o Sporting, cuja candidatura não desapareceu na penumbra dos tempos. O 3.º classificado, o F. C. do Porto, joga no seu campo contra um adversário que não deve oferecer dificuldades.

Benfica e Belenenses em jornada cautelosa

Efectivamente, as cautelas dos «encarnados» e «azuis» são perceptiveis, visto que além de visitantes, enfrentam dois adversários de envergadura. O Benfica, frente á C. U. F., vai sofrer um rude ataque á sua privilegiada posição de «guia» invencivel, pelo que necessitará de todos os seus titulares na plena posse das suas faculdades. Prevê-se um jogo vibrante em que talvez prevaleça a excelente forma dos «encarnados», capazes de conceberem e realizarem um golo, num abrir e fechar de olhos.

Em Alvalade, a situação é idêntica, dado que os «leões» tudo farão para serem realmente... uns leões. O desejo de reabilitação é um objectivo determinado. Se os avançados de Alvalade afinarem a pontaria, talvez os belenenses experimentem dificuldades, se a sua defesa, claro, estiver pelos ajustes. A hipótese de um empate é de admitir embora a estrutura da turma do Restelo constitua uma força a considerar.

Dos três clubes do Norte o de Braga é o menos favorecido

O F. C. do Porto e o Vitória de Guimarães — este a realizar uma notável carreira — são favoritos, em nitido contraste com o Sporting de Braga, que se desloca para Setubal. Na verdade, tanto os Torresãos como os Covilhanenses não parecem habilitados para desfeitear as equipas visitadas. Em contrapartida, os Bracarenses, que não vencem há cinco jornadas, têm nos Sadinos um obstáculo sério. Aliás, estes têm marcado passo e, naturalmente, desejam recuperar o terreno perdido. Parece que o Sp. de Braga não evitará a derrota.

As visitas da Académica e Barreirense ás Caldas da Rainha e a Evora despertam interesse. Qualquer das equipas necessita de ganhar, mas os locais terão de rodear-se de todos os cuidados, porquanto os adversários, especialmente os estudantes, são capacissimos de chamar a si o triunfo.

Enfim, jornada que se reveste de interesse e que é susceptivel de alterar a tabela da classificação.

Competições da A. F. L.

A jornada de amanhã inclui encontros de cinco competições, num total de 38 desafios, assim repartidos:

Camp. distrital da 1.ª Divisão — 15.ª jornada — Desp. dos Olivais-Operário, no campo «Alfredo Marques Augusto», ás 10.30 h. (honra) e 13 h. (reservas); Alverca-Casa Pia, em Alverca; Vilafranquense-Fut. Benfica, em Vila Franca de Xira; Sintrense-Alhandra, em Sintra; Vitória-S. L. Olivais, na Picheleira — todos ás 15 h. (honra) e 13 h. (reserva).

Camp. distrital da 2.ª Divisão — 6.ª jornada—Amoreiras-Palmense, no campo «José Ramos»; Santa Iria-U. Povoense, em Santa Iria; E. Amadora-Charneca, na Amadora — todos ás 15 horas: Odivelas-Desp. Castelo, em Odivelas; S. L. Fanhões-Ericeirense, em Fanhões — ambos ás 15.30 horas.

Camp. distrital da 3.ª Divisão — Série A — 3.ª jornada — 1.º de Dezembro-Queluz, em S. Pedro de Sintra; Cascalheira-Lourel, em «Pina Manique» (treinos): Alto da Eira-Belas, no campo «Francisco Lázaro»: Linda a Velha-Cacém, no E. Nacional (treinos): Carcavelos-U. Algés, em Carcavelos — todos ás 15.30 horas. **Série B — 4.ª jornada** — Tojal-Loures, no campo da «Meia Laranja», ás 15 h.; Camarate-Zambujalense, em Camarate; Castanheira-Bucelenses, na Castanheira; Caneças-Vialonga, em Caneças; Povoense-A. C.-Pinheiro de Loures, no campo da Amoiteira; Malveira-Ponte de Frielas, na Malveira — todos ás 15.30 horas.

Camp. de Juniores da 1.ª Divisão — Série A (jogo atrasado) — Palmense-Arroios no campo «José Ramos», ás 11 h. **Série B (jogo atrasado)** — Torriense-Alhandra, em Torres Vedras, ás 10 horas.

Campeonato de Juniores da 2.ª Divisão — 5.ª jornada — Série A — Santa Catarina-Vitória, no campo «José Ramos», ás 9.30 h.: Mirantense-Carcavelos, em «Pina Manique» (treinos); U. Algés-Linda a Velha, em Algés — ambos ás 10.30 h. **Série B** — Amadora-R. Janeiro, na Amadora; Sintrense-Amoreiras, em Sintra—ambos ás 10.30 h.; Sporting-Queluz, em Alvalade (treinos): Casa Pia-Fut. Benfica, em «Pina Manique» — ambos ás 11 h. **Série C** — Sacavenense-Alverca, em Sacavém ás 10 h.; Vilafranquense-Santa Iria, em V. F. Xira: Oriental-Camarate, em Marvila — ambos ás 10.30 h.

SEGUNDA «DIVISÃO» NACIONAL

Os dois guias da classificação

vão jogar no campo dos adversários

O Campeonato Nacional da 2.ª Divisão tem amanhã a sua 16.ª jornada — 3.ª da segunda volta.

Na Zona Norte, estão previstos os seguintes encontros:

G. Vicente (12)-Vian. (10) — (0-4)
Boavista (23)-Espinho (16)—(2-1)
Oliveiren. (16)-V. Real (15)—(1-1)
Chaves (16)-Sanjoan. (15) — (2-2)
Tirsense (13)-Salgueir. (18)—(0-2)
Peniche (14)-Portalegr. (5) — (4-0)
Marinh. (14)-Leixões (24) — (0-1)

A jornada é susceptivel de fornecer um novo guia da classificação, ainda que não seja essa a hipótese mais provável. O Boavista (23 pontos) joga em casa e deve vencer; o Leixões (24) vai ao campo do adversário e tem de se aplicar mais a fundo.

O despique Aveiro-Vila Real (em O. Azeméis e Chaves) deve liquidar com honra para ambas as partes, pois os visitados são favoritos. Nos três restantes desafios (em Barcelos, Santo Tirso e Peniche) as lutas devem revestir-se de equilíbrio.

* * *

O programa da Zona Sul apresenta-se assim:

Oriental (15)-Juvent. (12) — (0-0)
Arroios (9)-Olhanense (22) — (1-3)
Sacaven. (11)-Estoril (17) — (1-5)
Beja (10)-Atlético (25) — (2-7)
Almada (19)-Montijo (17) — (1-2)
Coruchense (8)-Serpa (12) — (1-3)
Farense (15)-Portim. (16) — (1-2)

O Atlético vai a Beja, onde o espera tarefa de certo modo difícil—que o Beja não anda afastado do ultimo lugar... Mas os lisboetas devem manter o avanço, senão consolidá-lo, visto que o Olhanense vem a Lisboa, podendo escorregar frente ao Arroios... se não se aplicar a fundo.

Nos restantes desafios esperam-se lutas repletas de interesse, merecendo favoritismo o Oriental, o Almada e o Farense. Em Sacavém e em Coruche o vaticínio é mais difícil.

O brasileiro «Vadinho»

treinou-se esta manhã no Sporting

Osvaldo Cordeiro Chaves, desportivamente conhecido por «Vadinho», chegou ontem a Lisboa imprevistamente, a fim de vir esclarecer, como ele próprio declarou, a sua situação com o Sporting. O jogador brasileiro, que está vinculado ao clube «leonino», como se sabe, foi passar as férias ao Brasil e, com surpresa geral, lá permaneceu enquanto não se resolvessem determinados pormenores relacionados com o contrato que o ligava ao Sporting As negociações, porém, não chegaram a uma solução satisfatória e «Vadinho» não se decidia a viajar. Entretanto, um grupo de sócios estabeleceu os indispensáveis contactos e quando tudo parecia estar concluído «Vadinho» faltou á ordem da partida, provocando profunda desolação nos sectores sportinguistas.

Agora, o discutido como desejado jogador, está em Lisboa, disposto a pôr um remate na questão. No aeroporto, aguardava-o um sócio do Sporting, o sr. Julio de Oliveira Martins.

Esta manhã, «Vadinho», que não descurou a sua preparação no Brasil, compareceu no treino do Sporting e sob as vistas de Enrique Fernandez tomou parte em ligeiros exercícios. A sua presença, no Estádio «José Alvalade» suscitou interesse, tendo ali acorrido dezenas de associados do clube. Tomaram parte na sessão, alguns jogadores da 1.ª categoria.

As qualidades do avançado-centro mantêm-se. E' o mesmo jogador hábil, possante e temível rematador.

Julgar-se-á que a comparência de «Vadinho» no treino do Sporting solucionou, definitivamente, todas as desinteligências. Segundo informações, que reputamos fidedignas, existem, porém, certos aspectos a ponderar, dado que compete á direcção do clube dizer a ultima palavra. Ao que parece, o assunto será analisado ainda hoje, admitindo-se todavia a hipótese de «Vadinho» voltar a representar a equipa sportinguista.

Uma fase do jogo Sporting-Benfica junto á tabela

BASQUETEBOL

O Sporting

impôs-se ao Benfica

O grande jogo da jornada de ontem foi, sem duvida, o que travaram o Sporting e o Benfica, perante uma multidão que acorreu ao Pavilhão dos Desportos. O triunfo do turma «leonina» foi o reflexo do seu actual poder.

Os resultados da jornada, a 10.ª, foram os seguintes: Sporting, 72-Benfica, 44; Queluz, 49-Campo de Ourique, 44; Belenenses, 55-Atlético, 49 e Tabacos, 50-Nacional, 45.

Á frente da classificação, encontram-se o Sporting e o Belenenses, com 28 pontos. Seguem-se-lhes o Benfica, 24; Nacional e Tabacos, 18; Queluz, 16; Campo de Ourique e Atlético, 14.

HOJE, Á NOITE

ANIVERSARIO — O Clube Atlético de Campo de Ourique começa a comemorar o seu 36.º aniversário, com um sarau ginástico e demonstrações de judo, ás 21.30 horas, na sua sede.

BADMINTON — Para o campeonato da 1.ª Divisão, na Escola Nuno Gonçalves, defrontam-se Sporting-Técnico e Benfica-Direito; no Gil Vicente, jogam Lisboa Ginásio-Triangulo. Todos os encontros principiam ás 21 horas.

HOMENAGEM NO BENFICA — Às 21 horas, no salão nobre da secretaria, realiza-se a cerimónia da entrega de emblemas «Dedicação», «Aguias de Ouro», «Prata», e «Cobre» e medalha de «Mérito Social e Desportivo» aos sócios do clube com mais de 25 e 50 anos de filiação ou que tenham prestado serviços relevantes á colectividade.

TENIS DE MESA — Às 21.30 horas, no Restelo e em Jardim do Regedor defrontam-se Belenenses-Sporting (A) e Benfica-Sporting (B), em equipas femininas.

XADREZ — Às 21,15 horas, realiza-se a 5.ª sessão do campeonato do Grupo Alekine.

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P.

Campeonato de futebol da Ala de Lisboa (Jogo atrasado) — Escola Afonso Domingues-Escola António Arroio, no campo de treinos do Estádio Nacional, ás 9.45 h.

ATLETISMO

No Estádio Universitário continua um torneio de atletismo para sócios e simpatizantes. A partir das 10 horas: 200 m. e altura, para principiantes, juniores e seniores; 700 metros e disco, para aspirantes e cadetes.

CORTA-MATO

Inauguração da época de corta-mato da A. A. L., nos terrenos do Estádio Nacional, a partir das 10 horas. Disputa-se no percurso do «Cross das Nações» (8 quilómetros) uma prova para seniores e juniores e uma competição para o «regional» de aspirantes.

DESPORTO CORPORATIVO

Campeonato de Futebol da F. N. A. T. (7.ª jornada) — 1.ª Divisão: Comp. Carris-C. Telefones, em Belém, ás 9 h.; S. C. Guérin-Of. S. José e S. C. Cervejas-F. C. Tejo, na Picheleira, respectivamente, ás 9 e ás 15 h.; F. L. Sacavem-C. Portuguesa de Pesca, em Sacavem, ás 10 h.

2.ª Divisão: Comp. Carris-S. A. Panificação, Org. Teodoro dos Santos-C. N. Electricidade e Standard Eléctrica B. Carenque, em Belém, respectivamente, ás 11, 13 e 15 h.; Prof. Comércio-Cadeia de Monsanto e S. C. Cervejas-Ar Líquido, na Picheleira, respectivamente, ás 11 e 13 h.; Fab. Simões-Cinema Condes e Agência Comercial Sueca-Simca Portuguesa, no Estádio Nacional, respectivamente, ás 9 e 11 h.

HANDEBOL

Campeonato de Lisboa, da Divisão de Honra (7.ª jornada) — Liberdade-Almada, na Cova da Piedade, ás 9.30 h. (1.ª cat.); Gloria-Sporting, no Estádio Nacional, ás 10.30 h. (1.ª cat.); Belenenses-Oriental, no Restelo, ás 9 e 10,15 h. (2.ª e 1.ª cat.); Benfica-Alverca, no Campo Grande, ás 9 e 10.30 (2.ª e 1.ª cat.).

Campeonato da 1.ª Divisão (7.ª jornada) — Hoquei-Alhandra, no Estádio Nacional, ás 9.30 h.; Ginásio do Sul-R. Janeiro, na Mutela, ás 10 h.; Cova da Piedade-Académica da Amadora, na Cova da Piedade, ás 11 h.

HÓQUEI EM CAMPO

Campeonato de Lisboa (3.ª jornada da 2.ª volta) — Belenenses-Benfica, no Restelo, ás 13 e 14.30 horas, respectivamente, em reserva e honra; Futebol Benfica-Estrela Amadora, no campo «Francisco Lázaro», ás 9 h. (honra); Atlético-Hoquei C. P., na Tapadinha, ás 10.30 h. (honra).

RAGUEBI

Torneio da Taça «António Valente» (4.ª jornada) — Série A — Internacional-Belenenses A, nas Telheiras, ás 9.30 h.; Benfica A-Agronomia, no Campo Grande, ás 9 h. **Série B** — Sporting B-Belenenses B, em Alvalade, ás 9 h.; C. D. U. L.-Direito, no Est. Universitário, ás 11 h.

BENFICA
EM GUIMARÃES
EM 27 E 28 DE DEZEMBRO
1.º ITINERÁRIO
PARTIDA ÀS 8 HORAS POR CALDAS, COIMBRA, LUSO, BUÇACO, VISEU, LAMEGO, VILA REAL, AMARANTE, PENHA DE GUIMARÃES, GUIMARÃES, PORTO, COIMBRA, etc.
PREÇO: Esc. 140$00
2.º ITINERÁRIO
PARTIDA ÀS 14 HORAS POR COIMBRA, PORTO, BRAGA, BOM JESUS, SAMEIRO, GUIMARÃES, PORTO, COIMBRA, etc.
PREÇO: Esc. 130$00
SPORTING
EM BRAGA
Em 3 e 4 de Janeiro de 1959
Preços: 140$ e 130$
2 magníficos itinerários!
Programas e informações na
AGÊNCIA DE VIAGENS
RODARTE
RUA DA PALMA, 159-A
Tel. 861214 — LISBOA

De ontem para hoje

AQUI É PORTO!

BELO centro de turismo, com sua grandeza monumental (a unica que da História se destaca com interesse para o viajante) o Porto quer apetrechar-se para juntar ao que lhe é próprio (carácter de paisagem, urbanística, costumes e falares do povo) alguma coisa do que é de toda a gente do seu tempo: uma sala para congressos (e tantos são os que se fazem!) uma orla marítima debruada de avenidas, flores, hoteis, piscinas, campos de jogos e casas pequeninas; um alargamento da sua razoável rede hoteleira; uma feira permanente de amostras; valorização e saneamento (não lhe toquem no que é dos velhos tempos da Fundação!) do típico, ancestral e evocativo bairro da Sé; aformoseamento das margens do rio Douro, vistas de cima dos jardins do antigo Palácio de Cristal (que bela panoramica, contemplada á noite!). E tanto como tudo, o património admirável do seu sangue, o «oiro engarrafado» que lhe corre nas veias das estradas e do Douro. Que extraordinária biologia etnográfica têm a terra e as gentes, para poder dizer: aqui, é Porto!

FEIXE DE IMAGENS

VAI-SE alargando a acção do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos. Morre-se menos e embora a endemia se considere doença social, os pobres vão-se mantendo ou têm quem os mantenha. Consolidando a acção anti-tuberculose, o ministro da Saude aprovou vários acordos de cooperação relativos ao funcionamento de enfermarias-abrigos, consultas-dispensários e outras modalidades de assistência. São mais 201 camas em 7 localidades, enquanto outras recebem cerca de 900 contos.

✱ Três homenagens: promovidas pelos funcionários da C. P. um jantar em honra do eng. José da Costa que atingiu o limite de idade e 40 anos de serviço; ao dr. Mário Carmona, no Sindicato dos Toureiros, homenagem da gente de toiros, á sua estima e dedicação pelos artistas tauromóquicos; e ao comandante Henrique Tenreiro, por parte de um grupo de admiradores que promoveram a feitura de um filme sobre actividades corporativas da pesca. Foi apresentado, com êxito, no estudio do S. N. I.

✱ No Porto, foram distribuídos os legados de 2.500$00 («Prémio dr. Artur Malheiros») instituídos a favor de donzelas pobres, cuja vida exemplar mereça tal distinção e contraiam matrimónio, no corrente ano. Eram cento e duas as virtuoses concorrentes mas só treze puderam ser escolhidas (não por menos virtude, antes por menos com que premiar-lha).

✱ Um bairro de casas para famílias modestas desalojadas por motivo das obras da Cidade Universitária vai construir-se em Coimbra. Constroi-as o Município, financeiramente apoiado pelo Estado, e importarão (três aglomerados de 24 fogos cada um) em 3.100 contos, no seu conjunto. O Governo concede 1.500 contos e autorização para um empréstimo de 1.600, na Caixa Geral de Depósitos.

✱ Do quadro tempestuoso que vai pelo País, destaca-se a pequena cena de amor humilde (Viana do Castelo). No meio da tempestade e da luta contra a mesma, ouviu-se o apêlo lancinante. Vinha do fundo de um poço e para ele correram os voluntários. Lutando com o perigo, o graduado José Martins e o bombeiro Carreiro desceram ao fundo das águas onde desde a véspera se debatia aquela vida humilde. Era um cão que os dois homens recuperaram para a vida, contentes e conscientes da sua acção meritória.

JORNAL PEQUENO

O Presidente da Republica recebeu o eng. Daniel Barbosa. ✱ Com o Presidente do Conselho, trabalharam os ministros da Presidência e da Saude e Assistência. ✱ Está em Lisboa, de regresso de Paris ao seu país, o governador eleito pelo Estado do Rio de Janeiro, dr. Roberto Silveira. ✱ Partiu para Bruxelas o barão Etienne de Rouzette, embaixador da Bélgica em Portugal. ✱ A Associação de Socorros Mutuos dos Empregados no Comércio de Lisboa (S. Cristóvão) elegeu os novos dirigentes, ficando a presidir a direcção Fernando Clemente Rosa. Também nomeou uma comissão encarregada de redigir um regulamento interno. ✱ Num acto muito concorrido, tomou posse do comando da P. S. P. de Lisboa o tenente-coronel Luz Cunha. ✱ Chegou a Lisboa um grupo de engenheiros e técnicos da Siderurgia Nacional Portuguesa que estão em estágio na Alemanha e vêm passar o Natal com as suas famílias. ✱ Duas vítimas do transito (morreram em S. José): D. Maria do Rosário Monteiro, de 54 anos (Vila Franca de Xira), atropelada em Alverca por uma furgoneta; e D. Albertina Guimarães Marques, de 70 anos (Av. Casal Ribeiro, 38, 4.º), atropelada por uma bicicleta no Bairro da Encarnação.

O MELHOR REVEILLON DE 1958
será o do "BARRETE VERDE" em Benavente
O MAIS LUXUOSO E TÍPICO RESTAURANTE DO RIBATEJO

ALMOÇO DO DIA DE NATAL
EMENTA ESPECIAL — FESTA REGIONAL — (6 ANOS)

NOITE DE S. SILVESTRE
ORQUESTRA PRIVATIVA DA CASA, VOCALISTAS, ACORDEONS, CANTARES REGIONAIS, 4 RANCHOS FOLCLÓRICOS: TÍPICO «BARRETE VERDE», LEALDADE, INFANTIL «FOROS» SALVA-TERRA, ETC., ARTISTAS DA RÁDIO E TV. E AINDA O ALEGRE «CONJUNTO SEM NOME» EM RITMOS BRASILEIROS

ALMOÇO do DIA de ANO NOVO
EMENTA REGIONAL — REPETINDO-SE TODO O PROGRAMA DA NOITE DE S. SILVESTRE — (15 ANOS)

DIA DE NATAL —Partida ás 11.30 h. (Transporte e almoço) 100$00
NOITE S. SILVESTRE—Partida ás 21.00 h. (Ceia e transporte) 170$00
DIA DE ANO NOVO —Partida ás 11.30 h. (Transporte e almoço) 100$00

INFORMAÇÕES E RESERVA DE MESAS PELO TELEFONE 74 EM BENAVENTE. PROGRAMAS, INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES NA
AGÊNCIA DE VIAGENS RODARTE
RUA DA PALMA, 159-A —— LISBOA —— TELEFONE 86 12 14

Estão há dez dias isoladas nas I

40 pessoas, que já dispõem de poucos mantimentos

Em várias zonas do Ribatejo há cheias e estradas cortadas

(Continuação da 1.ª página)

vel cheia do rio, uma nova passagem, também provisória, para poderem circular os veículos com maiores necessidades: ambulancias, carros do Estado, camionetas com peixe, etc.

O transito para o Sul tem-se feito, provisóriamente, enquanto não se liga a ponte nova á estrada, por uma brecha aberta no valado que existia junto da Ermida de S. José e que, para ali foi mudado, no Verão — brecha tapada pela referida barreira, pela qual seguia até á ponte, também provisória.

No local, compareceu o engenheiro Apolino Gomes de Freitas, director das Estradas do Distrito de Lisboa, que estudou os providências a tomar, a primeira das quais será abrir uma nova brecha—ou reabrir a que está tapada — para permitir o rápido restabelecimento das comunicações entre Vila Franca e o Alentejo e o Algarve.

Lavradores da região, com quem falámos, acharam exagerada a precaução de levantar a barreira, por ordem da Direcção da Hidráulica do Tejo, pois o Sorraia só regista cheias quando o Tejo está muito alto em Lisboa, e, de resto, com umas dezenas de sacos de areia, uma camioneta e um «buldozers», no caso de o volume do rio começar a subir perigosamente, poder-se-ia tapar, em poucos minutos, uma boca que desse passagem a um veículo de cada vez.

Também esses lavradores lamentaram que os condutores só fossem avisados, da interrupção do transito, na ponte de Vila Franca e em Porto Alto, e não em Pegões. Em resultado disso, acumularam-se, na margem Sul do Sorraia, em Porto Alto, numerosos automóveis e camionetas, algumas das quais com peixe do Argarve e de Sesimbra, destinado aos mercados de Lisboa, e que ameaça deteriorar-se.

Após tentar sair a barra o «Sofala» voltou ao Tejo devido à violência do mar

Quando o Atlantico, embora ainda tempestuoso, já não oferecia muito perigo, saiu a barra o grande cargueiro «Sofala», da Companhia Nacional de Navegação. Aquele barco sofreu, porém, o duro embate de duas alterosas vagas a bombordo e a estibordo, que lhe alagaram parte do convés. O estoque das águas foi tão violento que destruiu duas baleeiras e partiu dois vidros de umas carruagens de fabrico nacional que, devidamente amarradas, seguiam a bordo com destino aos Caminhos de Ferro de Benguela.

O «Sofala» regressou ao Tejo e deve partir amanhã, ao meio-dia, para São Vicente e Praia, bem como para os portos de Angola.

Abateu a ponte de comando do «Hildebrand»

O paquete «Hildebrand», que recentemente ficou partido ao meio em virtude da violência das vagas, registou novo estrago: abateu a ponte de comando e a chaminé está a ser batida fortemente pelo mar, esperando-se a todo o momento que a ondulação complete a destruição da parte do barco que se encontra encaixada nos rochedos.

O mar continua a demolir as barracas da Cova do Vapor

COVA DO VAPOR, 20. — (Pelo telefone). — O mar continua na sua furia demolidora, batendo violentamente as barracas ali existentes ainda. Agora começou já a apoderar-se da barraca da casa de comidas Estrela, de que é proprietário o sr. Apolinário a que nos temos referido ultimamente. O mar já levou dois pilares da referida barraca e parece que está disposto a apoderar-se dela por completo. A maioria dos proprietários das 60 barracas que ficam nas proximidades e que o mar procura também arrebatar está a tentar ver se ainda é possível salvá-las. Até agora não foram tomadas as providências que o caso requer por parte das entidades que têm a seu cargo esses serviços.

40 pessoas isoladas há 10 dias nas Berlengas

PENICHE, 20 (Pelo telefone) — Cerca de 40 pessoas estão isoladas, há 10 dias, nas Berlengas, onde os mantimentos já começam a escassear, por o estado do mar não permitir a atracação de qualquer embarcação.

Se tal situação se prolongar, o reabastecimento terá de ser feito por meio de avião, ou de helicóptero.

Desde o dia 11 que o barco do serviço dos faróis não pode levar ali viveres nem frescos para as 28 pessoas que ali vivem — os faroleiros, as suas famílias, entre as quais algumas crianças, 2 operários que trabalham nas obras do farol e dois guardas-fiscais que, a miude se revezam, habitualmente.

Encontram-se também ali retidos um pescador, a mulher e dois filhos.

Os faroleiros e as suas famílias já se viram obrigados a recorrer ás reservas de mantimentos de emergência — bolachas e atum de conserva — para se alimentarem e para alimentarem as outras pessoas.

Hoje, não obstante a melhoria do tempo, a agitação do mar piorou, com a passagem do vento para Oeste-Noroeste, pelo que as possibilidades de abastecimento marítimo diminuem.

Chegaram a procurar o abrigo da ilha 27 barcos espanhóis, que foram apanhados, de surpresa, pelo temporal, quando pescavam a algumas milhas de distancia. De dia aproximavam-se, mas de noite, com receio de encalhe ou de choque contra os rochedos, tinham de afastar-se e de aguentar a violência do mar. Os seus tripulantes estão certamente exaustos, e era com angustia que as pessoas isoladas na ilha iam acompanhando as suas dificuldades e a sua luta contra a furia do vento e do Oceano.

Pouco a pouco, porém, esses barcos foram seguindo para o Norte de Espanha, á excepção duma traineira, ao que se julga por não ter condições para empreender tão longa viagem, com tal mar.

Julga-se que o cadáver que há três dias foi encontrado entalado entre os blocos do molhe Leste deste porto, era dum tripulante dal-

Em plena leziria, abrem-se valas e gum desses barcos, que tenha sido arrastado por alguma onda.

A cheia do Mondego

Por motivo da cheia do rio Mondego, encontra-se submersa a estrada nacional 347, entre Montemor-o-Velho e Alfarelos. O transito desta estrada foi desviado para as estradas nacionais 111 e 110-2.

O Guadiana sobe assustadoramente

ALCOUTIM, 20. — (Pelo telefone). — A chuva contínua, que tem caído na região, fez com que o Guadiana saísse do leito e inundasse os campos marginais. Em cinco horas, o rio subiu cinco metros, o que põe as pessoas que moram junto das margens em grande sobressalto.

Os barqueiros têm apanhado, no rio, grande quantidade de madeiras que se presume serem da ponte de Mértola e uma lancha que também veio arrastada com a corrente e que se julga ser espanhola, da Mina da Laja.

Três animais fulminados

VILA DO BISPO, 20. — (Pelo telefone). — A noite passada, na povoação de Pedralva, uma faísca penetrou numa barraca pertencente a Luís Alves Cintra, fulminando duas vacas e um burro.

O proprietário — que se encontrava a 20 centímetros dos animais — foi levemente atingido, sendo socorrido imediatamente pelo médico desta vila, dr. Jaime Fogaça, que verificou que os ferimentos não tinham gravidade.

Abateram 6 casas em Alcaçovas

ALCAÇOVAS, 20 (Pelo telefone) — Devido ao temporal que tem assolado esta região, abateram seis casas, algumas das quais estavam habitadas.

FANTASTICO
O sortido próprio para brindes da
Ourivesaria Nascimento & Pinto
Praça da Figueira, 4-A
Agência oficial — Omega e Tissot

HOTEL DE TURISMO DE ABRANTES
Reveillon 1958 59
Jantar á americana na noite de S. Silvestre
ORQUESTRA AZUL, dirigida por Adriano Silva
(Trajo de passeio)
Reservam-se mesas pelo telefone 261, até ao dia 29

BISPO AUXILIAR de Lourenço Marques

CIDADE DO VATICANO, 20. — O Papa João XXIII nomeou bispo titular de Nepto e auxiliar do cardeal-arcebispo de Lourenço Marques (Cardeal Gouveia), mons. Custódio Alvim Pereira, actual reitor do Colégio Português de Roma. — (F. P.).

No PRAGAL o «Diário de Lisboa» é vendido por João António Tavares.

Berlengas

Os prejuízos materiais são grandes, mas não houve desastres pessoais.

Continua o mau tempo no Porto

PORTO, 20 *(Pelo telefone)*.—Continua o mau tempo, tendo o rio subido, na Régua, mais seis metros além do nível normal, além de que mostra tendência a aumentar a violência da corrente.

Na barra do Douro, registou-se apenas a entrada do mais poderoso barco da frota bacalhoeira francesa, o «Alex Plevan», procedente de Brest, e que transporta quinze mil quintais de bacalhau.

As comunicações telefónicas com o Sul do País, designadamente com Lisboa, continuam a ser difíceis, sendo muito reduzidos os períodos de conversação.

E' mulher

ou máquina falante?

RAYMOND (Virgínia), 20—Dorothy Barret, de 24 anos, foi considerada a mulher mais faladora do Mundo, depois de monologar, sem interrupção, durante 74 horas, 1 minuto e 38 segundos — até perder a voz completamente esgotada. A sua mais forte competidora — Margareth Sullivan, também desta cidade — abandonou a «conversa» ao fim de 67 horas, adormecendo embalada pelas suas próprias palavras.

Dorothy Barret recebeu um prémio de 2.000 dólares (cerca de 60 contos) em mobiliário e objectos de uso doméstico, mas ninguém deu os parabéns ao marido pela vitória da esposa... — (A. N. I.).

fazem-se desvios nas estradas, para evitar a invasão das águas

A parte baixa de Constancia

encontra-se quase submersa devido às cheias do Tejo e do Zêzere

CONSTANCIA, 20. (Pelo telefone).— O temporal continua a fustigar esta formosa vila ribatejana, agora transformada por um geral movimento de alarme. Os rios Tejo e Zêzere, que banham o povoado, voltaram a oferecer um desolador espectáculo, a que as barragens já quase haviam posto termo.

De novo, após a acalmia causada pela raridade espaçada das inundações, o panico volta a galvanizar os habitantes da parte baixa da vila, que tiveram de abandonar as suas casas, quase por completo submersas. A água, que incessantemente sobe de nível, invadiu o primeiro piso de muitas habitações.

Fazem-se de barco os transportes imprescindíveis e do mesmo modo se efectuam os salvamentos. Vidas em perigo, haveres ameaçados, eis o cortejo da desolação, que mais uma vez se repete.

De manhã, esboçava-se certa tendência para a descida das águas, hoje contrariada quando a chuva recomeçou a cair, alterando bem trágicamente as previsões dos mais optimistas.

A casa de Camões, da qual já bem poucos restos existem, dada a incuria a que tem sido votada, está inteiramente tapada pelas águas.

Cheias nos campos e estradas

SANTARÉM, 20. — (Pelo telefone). — O temporal continua a fazer-se sentir em todo o Ribatejo, que está agora em presença de uma tremenda calamidade, com os seus campos submersos.

Em Santarém, ás 9 horas, a escala hidrométrica do Tejo marcava seis metros e noventa oito; na Barquinha, oito metros e quarenta; e em Vila Velha de Rodão, ás 3 horas, quinze metros e vinte; ás 6 horas, catorze e sessenta, e ás 9 horas, treze metros e setenta.

Tudo indica que o volume do Tejo aumentará consideràvelmente em toda a região.

As estradas de Alcanhões, Pombalinho, Azinhaga e Golegã estão inundadas, por o Tejo ter galgado o dique dos Vinte.

Aguarda-se a todo o momento o corte da estrada de Almeirim a Alpiarça, que a cheia está tornando impraticável. E também as vias de comunicação de Salvaterra de Magos e de Benavente estão afectadas. Outras vias de comunicação correm o risco de ficar cortadas pela cheia.

Está interceptada, também, pelas águas, a estrada de Valado a Cruz do Campo.

De madrugada, vento ciclónico arrancou muitas árvores, entre as quais alguns sobreiros da Quinta do Mocho, perto desta cidade.

OURO EM 2.ª MÃO

só pelo peso — Grande sortido

OURIVESARIA PIMENTA

Rua Augusta, 253 — Tel. 24564

PRATEX

Limpa e eterniza o brilho das pratas e prateados.

Um inspector da Polícia

de Madrid e sua mulher foram os autores do assalto para se apoderarem de 2 milhões de pesetas

MADRID, 20. — O inspector da Polícia, António Campos Tejón e sua mulher, Perfecta Paredes Arroyo, foram os autores do assalto a António Garcia Otero, funcionário do Ministério da Aviação, quando este transportava, num automóvel, o equivalente a cerca de 1.200 contos, importancia destinada a pagamentos.

O inspector estava encarregado de fiscalizar a transferência de 2.900.000 pesetas, destinadas ás gratificações do fim do ano dos empregados dos diversos serviços do Ministério da Aeronáutica, e, segundo a primeira versão, convenceu o motorista da camioneta, António Garcia Otero, empregado naquele ministério, a deixar seguir no veículo, sua mulher, a qual se tinha, préviamente, disfarçado para não ser, eventualmente, reconhecida. Numa rua central, perto do Banco de Espanha, o inspector agrediu o motorista e saiu da cidade com a camioneta, pela estrada de Burgos. A 17 kms. da capital, matou aquele com um tiro na cabeça, depois de ter dado o dinheiro á mulher, que se pôs em fuga.

Quando foi encontrada numa taberna de Alcobendas, Perfecta tentou resistir e servir-se da sua pistola, mas foi prontamente desarmada. Entretanto, Campos Tejón era interrogado no hospital para onde fora transportado, logo que encontraram a camioneta e confessou o simulacro da agressão.

Um comunicado oficial da Direcção Geral de Segurança anunciou hoje, a prisão de Perfecta e que o dinheiro fora recolhido pela Polícia Rural, em Alcobendas.

O relato da Polícia, segundo a confissão completa do inspector Tejón, antes de morrer no hospital, para onde fora transportado gravemente ferido, descreve assim a sangrenta proeza:

António Garcia Otero e António Campos Tejón iam a um banco levantar o dinheiro e entraram no automóvel conduzido pelo primeiro. Foi então que Prefecta Arroyo forçou, sob a ameaça da sua pistola, a sua entrada no carro e ordenou a Otero que seguisse para fora da capital. O motorista tentou resistir, mas foi violentamente derrubado a murro pelo inspector Tejón, o qual tomou a direcção do automóvel, conduzindo-o para a estrada de Burgos.

Quando se encontrava a cerca de trinta quilómetros ao Norte de Madrid Tejón matou a tiro Garcia Otero, que se encontrava inanimado no assento do carro.

A mulher abandonou então o carro e fugiu com o dinheiro roubado. O inspector Tejón disparou, depois, a pistola contra o próprio peito, para fazer crer ás autoridades que fora, também, vítima do assaltante, mas fê-lo com tanta infelicidade que se feriu mortalmente. — (A. N. I. — F. P. — R.).

Acidente no Rossio

que provocou paragem de trânsito

Cerca das 11 e 50, deu-se um acidente de viação no Rossio, que por momentos, causou certo pânico. O «troley» de um «eléctrico» que rodava pela linha descendente daquela praça saiu fora do cabo e foi embater com um dos travões dos fios, com tal violência que o partiu.

Os contactos que então se verificaram produziram forte descarga eléctrica no poste, com grandes faiscas, que, á medida que se verificavam, iam cortando a parte superior do poste, pondo em risco os automóveis que se achavam arrumados no local do desastre.

Imediatamente foram pedidos socorros para a Companhia Carris de Ferro, que, sem perda de tempo, fez convergir para o local dois prontos-socorros e respectivo pessoal, que reparou a linha.

Naturalmente, o acidente provocou paragem de circulação de «eléctricos» naquela praça durante cerca de 15 minutos e despertou grande curiosidade entre as pessoas que, áquela hora, ali passavam.

Embaixador de Portugal

no Brasil

RIO DE JANEIRO, 20. — O embaixador de Portugal, dr. Manuel Rocheta, acompanhado de sua esposa, seguiu para a cidade de Salvador, onde vai receber o título de doutor «honoris causa», na Universidade da Baía. — (A. N. I.).

As suas joias estão «antiquadas»? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

R. da Prata 257

Cozinha Alentejana

Restaurante regional, salão de chá e bar

Comunica aos seus Ex.mos Clientes que amanhã, domingo, se encontra RESERVADO **durante os almoços e chás por motivo de um** LANCHE DE CASAMENTO. **Reservam-se mesas para o Natal, passagem de ano e ano novo.**

Av. do Aeroporto, 66 — Telef. 727071

Natal alegre

passado na cadeia

CANTUÁRIA (Inglaterra), 20 — Cornelius Davies sente-se feliz por ir passar, mais uma vez, o Natal na cadeia.

Em 1956, Davies partiu os vidros de uma cabina telefónica publica e deixou-se prender, nas vésperas do Natal, tendo ficado encantado quando o condenaram a dois meses de prisão. No ano seguinte, também em Dezembro, repetiu a proeza e sentiu-se grato quando os magistrados de novo o condenaram a pena igual. Agora, tornou a partir os vidros de uma cabina telefónica, aguardou que o prendessem e alegou a sua culpabilidade, no tribunal.

«Deseja, efectivamente, passar o Natal na cadeia?» — perguntou-lhe um dos magistrados. Davies respondeu afirmativamente e sorriu com satisfação quando foi lida a sentença, que o obriga ao cumprimento de dois meses de reclusão. — (A. N. I.).

Vinhos portugueses

no mercado britânico

Mercê dos esforços combinados da Junta Nacional do Vinho, do Fundo de Fomento de Exportação e do Comércio Exportador, os vinhos portugueses estão a tomar uma posição de destaque cada vez maior nos mercados estrangeiros, especialmente no inglês.

O sr. H. Warner Allen, escritor de reputada autoridade no conhecimento dos vinhos de todo o Mundo, publicou recentemente mais um artigo sobre os nossos vinhos, no conhecido jornal londrino «News Chronicle». Nele se chama a atenção do publico para os vinhos de mesa portugueses, esclarecendo que, ao contrário do que vulgarmente se pensa, Portugal não é apenas o País do vinho do Porto. Refere-se á existência de vinhos da mais alta qualidade, destacando seguidamente alguns dos tipos mais caracteristicos, como os vinhos verdes, os do Douro, do Dão, de Colares, de Bucelas e Moscatel de Setubal.

Livros

presente de NATAL

EIS ALGUNS, DE AGRADO CERTO:

de ERICO VERÍSSIMO:

OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO (30$00), SAGA (30$00), CAMINHOS CRUZADOS (30$00), UM LUGAR AO SOL (35$00), A VOLTA DO GATO PRETO (40$00), CLARISSA (25$00), MÚSICA AO LONGE (30$00), GATO PRETO EM CAMPO DE NEVE (40$00), O RESTO É SILÊNCIO (35$00), O TEMPO E O VENTO (70$00), O RETRATO (70$00), NOITE (35$00), VIAGEM A AURORA DO MUNDO (40$00), MÉXICO (50$00), FANTOCHES E OUTROS CONTOS (40$00)

de JORACY CAMARGO:

DEUS LHE PAGUE (18$00)

de MACHADO DE ASSIS:

CONTOS (30$00)

de GILBERTO FREYRE

O MUNDO QUE O PORTUGUÊS CRIOU (30$00), INTERPRETAÇÃO DO BRASIL (30$00), AVENTURA E ROTINA (60$00), UM BRASILEIRO EM TERRAS PORTUGUESAS (40$00), CASA-GRANDE & SENZALA (80$00)

de JOSÉ LINS DO REGO

EURIDICE (30$00), PUREZA (30$00), FOGO MORTO (30$00), CANGACEIROS (30$00), BANGUÊ (30$00), PEDRA BONITA (30$00), MENINO DE ENGENHO, DOIDINHO (35$00), O MOLEQUE RICARDO (30$00)

de CAIO DE FREITAS

UM CANAL SEPARA O MUNDO (30$00)

de ACYRO DOS ANJOS

O AMANUENSE BELMIRO (30$00)

de JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA

A BAGACEIRA (30$00)

de CAROLINA NABUCO

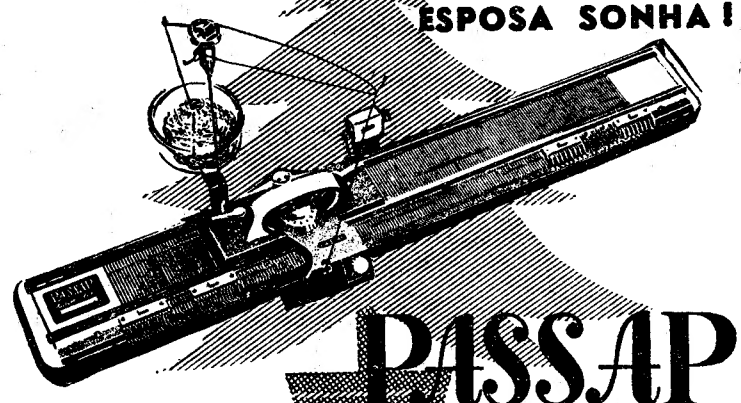
A SUCESSORA (30$00)

Estes livros pertencem á colecção «Livros do Brasil», á venda nas Livrarias, e é uma das várias colecções de «LIVROS DO BRASIL, LDA.»

R. dos Caetanos, 22 — Lisboa

O Presente de Natal

COM QUE SUA ESPOSA SONHA!



Em 1939, fabricou-se o primeiro aparelho de tricotar, sob o nome PASSAP. Só após decorridos 10 anos, outras marcas surgiram no mercado, continuando o nome PASSAP — como sinónimo de experiência-qualidade e confiança.

Sendo a Suiça um País onde se fabricam bastantes máquinas de tricotar a PASSAP ocupa 50% do total da exportação Suiça, o que nos demonstra ser a preferida pelos grandes mercados mundiais.

PASSAP Automatic

A MÁQUINA DE TRICOTAR MAIS ANTIGA DO MERCADO CONCEBIDA PELA ALTA TÉCNICA SUÍÇA

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:

JAIME AFONSO CANCELA

CALÇADA DO COMBRO, 49 — TEL. 31854 — LISBOA

AGÊNCIAS: LISBOA — T. Nova de S. Domingos, 63

PORTO — Rua de Santa Catarina, 72-1.º
ANADIA — Malaposta — Stand Oliva
ARMAMAR — Jaime Santos Paiva
AVEIRO — Rua Engenheiro Silvério Pereira da Silva, 20
BRAGA — Av. Marechal Gomes da Costa, 728
COVILHÃ — Rua Rui Faleiro, 32
MANGUALDE — Largo Condes de Anadia
OLIVEIRA DE AZEMEIS — Avelino Silva Coelho
TOMAR — Av. Torres Pinheiro, 164
TRANCOSO — António Salvador
VIANA DO CASTELO — R. Manuel Espregueira, 317
FIGUEIRA DA FOZ — Praça 8 de Maio, 15
COIMBRA — R. das Figueirinhas, 10
ALMADA — Av. D. Afonso Henriques, 19-A
ALTER DO CHÃO — Largo da Barreira, 2
BARREIRO — Rua Dr. Eusébio Leão, 23-A
BEJA — Largo da Conceição
CALDAS DA RAINHA — Rua Diário de Notícias, 3-A
ÉVORA — Rua de Avis, 88
FARO — Rua de Portugal, 1 a 5
MARINHA GRANDE — Noronha e Azevedo
PORTIMÃO — Rua da Guarda, 55
SANTARÉM — Rua Serpa Pinto, 30
SETÚBAL — Av. 22 de Dezembro, 36
SOBRAL DE MONTE AGRAÇO — Fernando Jalles Oliveira
LOULÉ — Rua de Portugal, 29-31
MONTEMOR-O-NOVO — António Farinha da Silva
ESPINHAL — Fernando Silva
S. TIAGO DO CACÉM — Largo Alexandre Herculano, 6-7-8
ODEMIRA — Daniel Coelho Camacho
FUNCHAL — Madeira — Rua 31 de Janeiro, 13

ACEITAM-SE AGENTES LOCAIS PARA OS CONCELHOS AINDA DISPONÍVEIS

Blaupunkt Toskana

EXCELENTE CONJUGAÇÃO DE IMAGEM E SOM
ÉCRAN DE 43 CMS.
DISTRIBUIÇÃO AUTOMÁTICA DA CÔR NEGRA
DISPOSITIVOS AUTOMÁTICOS DE LUMINOSIDADE E CONTRASTE
GERADOR DE IMAGENS NÍTIDAS
SUPRESSOR AUTOMÁTICO DE INTERFERÊNCIAS
2 ALTIFALANTES SUPERACÚSTICOS E LIGAÇÃO PARA TELECOMANDO
ANTENA BIPOLAR INCORPORADA
CIRCUITOS IMPRESSOS

Preço Esc. 6.990$00

À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

PONTO AZUL

DISCOS

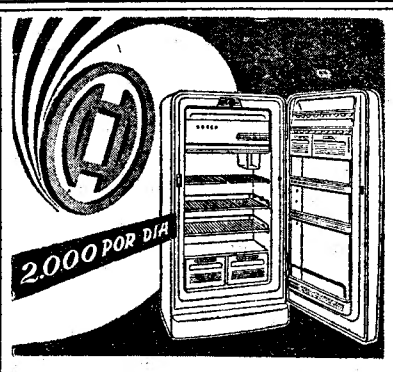
GIRA-DISCOS
RADIOGRAMOFONES
TELEVISORES
PIANOS
ACORDEONS
HARMONICAS DE BOCA
GUITARRAS
VIOLAS
BANJOS, etc.

~

A Casa Gouveia Machado

garante-lhe bom sortido e bons preços

Rua de S. José, 152
Tel. 25517



BOSCH

O 1.º FRIGORÍFICO ALEMÃO
em qualidade, economia, técnica e preço

Os frigoríficos BOSCH de fama mundial são agora produzidos no ritmo de **2.000** por dia

8 modelos diferentes. Todos os tamanhos. Preços acessíveis. Facilidades de pagamento. Assistência técnica eficiente.

Refrigeração **POLAR**

A MÁQUINA DE COSINHA BOSCH
A PERFEITA AJUDANTE DA DONA DA CASA

RUA DA EMENDA, 66 ½ - FRENTE - LISBOA - TELEFONE 23061

LIEBHERR

O FRIGORÍFICO POPULAR ALEMÃO

À VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

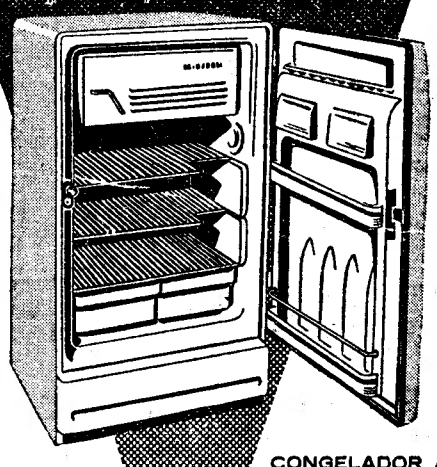
APRESENTA O SEU NOVO MODELO DE

150 LTS.

O MELHOR APROVEITAMENTO DE ESPAÇO NO ARMÁRIO E NA PORTA

5 ANOS DE GARANTIA

Agora a Esc. 6.750$00



CONGELADOR A TODA A LARGURA

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

REPRESENTANTES:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 45 • TEL. 59181 (4 LINHAS) • LISBOA

DISTRIBUIDORES:

PORTO — M. Simões Jr., Lda. — R. de Sto. António, 208 — Tel. 25581/82
FARO — Agencia Comercial de Faro, Lda. — R. de Sto António, 45/47 — Tel. 76
COIMBRA — Agencia Comercial Sueca, Lda. — Delegação — Av. Fernão de Magelhães, 32

CARPETES AXMINSTER

Os mais belos desenhos nas melhores qualidades inglesas
Representantes e depositários de «Carpet Trades, Ltd.»
RUA DA PRATA, 214, 1.º

GUILHERME SILVA, FERREIRA, LDA.

DINHEIRO

COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.as HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

CÁLEM

VINHOS DO PORTO E BRANDY

Agentes em Lisboa: ARTUR PAIVA, LDA. — Telef. 812474

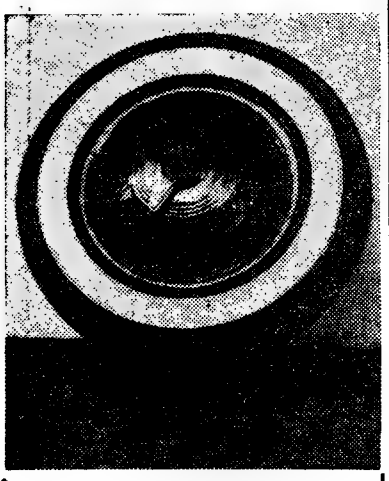
CONTRA A TOSSE

Rebuçados Peitorais de S. aulo
A PRIMOROSA LDA.
Rua de S. Paulo n.º 130
Telefone 26511

Já leu o «SEMPRE FIXE»? Então leia!

Recintos de diversões

De regresso da Madeira, onde foi em «tournée» com a artista Maria Pereira, o guitarrista Carvalhinho volta a actuar no restaurante típico de Márcia Condessa.



Srs. Automobilistas modernizem os vossos carros

APLICANDO AS
Faixas brancas para pneus «CODAN»

Fabricadas em borracha macia e de alta duração, por **DANSK GALOCHE-OG GUMMIFABRIK COPENHAGEN**

PARA TODAS AS MEDIDAS DE PNEUS

Aplicação facílima!

Não precisam de ser coladas! Basta entalar a faixa «CODAN» na jante!

Descontos especiais para revenda

A' venda exclusivamente na:

S. P. I. C.
P. Duque de Saldanha, 31-B
LISBOA
Telefs. 46626 - 51722

CARREIRAS AÉREAS

Alterações nos horários da T.A.P.

Durante a quadra de Natal haverá, nos serviços da T. A. P., várias alterações.

Na linha de Africa, realiza-se um voo especial, a Luanda e Lourenço Marques, com partida de Lisboa hoje á tarde, e chegada a Lisboa no dia 23; antecipa-se 24 horas a partida do avião que deveria sair de Lisboa no dia 22 e de Lourenço Marques no dia 24; atrasa-se 24 horas a partida do avião que deveria sair de Lisboa no dia 25 e de Lourenço Marques no dia 27; antecipação de 24 horas na partida do avião que deveria sair de Lisboa no dia 29 e de Lourenço Marques no dia 31.

Na linha do Porto, cancelam-se todos os voos dos dias 25 e 1 de Janeiro; realiza-se um unico voo com avião DC3, nos dias 24 e 31, com partidas de Lisboa ás 9 horas e do Porto ás 10 e 55. Se o tráfego o justificar estes voos serão efectuados com avião DC4, ou far-se-ão desdobramentos.

Nas linhas de Madrid e de Londres, cancelam-se os voos do dia de Natal.

Caiu de um andaime

Caiu á rua, quando trabalhava num andaime, na Avenida Infante Santo, lote 19, e ficou ferido, um homem que aparenta 55 anos e ainda não foi identificado. Recolheu á sala de observações.

Casa MAX

Vestidos de Malha pura Lã a 390$00 esc.
Lindos modelos
Confecções prontas a vestir. — Modas — Lanificios
Malas
Malhas e Bijutarias
Sempre Novidades
R. D. ESTEFANIA, 193

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

fáticos e no tecido conjuntivo intersticial dos músculos.

Os lípidos podem concentrar-se nas células do fígado. Daí o ponto de partida para a obesidade, sobrecarga e degenerescência gordurosa.

No caso particular das substâncias minerais, o organismo desembaraça-se com relativa facilidade, eliminando a tempo os sais de cálcio, dos cloretos e fosfatos em excesso. As altas doses de vitaminas, quando estas são de procedência alimentar, não acarretam perigo para o organismo.

As sobrecargas de alimentos têm influência sobre os indivíduos predispostos, produzindo alterações do metabolismo das glândulas endócrinas, em particular da hipófise e da tiróide.

Certos autores sustentam a opinião de que estas sobrecargas, isto é, a superalimentação descontrolada, são a causa do cancro. Verifica-se, efectivamente, entre os obesos uma maior percentagem de tumores malignos. Será a própria obesidade uma predisposição, meio caminho andado para a canceração? Experiências realizadas em bem apetrechados laboratórios de biologia confirmam que animais submetidos a grandes sobrecargas adquirem o cancro com maior facilidade do que os animais testemunhas alimentados com rações normais.

A superalimentação está, porém, indicada em muitos casos patológicos e em determinados períodos da vida do indivíduo normal.

Este problema do comer muito ou pouco é velho de séculos. Já Sócrates preferia a medicina á cozinha e afirmava que esta procurava únicamente o prazer, alheando-se de toda e qualquer ideia de benefício (Pedro Laín Entralgo, «La curación por la palabra en la antigüedad clasica», Madrid, 1958).

A insuficiência alimentar, em contrapartida, tem os seus perigos. Por exemplo, no caso de inanição a morte sobrevém quando o indivíduo perdeu quarenta por cento do seu peso, tudo dependendo, no entanto, das respectivas reservas e das anteriores condições de vida do indivíduo.

Os principais sinais da insuficiência alimentar são: desaparecimento da reserva de lípidos; atrofia dos tecidos e dos órgãos; baixa espectacular do metabolismo basal; atrofia genital e ausência de ovulação.

Em todo o caso, o jejum intermitente constitui uma medida dietética excelente, conhecida e praticada desde a antiguidade, em especial entre os Hebreus. Opõe-se aos perigos da superalimentação, favorece a eliminação das substâncias tóxicas, dá merecidas férias aos diferentes aparelhos, entre eles o digestivo e o cardíaco e reajusta o metabolismo basal, cujos valores regressam ou se aproximam dos normais.

As carências alimentares, essas constituem capítulo á parte. As dos prótidos podem ser devidas: a regimes pobres em prótidos e á privação de aminoácidos.

Os efeitos dos regimes deficientes em prótidos foram observados entre as infelizes e desgraçadas populações dos campos de concentração da Alemanha nazi. Registaram-se edemas, conhecidos pelos «edemas da fome», de desnutrição por carência alimentar proteica, vitamínica e de sais minerais.

A sintomatologia é variada e complexa, observando-se sempre, porém, acentuada baixa das proteínas sanguíneas, edemas transitórios e permanentes, emagrecimento progressivo, poliúria, alterações digestivas, polifagia, queda da pressão venosa, lienteria e hipotermia, seguida de morte, devida a uma infecção intercorrente ou coma hipoglicémico. Certos observadores alemães, perfeitos e exactos na indústria de guerra e da morte (câmaras-de-gás e outros processos de tortura), colheram elementos estatísticos muito elucidativos. Assim, verificaram que as principais alterações humorais se referiam aos prótidos sanguíneos. Na fase pré-edematosa existe sempre hipoglobulinemia acentuada, alterações da relação a:g, e ligeira diminuição dos prótidos totais. Na fase edematosa, os fenómenos agravam-se, verificando-se diminuição das proteínas.

Além do edema da fome, os meticulosos observadores alemães, seleccionados pela Gestapo, anotaram graves alterações gastrintestinais, úlceras pépticas, descontrole da faculdade de regeneração dos tecidos, desnível da resistência á infecção, baixa da elaboração de anticorpos e das actividades dos leucócitos.

A carência de aminoácidos essenciais traduz-se por alterações da vascularização da córnea (metionina e lisina); neuromusculares (valina); edema e ascite (treonina); azoospermia (lisina); infecundidade nos dois sexos (triptofano), e anemia (lisina, histidina e triptofano).

A sobrecarga proteica pode originar graves alterações da nutrição, traduzidas por desequilíbrios renais e hepáticos. A carência de glúcidos, esta ocasiona, por sua vez, situações de acetonemia e o excesso predispõe á diabetes pancreática e á carie dentária, As carências minerais absolutas são muito raras: a cálcica é susceptível de desencadear o raquitismo, a do fluor a carie dentária, a do iodo o bócio endémico e o cretinismo e a de ferro, cobre e cobalto, a anemia.

Num tipo de ração útil para o organismo tem de atender-se a muitos factores: á influência recíproca dos materiais alimentares, ao chamados antialimentos de Richet, á acção dos glúcidos vis-á-vis dos prótidos, ás relações do metabolismo energético com as vitaminas e do metabolismo dos prótidos com as vitaminas, ao equilíbrio dos aminoácidos e dos sais minerais, á relação ácido-base, reacção iónica e pH vizinho dos valores neutros. A estabilidade desta reacção depende do trabalho muscular e da alimentação. São muito importantes as modificações do equilíbrio ácido-base. Uma hora depois da ingestão de uma certa dose de alimento observa-se alcalinização do sangue e da urina em virtude da actividade do suco gástrico. Quando os alimentos penetram no intestino, o cloreto de sódio é absorvido, os valores no sangue e na urina voltam ao normal e esta torna-se ácida.

Os alimentos acidogéneos provocam a eliminação do cálcio e do fósforo e os alcalógéneos reduzem-na. A vitamina D corrige a relação cálcio-fósforo, estabelecendo destarte um metabolismo fósforo-cálcio normal.

Existem dietas terapêuticas e simples precauções dietéticas (higiene alimentar) que devem ser seguidas por todos os indivíduos. Nas doenças nutricionais próprias dessas precauções têm de ser diferentes e o reajustamento do doente á ração normal progressivo e prudente. O ideal seria estabelecer, sempre que as condições o permitam, a relação entre a natureza dos alimentos e o estado de saúde ou de doença de cada ser, implicando a determinação do nível alimentar e o estado de saúde de cada elemento do agregado social.

Na «Geopolítica da Fome» escreve Josué de Castro: «Uma das consequências mais graves do estado de fome crónica é a famosa apatia das multidões; indiferença e falta de ambições tradicionais». A melancolia e a angústia racial estão muitas vezes ligadas á fome crónica. Nem é mister procurar outra explicação.

Que é preciso fazer? Alimentação mista, prepoderância de alimentos crus e de fruta nas principais refeições, alimentos inteiros possuindo todos os elementos vitais, refeições frugais, simples, constituídas por elementos frescos, carne e peixe com parcimónia, períodos mensais de desintoxicação, ausência de condimentos, sal com peso e medida, eliminação de excitantes, tabaco e do abuso do café.

Há perto de oitocentos anos, Maimónides, no «Livro da Asma» (Sefer Ha-Kaseret), dedicado ao vizir Al-Fahdel, fazia aos seus leitores e doentes semelhantes recomendações... Eterna, a geopolítica da fome entre as nações e os homens!

A. d'E.

GRÉMIO CONCELHIO DOS COMERCIANTES DE CARNES DE LISBOA

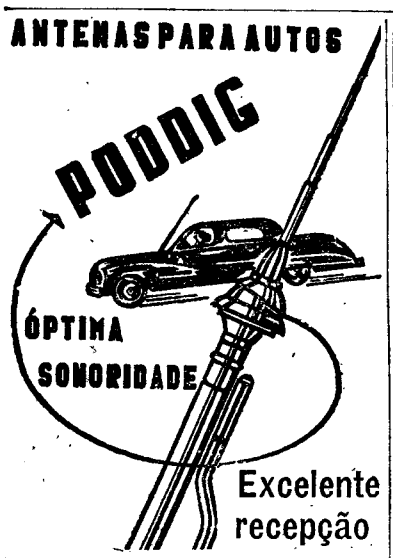
ARREMATAÇÃO DE SUBPRODUTOS

No próximo dia 29, pelas 15 e 30 horas, proceder-se-á a arrematação dos seguintes subprodutos:

Farinhas de: CARNE—CARNE E OSSO—OSSO (Sabugo de Chifres)—SANGUE — FIGADO; CHIFRES DE BOVINOS ADULTOS — PONTAS DE VITELAS — CASCOS DE BOVINOS ADULTOS E UNHAS DE VITELAS — PELOS DE MÃOS DE BOVINOS — MACHINHOS DE BOVINOS — LÃS: MERINADA BRANCA — MERINADA PRETA — CHURRA BRANCA — CHURRA PRETA — GORDURA INDUSTRIAL — CANOS E MANGUELAS DE BOVINOS ADULTOS — IDEM DE BOVINOS ADOLESCENTES.

As condições encontram-se patentes na sede deste Grémio — Rossio, 45, 2.º.

ANTENAS PARA AUTOS

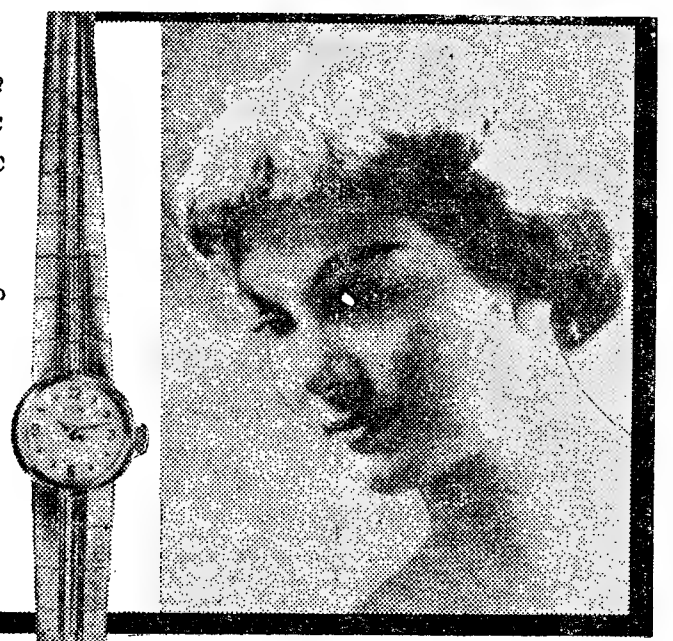


PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
98, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

O «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» vendem-se em ALCOBAÇA por José Narciso da Costa,

V. Ex.ª deseja comprar um relógio?
Peça um ENICAR ULTRASONIC
O ENICAR ULTRASONIC
oferece-lhe:
absoluta garantia
modelos elegantes
acabamento ultramoderno
Preços modestos

ENICAR ULTRASONIC



O relógio Enicar Ultrasonic é o único relógio que não precisa de lubrificação durante três anos.

Cada relógio Enicar Ultrasonic tem um boletim de garantia. Há centenas de fabricantes de relógios na Suiça. Mas a Fábrica Enicar fabrica 8 % da produção total da Suiça, ou seja perto de um milhão de relógios por ano.

Também fabrica toda a relojoaria moderna em:
Automáticos com os últimos aperfeiçoamentos.
Calendários, com a lente de aumento.
Impermeáveis : 100 % — caixa SEA-PEARL
Extra-planos: sensacionalmente planos.

O relógio Enicar está á venda nos cinco continentes

CAMISAS
POR MODELO OU POR MEDIDA
TECIDOS Á ESCOLHA OU DO CLIENTE
13 modelos em exposição
Consertos e transformações por pessoal especializado
ROVIL
Rua Arco Marquês do Alegrete, 50, 1.º — Telef. 862402
Envio á cobrança pelo correio
BATAS HOSPITALARES
PIJAMAS E CUECAS

ELNA
Máquinas de **costura**, pequeninas, simples, bonitas e maravilhosas.
Aproveite agora o preço ocasional
VENDAS E REPARAÇÕES
Em Lisboa — Largo da Trindade, 1
no Porto — R. Sá da Bandeira, 2

PORTO DA SILVA

...tem arte de ser "Porto" em qualquer parte.

Prove Rei Eduardo um Vinho de categoria

Representantes para Lisboa e Sul do País:

ADELINO & LOPES, LDA.

8, Largo da Trindade, 9 — LISBOA — Telefones 21260-22828

Nesta quadra festiva dê-lhe felicidade e conforto

COM UMA ALMOFADA

Dunlopillo

ESPUMA DE LATEX • FABRICO INGLÊS

Representantes em Portugal

CASA GRAHAM

Rua da Alfândega, 160, LISBOA • Rua dos Clérigos, 6, PORTO

ANTES DE ESCOLHER BRINDE!

VEJA OS MODELOS 1959

DAS MÁQUINAS DE COSTURA E TRICOTAR

HUSQVARNA-ORION

DOIS PRODUTOS QUE TÊM A GARANTIA E ASSISTÊNCIA DA

ORGANIZAÇÃO HUSQVARNA EM PORTUGAL

PERTENCENTE À

SOC. LUSO-SUECA, LDA

COM SEDE EM LISBOA, NA R. ALEX. HERCULANO, 9-A

E FILIAIS EM TODO O PAÍS

VIS-PEN

A CANETA MAIS IMITADA E NUNCA IGUALADA

UMA CANETA INVULGAR A PREÇO POPULAR ESC. 39$00

Garantida pela fábrica contra todos os defeitos de fabrico

SOC. POLLUX, LDA.
R. dos Fanqueiros, 276

Descontos para revenda

ACESSÓRIOS E PEÇAS PARA TODAS AS MARCAS

MACACOS HIDRÁULICOS PARA GARAGEM

Epco

ACESSÓRIOS E PEÇAS PARA TODAS AS MARCAS DE VEÍCULOS AUTOMÓVEIS

ACESSÓRIOS E PEÇAS PARA TODAS AS MARCAS DE VEÍCULOS AUTOMÓVEIS

Fabricação inglesa – Grande robustez

Capacidades:

De 3/4 até 10 toneladas

Equipados com HYDRIGEAR – regulador de velocidade de elevação.

Grande facilidade de manejo.

Segurança absoluta.

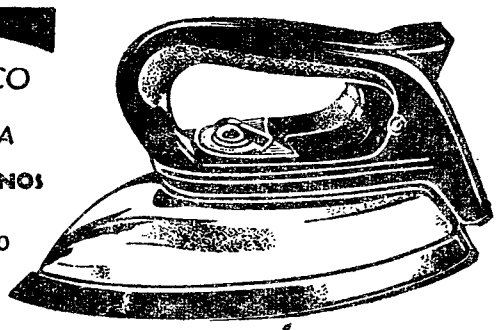
REPRESENTANTES EM PORTUGAL

C. SANTOS LDA.

Lisboa — Av. da Liberdade, 29-41

Porto — R. de Sta. Catarina, 160-168

Coimbra — Av. Fernão de Magalhães, 70-78



jura

NÃO SENDO MAIS CARO É O QUE MAIS DURA!

O FERRO ELÉCTRICO AUTOMÁTICO QUE NÃO AVARIA

GARANTIDO POR 2 ANOS

COM TERMOSTATO FORA DA ZONA DE CALOR

UMA MARAVILHA DA INDÚSTRIA SUIÇA

À VENDA NAS BOAS LOJAS DE UTILIDADES

Representante: M. SIMÕES JR. { R. DA PRATA, 68, TELF 31545 - LISBOA / R. Sto ANTÓNIO, 208 - TELF. 25582 - PORTO

Policlínica do Intendente

AV. ALM. REIS, 27, 2.º — I. 45587

Dr. Abel Alves—Ouv. nariz e garganta 14 h.
Dr. Anastácio Gonçalves—Doenç. olhos, 18 h.
Dr. Armando Valle—Anál. clin. e vacinas, 11 h.
Dr. Armando Luzes—Rins e vias urinárias, 14 h.
Dr. Benard Guedes—Raios X, 16 h.
Dr. Camara Leme—Boca e dentes, 10 ás 13 e 17 ás 19 h.
Dr. E. de Miranda Rodrigues—Doenças nerv mentais (2.ª, 4.ª e 6.ª), 16 h.
Dr. Fernando Castro Amaro—Med. geral, 14 h.
Dr. Formigal Luzes—Ag. Físicos, 15 h
Dr. João Marques Pinto—D. das crianças, 18 h.
Dr. Juvenal Esteves—Doenças da pele e sífilis (2.ª, 4.ª e 6.ª), 14 h.
Dr. Mário Rosa—Cl. méd. est. e intest 15 h.
Dr. Souto Soares—Cirurgia geral, ortopedia. operações. 14 h.
Dr. Pedro da Cunha—Partos e doenças das senhoras (3.ª, 5.ª e sáb.), 15 h
Dr. Vasco de Lacerda—Cl. méd., coração e pulmões, 18 horas.

DISCOS

Êxitos! Novidades!...

DISCOTECA DO CARMO, LDA.

LISBOA

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

Com uma mulher apanha-se um criminoso

Texto integral do conto de

Fred Dickenson

O cavalo, a relinchar, todo se empinou e quase deitou ao chão o jovem cavaleiro, o qual procurou descobrir que coisa espantara o animal. E ficou assombrado ao deparar-se-lhe o corpo nu de uma mulher, muito bela, surpreendida pela morte após breve existência, perto da vereda que tornejava o Monte Todt, na ilha Staten, em Nova York.

Aquele nome de Todt, que em alemão significa Morte, parecia trágicamente apropriado á circunstancia, como observaram os polícias, quando ali chegaram. Tendo ordenado aos seus homens que procedessem a determinadas investigações naquela área, o capitão Carl Blank, com os «detectives» Tom Crane e Joseph Di Giovanni, começou a estudar o caso tenebroso. Era numa quarta-feira de macio e luminoso dia de Maio.

— O drama devia ter-se desenrolado no domingo, já tarde, pois se assim não fosse as pessoas que aqui se reuniram em piqueniques teriam descoberto o cadáver! — comentou o capitão —. Aqueles sinais no pescoço indicam que teria sido estrangulada.

Não havia traços definidos de pegadas nem quaisquer outros indícios em redor, que pudessem orientar os investigadores, e já os homens do Necrotério se preparavam para remover o corpo, quando um dos polícias mais afastados chamou os outros.

— Aqui estão as roupas dela — disse, apontando para um rolo, envolvido num casaco ligeiro e dissimulado entre arbustos.

Abrindo a pequena trouxa, tiraram um vestido, roupa branca, meias e sapatos, iguais aos que se vendem em qualquer estabelecimento, sendo por isso impossível de averiguar da sua procedência. Não havia, porém, qualquer saco ou malinha de mão.

— Devia ter acompanhado o assassino até aqui, por sua vontade— observou Carl —. E, com certeza, ele não a trouxe subindo o monte. Talvez a assassinasse nalgum sítio mais acima e depois a conduzisse para este ponto.

*

A dedução foi confirmada quando encontraram a malinha vazia, perto de umas ruínas, ao cimo do morro. Ali estivera, pois, rapariga com o homem que havia de tirar-lhe a vida. Talvez tivessem estado a contemplar as águas espelhantes da baía de Nova York, observando o movimento dos grandes paquetes e conversando alegremente, antes de crescer nele a fúria assassina.

— O que há a fazer já — ordenou o capitão — é descobrir a identidade dela! Procurem todas as pessoas que tenham participado o desaparecimento de alguém da família, e façam com que os habitantes dos arredores venham vê-la!

Durante dois dias, muita gente passou pelo Necrotério, mas ninguém reconheceu a rapariga. Entretanto, ocorria um novo acto do drama, em Manhattan, do outro lado da baía, quando Willian J. Fogarty comunicou á Polícia que sua mulher, Doreathy, de vinte e três anos, se ausentara de casa havia cinco dias.

— Julguei que tivesse ido visitar os parentes, mas já sei que eles não a viram — declarou ele.

E a descrição que fez á Polícia condizia em absoluto com os sinais da vítima. Quando lhe mostraram as roupas, começou a tremer e desmaiou ante o cadáver.

— E' ela! E' Doreathy, a minha mulher! — exclamou ele.

— Foi você quem a matou?

— Não! não! Eu gostava muito dela! — protestou Fogarty.

Parecia falar com sinceridade e acreditaram-no. Não fazia a menor ideia de como sua mulher fora á ilha Staten ou de quem a acompanhara. Indicou que ela trabalhara num «cabaret» em Nova Orleães e estivera, ultimamente, como serviçal, num restaurante de West Side.

— Isto é uma referência — ponderou o capitão Blank. — Levem retratos dela e visitem os restaurantes dessa zona. Pode ser que alguém se lembre de tê-la visto com o criminoso.

Ao visitar um daqueles estabelecimentos, Crane mostrou o retrato a uma criada, chamada Arline Gorman, a qual declarou:

— Sim! Dotty trabalhou aqui algumas vezes. Conheço-a muito bem!

— Lembra-se de quando a viu pela ultima vez?

Depois de pensar um bocado, a rapariga chamou uma colega:

— Lorraine: chega aqui, por um instante!

Lorraine Mentrak aproximou-se e, encorajando-se mutuamente, contaram uma história singular:

Num sábado de Maio, um dia antes do crime, a Dotty estivera no restaurante, como cliente, acompanhada por um homem que apenas sabiam ser conhecido por *Gus*. Conversaram amigávelmente e sairam juntos — disse Lorraine, acrescentando que, na quarta-feira seguinte, ou seja no dia em que o cadáver fora encontrado, o homem voltara ali e mostrara a Arline um relógio de pulso e um anel com um brilhante. Perguntou se os queríamos e respondemos que não, mas pareceu-nos que já tínhamos visto Doreaty trazê-los consigo. Ficámos, por isso, a pensar como os teria ele obtido.

O «detective» lembrou-se logo de que a rapariga morta não tinha qualquer joia, assim como a sua mala fora encontrada vazia, e tomou nota daquelas revelações. Levou as raparigas ao posto policial, onde passaram horas a ver fotografias de criminosos, até que, a certa altura, reparando num homem de quarenta e dois anos, encorpado, cabelo cor de areia, exclamaram ambas:

— E' o Gus!

*

August Jagusch, com o ofício de pintor, que já estivera preso por desordem, andava em liberdade condicional. Fora visto na companhia da vítima e era natural que tivesse combinado um encontro com ela no dia do crime. Depois, aparecera com as joias...

— E', com certeza, o nosso homem! — disse Blank.

Seria, contudo, mais difícil descobrir-lhe o paradeiro, pois ele não se apresentara ás autoridades, como era sua obrigação, e mudara de poiso. Durante uma semana, andaram a procurá-lo, pelos locais que costumava frequentar, mas o homem tinha artes de se escapar sem deixar rasto. Sabiam que fora casado e se separara, há muito, da mulher. E surgiu outro problema para os investigadores, quando se decidiram a encontrá-la. Agora conhecida pela senhora Alice Dolling, mudara-se, sucessivamente, para Nova Jersey e Miami, onde souberam que morava em Brooklin. Acabaram por dar com ela e explicaram os motivos por que andavam á procura de August Jagusch. Então, ela tirou de uma gaveta um relógio de pulso e explicou:

— Foi o Gus quem me mandou isto pelo correio, com um bilhete dizendo que era uma oferta para mim!

— Isso pertencia á mulher que ele assassinou — esclareceu Di Giovanni —. Mandou-lhe, provávelmente, para fazerem as pazes, e talvez volte agora para você o ajudar.

Calcularam os investigadores que Jagusch andasse com falta de dinheiro e cansado de fugir á prisão. Sendo assim, era natural que fosse pedir auxílio á mulher de quem se separara. Intimaram-na a avisar a Polícia, caso tivesse notícias dele; e um agente ficou vigilante, nas proximidades, para a hipótese de o homem aparecer.

Logo na manhã seguinte, a senhora Dolling telefonou, muito excitada, ao capitão Blank, a dizer-lhe que Gus lhe falara, também pelo telefone, avisando-a de que mais tarde lhe indicaria o local onde se haviam de encontrar.

— Não se afaste do telefone! — impôs-lhe Blank.

Os «detectives Crane e Di Giovanni seguiram rápidamente para casa dela e estavam a seu lado quando retiniu a campainha do telefone:

— Encontrar-me contigo em Monticelli? — dizia ela —. Mas fica tão longe!...

Crane acenava-lhe vigorosamente com a cabeça e ela acabou por acceder:

— Está bem!

Logo um dos agentes correu a outro telefone, para indicar aos colegas que fossem a Monticelli. Quando voltou, estava ela outra vez em comunicação com o marido:

— Mudaste de ideia? E agora queres que vá á estação de South Ferry?

Tornou o «detective» a sair para anular a primeira indicação aos outros sobre a diligência a Monticelli. Nisto se passaram duas horas, pois Gus, enervado e cauteloso, marcou onze locais diferentes para a entrevista. Por ultimo decidiu-se pelo encontro numa entrada do metropolitano, em Brocklyn, ás nove horas da noite. Para lá se dirigiu a mulher, seguida discretamente, a distancia, por dois agentes, e quando chegou, ficando a olhar para o ponto indicado, já ali estavam mais seis «detectives», uns lendo jornais, outros observando as montras ou como quem espera o autocarro. Passou um quarto de hora sem haver sinais de August Jagusch, até que, parando um «metro», ele começou a subir, agitado, as escadas, dirigindo-se ao encontro da mulher. Viu-se logo cercado pelos seis homens, que o manietaram:

— Está preso por assassínio!

Depois de interrogado, assinou o auto de declarações, confessando que levara Doreathy Fogarty á ilha Staten, mas ela resistira ás suas propostas. Então, estrangulou-a e roubou-lhe os valores. Depois, despiu-a e escondeu as roupas para assim complicar as investigações policiais.

Apanhou vinte anos de reclusão no presídio de Sing-Sing.

SE V. EXA. ESTÁ
Constipado
TOME
ASPIROQUINAL
ANTI-GRIPAL DE COMPROVADOS EFEITOS
VENDE-SE EM TODAS AS FARMACIAS

Restaurante Cortador
OH! LACERDA
Avenida de Berna, 36-A
PRATOS DO DIA
Domingo — Cabrito Assado
Segunda-feira — Dobrada á Portuguesa
Terça-feira — Cosido á Portuguesa
Quarta-feira — Bacalhau
Quinta-feira — Chambão á moda da casa
Sexta-feira — Caldeirada
Sábado — Chispe com todos
Agradece a marcação de mesa pelo telefone 77 40 57.

"A OURIVESARIA ALGÉS"
Av. dos Combatentes, 13-A Telef. 01253 — ALGÉS
Ao passar mais um aniversário e aproveitando esta quadra do NATAL, vem agradecer a todos os seus estimados clientes a preferência com que sempre a tem distinguido, desejando-lhes muitas felicidades e umas festas muito felizes.

+
Filinto Augusto Lima
Emilia Elvira Dessa Lima, Filinto António de Eça Lima, sua mulher e filhos, Maria Emilia Lima Soares, seu marido e filhos, participam que, no passado dia 15 do corrente, foi Deus serviço de chamar á sua presença, seu marido, pai sogro e avô e que o seu funeral se realizou, na cidade do Porto, não se tendo feito participações por expressa vontade do finado.

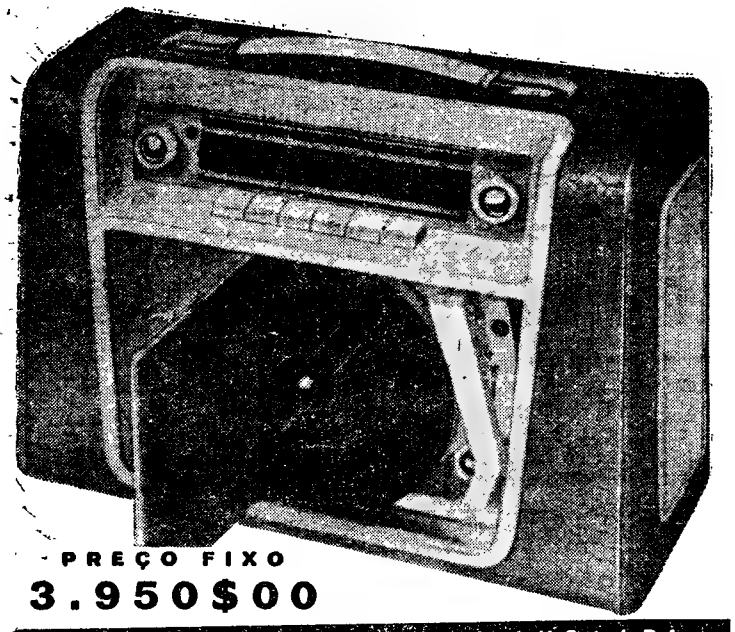
+
Filinto Augusto Lima
F. Lima & C.ª Sucr., tem o desgosto de participar que no passado dia 15 do corrente, faleceu no Porto o seu Chefe, cujo funeral se realizou na referida cidade.

+
Filinto Augusto Lima
O Pessoal da Firma F. Lima & C.ª Sucr,, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento, no passado dia 15, do seu Chefe e Amigo.

Combi

RÁDIO E GIRADISCOS PORTÁTIL

- QUE LHE PERMITE UMA AUTONOMIA DE 50 HORAS DE MÚSICA
- EQUIPADO COM "TRANSISTORS"
- TOCA TODOS OS DISCOS DE 45 ROTAÇÕES
- TRÊS BANDAS DE ONDA
- TRABALHA COM PILHAS, ACUMULADOR E CORRENTE



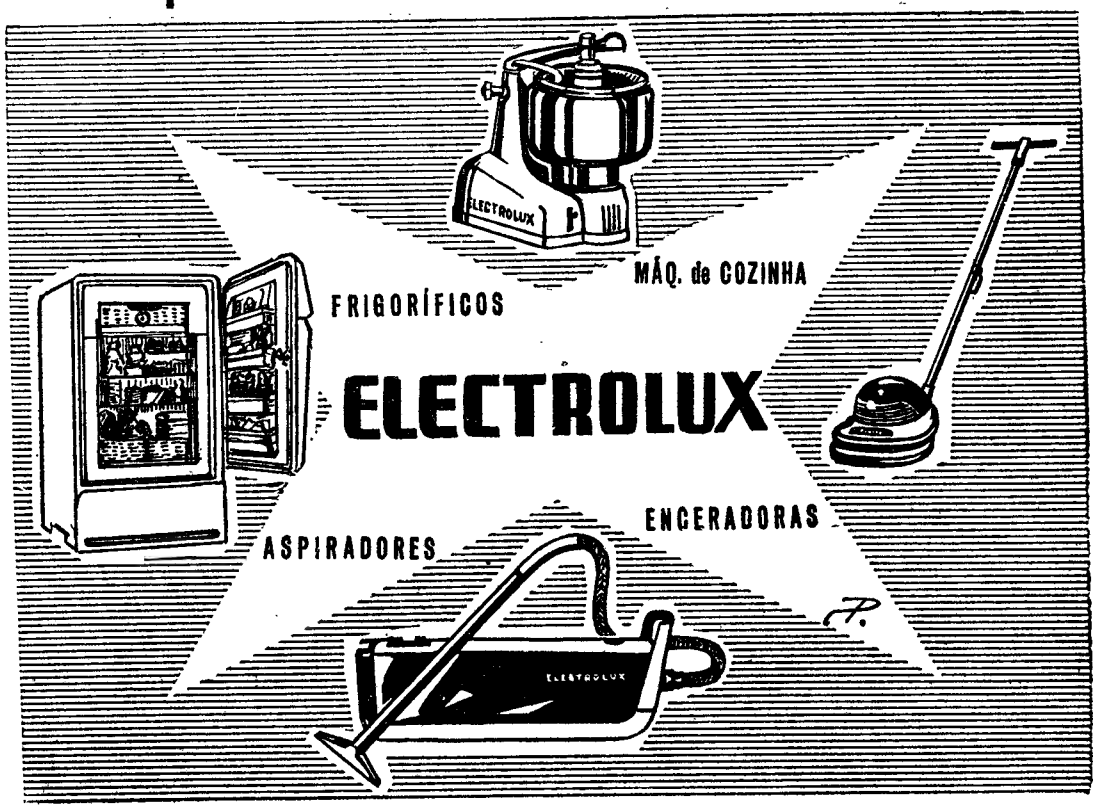
PREÇO FIXO

3.950$00

EST. VALENTIM DE CARVALHO, LDA.

R. NOVA DO ALMADA, 97 • LISBOA

Para presente de NATAL...



...ELECTROLUX não tem rival!

ELECTROLUX, LDA.

LISBOA

Rua Pascoal de Melo, 7 — Telef. 56115
Rua 1.º de Dezembro, 120-B — Telef. 28246

ESQUENTADORES

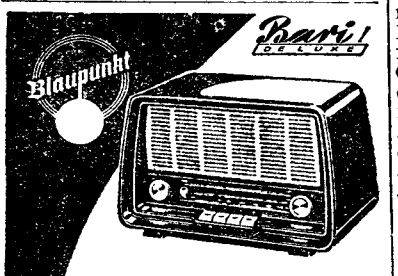
FOGÁS, LDA

TECNICOS ESPECIALIZADOS em APARELHOS A GÁS

Av. 5 de Outubro, 84

Telefone 764081

GÁS HULHA e CIDLA



UM PEQUENO GRANDE PRODÍGIO DA SÉRIE SINFÓNICA

ATRAENTE APRESENTAÇÃO

ALTA SENSIBILIDADE DE CAPTAÇÃO E FIDELIDADE DE REPRODUÇÃO

3 BANDAS DE ONDAS: MÉDIAS E 2 DESDOBRAMENTOS DE CURTAS

COMUTAÇÃO DE BANDAS POR TECLAS

LIGAÇÕES PARA GIRA-DISCOS E ALTOFALANTE SUPLEMENTAR

ANTENA GIRATÓRIA FERRIT

CIRCUITOS IMPRESSOS

Preço Esc. 1.495$00

À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

PONTO AZUL

Nas Avenidas Novas

o maior sortido de brinquedos e outros artigos de brinde só na **CASA FERNANDO FARIA, LDA.**, Rua Pinheiro Chagas, 9 (gaveto), aberto até tarde. Facilidade de estacionamento p.ª automóveis.

SOCIEDADE NACIONAL

DE HABITAÇÕES ECONÓMICAS

S. C. R. L.

Aprovada pelo Ministério das Finanças por Alvará de 28 de Outubro de 1954

RUA LUCIANO CORDEIRO, 113, 7.º
LISBOA

EM PROL DA FAMILIA

COMUNICAÇÃO AOS SÓCIOS E AO PÚBLICO

Efectua-se amanhã, domingo, a cerimónia da entrega das chaves de três moradias, situadas em Murtal, S. João do Estoril e Costa da Caparica, que se destinam aos associados Ex.mo Sr. Dr. Julio César da Silva Gonçalves, Ex.ma Sr.ª D. Maria Luiza Miguez Tito Garcez de Lencastre e Esposo Ex.mo Sr. Tenente Carlos da Fontoura Garcez de Lencastre e Ex.mo Sr. Laurentino Filipe Ferreira.

As referidas cerimónias terão lugar naquelas localidades pelas 11, 12 e 13.30 horas, respectivamente.

PARA ESTES ACTOS CONVIDAMOS OS EX.mos ASSOCIADOS

ENGLISH

English Teatcher, english nationality wanted for english lessons to beginers and lessons of improvement every week days after 6 p m

Resposta a este jornal ao numero 787.

FRANÇAIS

On désire Prof. nationalité française pour leçons initiation et perfectionnament langue française tous les jours ouvrables depuis 18 heures.

Resposta a este jornal ao numero 787.

António José Carvalho da Silva

FALECEU

Confortado com os sacramentos da Santa Madre Igreja

Aida da Silva Trancoso, seu marido Raul Jorge Oliveira Trancoso, Palmira Luísa do Carmo Peres, seu marido engenheiro João Branco do Carmo Peres, Maria dos Prazeres da Silva Melo, sua filha, genro e netos, participam o falecimento do seu querido pai, sogro, avô, irmão e tio, e que o seu funeral se realiza amanhã ás 11 horas, da Igreja S. João de Deus, para o cemitério do Alto de S. João.

António José Carvalho da Silva

Confortado com os sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

Arminda dos Santos Silva, António José dos Santos Carvalho da Silva e filha e mais familia participam o falecimento do seu saudoso marido, pai, avô, padrinho e parente e que o funeral, se realiza amanhã, ás 11 horas, saindo da Igreja de S. João de Deus para jazigo no cemitério do Alto de S. João.

AGENCIA SRAF

Precópio Augusto Galapito

FALECEU

Maria Helena Lima Galapito e Sousa, seu marido, filha, genro e netos, Deolinda Lima de Sousa Galapito Antunes e seu marido, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizade, que foi Deus servido chamar á sua Divina presença, o seu muito querido pai, sogro, avô e bisavô, e que o seu funeral se realiza amanhã, 21, pelas 11 horas, da Rua Tomás Ribeiro, n.º 22, 1.º, dt.º, para o cemitério do Alto de São João.

AGENCIA FUNERÁRIA LEMOS, LD.ª, R. S. Sebastião da Pedreira, 119-121. Tel. 60620

Jorge Ferreira Braga

FALECEU

BARBOSA & COSTA, LD.ª cumprem o doloroso dever de participar a todos os seus clientes e amigos o falecimenot do seu saudoso sócio sr. Jorge Ferreira Braga, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da sua residência, Av.ª João XXI, n.º 43, 4.º, dt.º para o cemitério do Alto de S. João.

A. G. MAGNO, LD.ª
Av.ª Almirante Reis, 129
Telf.: 51586

DIARIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — No continente português o vento era moderado a forte de Oeste, caíam aguaceiros e registaram-se trovoadas em algumas regiões por acção duma massa de ar muito instável transportada na circulação duma depressão centrada a Oeste da Irlanda e que se move lentamente para Norte.

Temperaturas ás 9 horas: Penhas Douradas, 0°; Lisboa e Porto, 10°; Ponta Delgada, 13°; Faro, 15°, e Funchal, 16°.

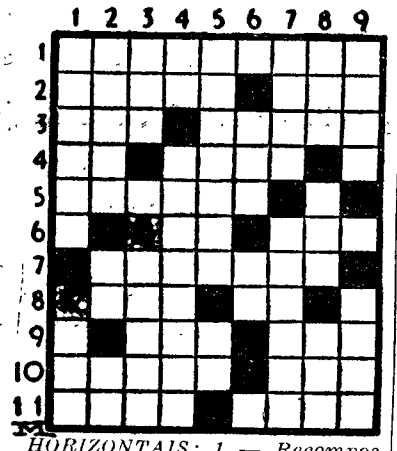
PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Continuação do tempo muito instável, com céu muito nublado, vento moderado, por vezes forte, de Oeste. Aguaceiros moderados a fortes, por vezes de granizo. Condições favoráveis á formação de trovoadas, em especial durante a noite. Descida de temperatura.

HÁ TRINTA ANOS

«Doze mil doidos existem em Portugal sem ter hospitalização»— dizia o «Diário de Lisboa» de 20 de Dezembro de 1928, acrescentando: «E quantos leitos para os receber? Mil e oitocentos! O Manicómio Miguel Bombarda — dizia a notícia — tem defeito congénito. Nasceu com ele e do próprio facto da sua instalação no edifício dos Congregados, cuja indeformável estrutura conventual condenava de antemão as obras ali realizadas. O manicómio do Campo Grande, por muito novo que seja, jamais merecerá o epíteto de moderno e com o tempo virá, inevitavelmente, a converter-se num lôbrego depósito de alienados».

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 1455



HORIZONTAIS: 1 — Recomposta. 2 — Salvo-conduto. Privilégio. 3 — Tranquilidade. Osso do braço. 4 — Laço (inv.). Ligeireza. 5 — Aturou. 6 — O Sol, entre os antigos Egípcios. Conferir. 7 — Ajustes. 8 — Agradável. Aspecto. 9 — Libras (abrev.). Maior. 10 — Alimentação. Partida. 11 — Nome grego do Deus do Amor. Julgas.

VERTICAIS: 1 — Zorro. Guinde. 2 — Anão. Prefixo que designa afastamento, oposição. Sufixo designativo de qualidade, estado. 3 — Causa. Caule das gramíneas. 4 — Grito de dor. Forces. 5 — Enjoar. Senhor. (abrev.). 6 — Nocivo. Bate. 7 — Seguis. Repousar no sono. 8 — Sofrimento. Porém. Poesia. 9 — Patrões. Épocas.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1454

HORIZONTAIS: 1 — Bélica. És. 2 — Ara. Uno. 3 — Nó. Abanca. 4 — Ufa. Actor. 5 — MIGALHAS. 6 — Iris. Este. 7 — Ambitos. 8 — Me. Aí. 9 — Ada. Zé. Pá. 10 — TAMBÉM. Ai. 11 — Azeitados.

VERTICAIS: 1 — Numismata. 2 — É. Ofir. Edaz. 3 — Lá. Agia. Ame. 4 — Ira. Asma. Bi. 5 — Cabal. Bizet. 6 — Achei. Ema. 7 — Untaste. 8 — Encosto. PÃO. 9 — Soar. Estais.

(Provérbio: MIGALHAS TAMBÉM É PÃO).

Conjuntos de malha
Nacionais
Ingleses
TORRE EIFFEL
104—Rua do Carmo—106

EFEMÉRIDES

No dia 20 de Dezembro de 1937 morreu o general alemão Ludendorf.

TELEVISÃO

Hoje, ás 21, abertura da emissão; 21 e 2, noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10, jornal de actualidades internacionais; 21 e 20, «Juventude no Mundo»; 21 e 35, «Tele-Desporto»; 22, «Ou Sim ou Não»; 22 e 10, «A pensão da D. Esperança»; 22 e 55, «Na rua e na estrada»; 23 e 15, actualidades nacionais e ultimas notícias; e 23 e 30, fecho da emissão.

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA — Ás 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa A — Ás 18: Noticiário e danças; 18 e 45: Trechos de operetas; 19: Emissão infantil, produção de Madalena Patacho; 19 e 30: Trechos em piano; 19 e 45: Aguarela brasileira; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Musica ligeira sinfónica; 20 e 30: Que quer ouvir?; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Viola espanhola; 21 e 30: Conjuntos vocais; 21 e 45: Serão para trabalhadores. No intervalo: Vozes do Mundo; 23 e 30: danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa B — Ás 18: «Rapsódia n.º 1», de Bela Bartok; «Canções que minha mãe me ensinou», de Dvorak; 18 e 15: Transmissão do Teatro Nacional de S. Carlos, do 10.º e ultimo concerto, da série organizada pela E. N., em que colaboram a Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco, e o coro do Teatro Nacional de S. Carlos. No intervalo: noticiário regional e musica de tecla; 20 e 15: Musica de câmara; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: 2.º acto da ópera «Francesca de Rimini», de Zandonai; 21 e 45: Radiodrama: «A fera amansada», de Shakespeare; 22 e 45: «Prometheus», abertura, op. 43», de Beethoven; «Ciclo completo das canções», de Shumann, sobre poesias de Heins, intitulado «Amores de poeta»; «Sinfonia espanhola», de Lalo; 23 e 45: Junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE — Ás 17 e 30: Variedades; 18: Teatro de brincar; 18 e 15: Ritmos de baile; 18 e 30: Fados e guitarradas; 19: Quer um conselho?; 19 e 15: Orquestras; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 25: Momento Far; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Imagens por musica; 21 e 30: Lingua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Trechos recreativos; 22 e 30: Cultura espanhola; 22 e 45: Cançonetas; 23: concerto; 23 e 30: Lucienne Delyle; 23 e 45: Agenda; 23 e 50: Conjuntos; 0 e 30: Noticiário; 0 e 40: Ritmos de baile.

Estação de Miramar — Ás 18: Paisagem infantil; 18 e 30: Canconetas; 18 e 45: Recital de Cruz e Sousa; 19: Palestra de lingua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Margarita Gonzalez; 21 e 30: Orquestras ligeiras; 22: Programa para a mulher; 22 e 5: Brasil; 22 e 30: Conjuntos instrumentais; 22 e 45: Melodias; 23: Trechos de operetas; 23 e 30: Programa do Patricio; 23 e 45: Artistas portugueses; 0: Ritmos de baile.

RÁDIO RENASCENÇA — Ás 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: França, horizonte do Mundo; 19 e 45: Conjuntos vocais; 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21 e 5: As ultimas novidades; 21 e 30: Musica regional portuguesa; 21 e 50: Melodias; 22: No reino das musas; 22 e 25: Revista da Imprensa francesa; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Selecções; 23 e 15: Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30: Rádio Peninsular; das 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; das 22 ás 2: Clube Radiofónico de Portugal.

SEMANA DO CONTRIBUINTE

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS. — Etão a pagamento até ao dia 31 do corrente mês, com juros da mora:

Contribuição industrial. — As terceiras e quartas prestações trimestrais.

Contribuição Predial. — As terceiras e quartas prestações trimestrais.

Imposto Profissional — Profissões Liberais e Assalariados. — As terceiras e quartas prestações trimestrais.

Imposto Complementar. — As primeiras e segundas prestações das colectas iguais ou superiores a 2.800$00.

Taxa Militar. — A anuidade de 1958, com a taxa elevada ao dobro, posto o que será enviada a relaxe, sendo, então, paga com custas e selos.

LICENÇAS. — Solicitam-se e pagam-se durante este mês e ainda em Janeiro as de *Acendedores e Isqueiros e Venda ou Revenda de Tabacos.* No mês de Janeiro pagam-se além das acima indicadas, as de *Imposto de Transito* de animais de carga ou sela, de veículos não automóveis, de bicicletas sem motor e triciclos; de *Uso e Porte de Arma;* de *Contrastaria;* de *Porta Aberta;* de *Jogos Ilicitos;* de *Toques de Musica* e de *Aguas Minerais.*

VEÍCULOS AUTOMÓVEIS. — Devem ser manifestados até ao dia 15 de Janeiro nas Camaras Municipais, mediante impressos por elas fornecidos.

ESTRANGEIROS. — Durante o mês de Janeiro p. f. os maiores de 14 anos devem apresentar os seus documentos de residência ou *Visto Anual* e todas as entidades que empreguem estrangeiros ao seu serviço devem enviar á P. I. D. E. uma relação nominal em duplicado.

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL E IMPOSTO PROFISSIONAL. — *Cessação de actividade tributavel no período que decorre de 25 de Novembro até 31 de Dezembro. Participações.* — Verificada a cessação das actividades tributáveis, em referência, tendo-se participado o facto dentro do prazo legal — *quinze dias contados da cessação* —, durante aquele período e até *quinze de Janeiro* do ano seguinte, desde que, como se disse, a cessação se dê em 31 de Dezembro do ano corrente, não é necessário reclamar sobre a anulação da colecta, competindo á respectiva secção de finanças retirar os conhecimentos do lançamento e proceder á sua anulação «ex-oficio».

LICENÇA DE ESTABELECIMENTO COMERCIAL OU INDUSTRIAL: — A liquidação desta licença terá por base o lançamento da contribuição industrial e as declarações dos contribuintes, quando se trate de sucursais, filiais, agências, delegações, correspondências ou estabelecimentos que sejam colectados por outro concelho.

As declarações que serão apresentadas na secretaria da Camara até ao dia 31 de Dezembro corrente, compreenderão o ramo de comércio ou industria, o rendimento iliquido da sociedade ou da empresa e o da sucursal, filial, agência, delegação, correspondência ou estabelecimento.

CHEMISIERS 185$00
POPELINE INGLESA
SÉCIA
BOUTIQUE
31, Rua da Conceição
Tel. 30546 — LISBOA

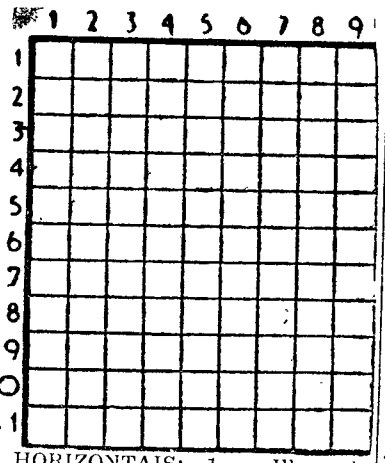
BRINDES!...
Baratíssimos na antiga ourivesaria
18 MIGUEL A. FRAGA, LDA. 18
Largo Martim Moniz
Tel. 864203 (Pavilhão dos Ourives)

CARPETES
E
PASSADEIRAS
MECÂNICAS
SULTÃO
FABRICADAS SÓ
COM LÃ
CORES FIXAS
GRANDE DURAÇÃO
BAIXO PREÇO
A' VENDA NAS CASAS
DA ESPECIALIDADE

PALAVRAS CRUZADAS

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 3530



HORIZONTAIS: 1 — Ilhas do Atlantico a N. O. das Berlengas em frente de Peniche. 2—Também. Aqui está. 3—Letra grega. Alimento que, segundo a Biblia, Deus mandou em forma de chuva aos Israelitas no deserto. 4—Apelido. Pronome pessoal. 5—Botequim. Cidade de Itália. 6—Campo-santo. 7—Prendem com gavinhas. Estar. 8—Poeira. Viração. 9—Cruel. Utensílio doméstico. 10—Filtrai. Sapo do Amazonas. 11—Palácio onde em 1919 foi assinado o tratado entre os aliados e a Alemanha vencida.

VERTICAIS: 1—Cidade de Portugal. Videira. 2—Amarro. Formoso. Nome de uma letra. 3—Acusada. Ramagem. Colorido. 4—Versejaras. 5—Artigo definido. Desmoronava-se. 6—Rio de Espanha subafluente do Tejo. 7 — Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Cidade da Russia. Interjeição de espanto 8—Fazes parte de. Título dos descendentes de Mafoma. Salário de soldado. 9—Vento quente do Sul. Ruins.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO I — União — Estrada de Benfica, 592-594, Tel. 780092. Vitex—Estrada de Benfica, 373-B. Tel. 780548; Curie — Avenida Madame Curie, 15-A, Tel. 778439; Leal de Matos—Rua Neves Costa, 33-35. Carnide, Tel. 780181; Laranjeiras (Das)—R. Filipe da Mata, 160-162. Tel. 761035; Central do Lumiar — Rua do Lumiar, 77, Tel. 779480; Brasil — Avenida Rio de Janeiro, 66-66/A, Tel. 722368; Sanex—Avenida da Igreja, 31-C, Tel. 776905. Belmar — Avenida de Roma, 53-A. Tel. 776314; Algarve — Avenida de Roma, 7-B, Tel. 777478; Garantia — Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A/B, á Praça do Areeiro. Tel. 727300; Onilda — Avenida João XXI, 13-A, Tel. 726848; Campo Pequeno (Do) Av. da Republica, 58-D-E. Tel. 771661; Vale—Avenida Marquês de Tomar, 45-49. Tel. 773043; Palma — Avenida Duque de Avila, 25-31, Tel. 47088; Império, Ld.ª — Rua Filipe Folque 40-A/B, Tel. 48002; Salus — Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 42239. Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19 Tel. 389237; Conceição — Calçada D. Castão, 30-32. Tel. 381279; Luzmar — Rua 2, 16—Bairro de Santa Engrácia, Tel. 728395; Pereira, Suc.—Rua do Paraíso, 98-100, Tel 863224; Silva — Calçada de Santo André, 16, Tel. 862074; Branquinho — Rua dos Sapadores, 87, Tel. 842725; Ibéria — Rua Barão de Sabrosa, 235-A—á Alameda—, Tel. 728277; Candido Monteiro — Av. Almirante Reis, 121-B, Tel. 45751; Góis, Ld.ª Suc. — Rua dos Anjos, 12-C/D, antiga Rua do Registo Civil, Tel. 840101; Ribeiro & Castro, Ld.ª — Rua Braamcamp, 58, Tel 43409; Salutar — Rua B, 75-A/B Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Judice de Oliveira — Rua de Campolide, 54-A, Tel. 684424; Pinheiro — Rua de Campo de Ourique, 131-133, Tel. 663640; Janeiro — Avenida Alvares Cabral, 100, ao lado do Liceu Pedro Nunes, Telefone 661453, Tagus — Praceta Possidónio da Silva — lote 3, Tel. 669485; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Gomes Suc. (Gonçalves) — Rua da Junqueira, 326, Tel. 638193; Costa — Rua dos Lusíadas, 32, Tel. 636704; A. César — Rua Prior do Crato 74, Tel. 660187; Pinheiro — Rua Presidente Arriaga, 16, Telefone 661867; S. Nunes Simões, Suc. — Rua do Quelhas, 1, Tel. 661275; Africana — Rua Bernardino Costa, 45, Tel. 29120; Pinharanda — Rua da Rosa, 94-96, Tel. 21534; Lima Amaro, Suc. — Praça da Alegria, 27-28, Tel. 21149; Cortez — Rua de S. Nicolau, 93, Tel 25378 Rua de S. Nicolau, 93, Tel. 25378; Farmácia Remísio — Rua dos Jerónimos, 14-C, Telefone 631699.

Dois prémios (15 e 8 contos)

para compositores e artistas musicais instituídos pelo S. N. I.

Foi hoje tornado publico o regulamento dos Prémios Nacionais de Musica «Carlos Seixas» e «Guilhermina Suggia», instituidos pelo Secretariado Nacional da Informação, no desejo de estimular a actividade dos compositores e artistas musicais portugueses.

O prémio «Carlos Seixas», no valor de 15 mil escudos, será atribuido, de dois em dois anos, á melhor composição; e o prémio «Guilhermina Suggia», no valor de 8 mil escudos, será atribuido anualmente á melhor interpretação.

As obras de composição serão para ópera, orquestra, conjuntos de camara, musica vocal e instrumentos solistas. Na orquestra estão incluidos a sinfonia, o concerto, o poema sinfónico, a musica de bailado e outras modalidades. O conjunto de camara compreenderá a sonata, o trio e os conjuntos que não excedam 10 instrumentos. Na musica vocal estão incluidos o «lied», a oratória, a cantata e musica religiosa. Nos instrumentos solistas estão incluidas todas as composições para um instrumento com ou sem acompanhamento de orquestra. Na altura da abertura dos respectivos concursos serão expressamente determinados o género e modalidades das composições atrás referidas.

O prémio «Guilhermina Suggia» será atribuido ao intérprete da especialidade do instrumento musical que, em cada ano, for designado pelo juri, conforme anuncio que deverá ser feito no momento da atribuição do prémio anterior. Em homenagem á sua patrona, o concurso referente ao próximo ano de 1959 será para violoncelo.

A entrega dos prémios efectuar-se-á, em acto solene, no dia 10 de Junho do mesmo ano do concurso.

O 57.º ANIVERSÁRIO

da Associação Protectora da Primeira Infância

Amanhã, ás 15 horas, haverá, no Lactário do Largo do Museu de Artilharia, da Associação Protectora da Primeira Infancia, uma sessão solene e uma festa comemorativas do 57.º aniversário daquela benemérita instituição particular.

Presidirá a esposa do Chefe do Estado.

O dr. Nuno Cordeiro Ferreira fará uma conferência sobre hospitais da infancia. O dr. Brito Avô apresentará as mães e as crianças a quem cabem prémios de natalidade e puericultura.

A's cem criancinhas protegidas pelos lactários da Associação serão distribuidos enxovais, oferecidos por bondosas senhoras.

Bombeiros Voluntários

Realizou-se a assembleia geral dos Bombeiros Voluntários de Queluz, sendo eleitos para o ano de 1959 os seguintes corpos gerentes:

Assembleia Geral: Presidente, José Lourenço; Vice-Presidente, Amadeu Cameira Leitão; 1.º Secretário, Fernando Vicente Pereira; 2.º Secretário, João Pedro da Silva.

Direcção: Presidente, João Dinis Nunes; Vice-Presidente, Alfredo Alves dos Santos; 1.º Secretário, António da Silva Antunes; 2.º Secretário, António Maria Teixeira; Tesoureiro, António Rodolfo Catarro; Vogais, Raul João Negrão Tornelli e João Filipe Salvado.

Conselho fiscal: Presidente, Capitão António Gomes Rocha; Secretário, Manuel Mendes Brito; Relator, Fernando Correia de Sousa.

Criança de Lisboa

perdida no Porto

PORTO, 20. — (Pelo telefone). — Tendo sido encontrado a vaguear pelas ruas do Porto, foi levado para o Albergue da Mendicidade um garoto de Lisboa que vinha destinado a casa de uma pessoa de família, de quem perdeu a morada. Trata-se de Tibério de Aguiar, de 15 anos, morador no Bairro de Moscavide, 15.

A informação à Imprensa

O secretário Nacional de Informação reuniu hoje, no seu gabinete, os chefes de gabinete dos vários ministérios para tratar da melhor forma de informar a Imprensa e de facilitar a obtenção de notícias de interesse para o publico.

Outra mensagem de Eisenhower
com a saudação do Ano Novo
poderá ser transmitida pelo satélite
e retransmitida através da TV

(Continuação da 1.ª página)

uma cápsula até ao de um homem».

Acrescentou que «a façanha demonstra a nossa capacidade de controlar uma órbita, mas não nos fornece nada relacionado com o processo de recuperação».

Em Washington, o Departamento da Defesa anunciou que o satélite estava a transmitir para a Terra, nas frequências de 132,435 e 132,905 megaciclos.

O «Atlas» foi dotado de outros transmissores em miniatura, que difundem uma corrente constante de sinais nos 107,97 e 107,94 megaciclos, que podem ser registados em qualquer ponto do Mundo e se destinam apenas á sua localização. —(Reuter e A. N. I.).

O engenho continua a transmitir sinais

TURIM, 20.—Os sinais do satélite americano foram captados ás 23 h. e 23 m. por dois habitantes desta cidade, os irmãos Achille e Giovambattista Judica. A recepção durou 55 segundos. O aparelho que construiram e lhes permitiu, há meses, captar os sinais dos satélites soviéticos, inclui, nomeadamente um conversor, um pre-amplificador e é dotado de uma antena parabólica.—(France Presse).

*

JOHANNESBURG, 20.—O satélite americano «Atlas» passou, durante a noite, sobre esta cidade, ás 21 e 25 (T. M. G.) e os sinais transmitidos foram captados pelo posto que segue a trajectória do satélite em Esselen Park, perto desta cidade.

O satélite foi, também, avistado pelo Observatório da União em Johannesburg, 30 minutos depois da meia-noite. O astrónomo desse observatório, dr. William Finsen, declarou que gravitava de Oeste para Leste, a uma altitude de cerca de 50 graus, deixando atrás um duplo rasto de luz, de 50 em 50 segundos, e era visível a olho nu.—(Reuter).

*

MELBOURNE, 20.—Os cientistas do Centro Experimental de Foguetões de Woomera, conseguiram fotografar esta manhã o satélite americano.—(France Presse).

A Lua, origem de preocupações

BONN, 20.—O jornal pró-governamental, «General Anzeiger», afirma hoje que só um desembarque russo na Lua podia destruir o equilibrio de prestígio entre a Russia e os Estados Unidos. O jornal referia-se ao lançamento, com êxito, do satélite artificial americano.

Por seu turno, «Der Mittag» declara que o combustível do «Atlas» deve possuir «uma potência até aqui desconhecida».—(R.).

O carro do futuro, concebido pelos engenheiros da Simca, será guiado pelo radar e propulsionado por um reactor atómico. A nossa gravura mostra o modelo sensacional do «Fulgur» durante as suas primeiras experiências

Atribui-se a um caso de loucura
o tenebroso crime de Londres

(Continuação da 1.ª página)

de sir John Pratt, antigo funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros e perito em questões do Extremo Oriente, irmão de Boris Karloff.

Thomas Bromley, adido ao Ministerio da Defesa e ao Secretariado de Gabinete, foi consul em Washington e antigo primeiro-secretário da Embaixada em Bagdad. Na altura da crise de Suez encontrava-se temporàriamente, a prestar serviço em Chipre e Port Said.

A Policia começou logo as investigações que até agora não deram qualquer resultado. Os Bromley constituiam um casal muito unido. Ninguém lhe conhecia inimigos. As crianças devem ter sido surpreendidas no seu quarto pelo assassino que se serviu de uma lâmina muito afiada.

A senhora Bromley encontra-se no hospital, onde, durante o dia de ontem, mulheres-policias aguardaram, á sua cabeceira, o relato da horrível tragédia. — (R. — F. P — A. N. I.).

A mãe foi incriminada

LONDRES, 20 — Uma notícia sensacional parece haver transtornado os dados do tremendo caso da vivenda de Halsemere, no Surrey a mãe das duas crianças assassinadas foi intimada a comparecer hoje — e não amanhã, como se disse — no Tribunal de Guildford, perto de Londres.

Diana Bromley, não apresenta ferimentos graves e o seu estado foi considerado suficientemente satisfatório para se apresentar ao tribunal. Foi pronunciada, formalmente, como autora da morte do filho mais velho, Martin.

E' acusada de ter morto os dois, mas uma das particularidades da lei inglesa estipula que qualquer criminoso apenas seja julgado por um crime de cada vez. A audiência desta manhã no tribunal de Guildford durou escassos minutos. A pronunciada recolheu á prisão e voltará a comparecer no tribunal na quarta-feira.—(F. P.).

Outro crime estranho

LONDRES, 20. — Uma rapariga chamada Verónica Murray, apareceu morta, no seu leito, num mar de sangue. O agressor serviu-se de um «stick» de golfe e a vítima tinha a coluna vertebral partida.

Segundo os primeiros elementos do inquérito, o crime foi praticado há dias. Verónica estava empregada num armazem do centro de Londres, aonde não comparecia desde segunda-feira. Foi uma amiga que deu o alarme. — (F. P.)

Novos assaltos
dos famintos
pela estiagem
no Norte do Brasil

FORTALEZA (Brasil), 20 — Umas 10.000 pessoas, acicatadas pela fome, parece terem invadido a aldeia de Mombaça, no Estado de Ceará, onde semearam o pânico.

A população que sofre, também, os efeitos de uma seca persistente, alarmou-se ao ver quase esgotados os «stocks» de géneros alimentícios. Perante a ameaça de pilhagem, as casas comerciais encerraram as portas. — (F. P.).

O auxílio às regiões flageladas

RIO DE JANEIRO, 20 — O chefe dos Serviços de Migração declarou, ao regressar de uma viagem de inspecção pelo Norte do país, onde a seca se fez sentir, que os socorros e a evacuação dos refugiados continuam a fazer-se normalmente.

A operação «flagelados», que interessa exclusivamente as populações dos Estados de Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, aos quais a seca aflige todos os anos, prossegue com o auxílio do Exército, da Marinha e das Forças Aéreas, que vão transportando os habitantes para outros Estados, em camiões, navios de guerra ou aviões. Só na cidade de Fortaleza, seis dos doze mil refugiados foram já levados para os Estados do Pará e do Amazonas e bem assim para a futura capital, Brasília.

Aquele funcionário acrescentou que, em poucas semanas, os seus serviços já auxiliaram 85.000 «flagelados» a procurarem regiões menos áridas e que o Governo dos Estados Unidos enviou víveres e vestuário para as vítimas da seca. — (F. P.).

258 MIL CONTOS
receita do concurso de prognósticos em 1958 na Dinamarca

COPENHAGUE, 20.—Registou-se novo «record», este ano, no total realizado em apostas de futebol, na Dinamarca. Foram comprados bilhetes no valor de 60.459.568 coroas dimarquesas, soma equivalente a cerca de 258 mil contos; mais 95.082 coroas do que no ano precedente.

Por seu turno, o Estado recebeu 24 milhões de coroas, quantia correspondente a 90 mil contos, relativamente ás taxas impostas sobre o rendimento total e sobre cada aposta.—(A. N. I.).

Pantagruel
vale mais de dois milhões

PARIS, 20 — Foi adquirido em leilão, por 2.410.000 francos, um exemplar de uma edição rara de «Pantagruel», de Rabelais, que se crê ter sido impresso em Lyon em 1532.

Passa por ser o original da edição de 1533, e dela só se conhecia a existência de um exemplar na Biblioteca Nacional. — (F. P.).

Ultimas notícias

RESERVAS DA A. F. L.

O jogo desta tarde
no Restelo

A A. F. L. marcou para hoje um unico encontro do torneio da taça «Dr Oliveira Duarte», que tinha sido adiado em consequência do mau tempo e que se revestia de particular importancia para a classificação, na série B. Defrontaram-se, no Restelo, as equipas do Belenenses e do Benfica B. O mau tempo prejudicou o desafio e afugentou o publico.

Sob as vistas de Mário Costa, as equipas formaram assim:

BELENENSES—Fernandes; Leonel e Rosendo; Amandio, Castro e Marçal; Abdul, Mendes, Cunha Velho, Miguel e Tito.

BENFICA B — Bandola; Nuno e Jorge; Amaral, Ceitil e Jurado; Reis, Mascarenhas, Pedro Silva, Muralha e Neves.

As equipas procuraram adaptar-se ao estado do terreno, jogando por alto e em passes largos. As primeiras ocasiões de perigo pertenceram aos «azuis» entre os 10 e os 15 minutos. Á passagem da meia-hora, Cunha Velho, já sem Bandola nas redes, atirou por alto. Depois as jogadas de perigo alternaram-se, mas alguns «cantos» cedidos por ambas as defesas não resultaram. Ao intervalo havia um empate 0-0.

■

O TRÁFICO
de divisas em Espanha

MADRID, 20 — A propósito do caso do tráfico de divisas, descoberto recentemente, a Direcção Geral de Segurança entregou á Imprensa, após o conselho de ministros, o seguinte comunicado:

«Os Serviços de Investigação descobriram, recentemente, factos que revelam a existência, no estrangeiro, de depósitos de valores e divisas não-declarados pelos seus titulares ao Instituto Espanhol da Moeda Estrangeira. Uma vez estabelecida a presença, em Espanha, de agentes de bancos suiços que asseguravam a ligação com os titulares das contas e os auxiliavam nas infracções á legislação em vigor, procedeu-se a diversos inquéritos e prisões, entre as quais a de um agente suiço, portador de uma lista em código dos donos dessas contas de divisas e respectivo movimento de fundos.

O Instituto Nacional de Moeda Estrangeira prossegue nos seus inquéritos a fim de determinar as importancias relativas ás descobertas que acabam de se fazer. Ao dar-se cumprimento á legislação em vigor, os *dossiers* serão entregues aos tribunais competentes». — (F. P.).

Novas armas americanas
para a Europa

WASHINGTON, 20 — O secretário da Defesa, Neil Mcelroy, declarou á Imprensa que serão enviados, em breve, para a Itália e outros países da Europa projécteis balísticos de alcance médio. — (A. N. I.).

Dificuldades
na descarga de material de guerra
em Cuba

HAVANA, 20. — Parece que certas dificuldades atrasaram o descarregamento dos pesados carros de assalto britanicos, chegados anteontem a este porto, no navio norueguês «Nana».

O Ministério da Marinha pediu ao navio alemão «Sonderburg», que tem guindastes poderosos, para auxiliar o descarregamento. O capitão disse estar pronto a aceder ao pedido, mas que teria de pedir licença aos armadores. Parece, também, que as docas não são suficientemente consistentes para aguentarem o peso dos tanques. Por ultimo, depois de o navio alemão ter finalmente auxiliado a descarga, um dos tanques ao pôr-se em marcha, explodiu e incendiou-se e os bombeiros foram chamados urgentemente. — (F. P.).

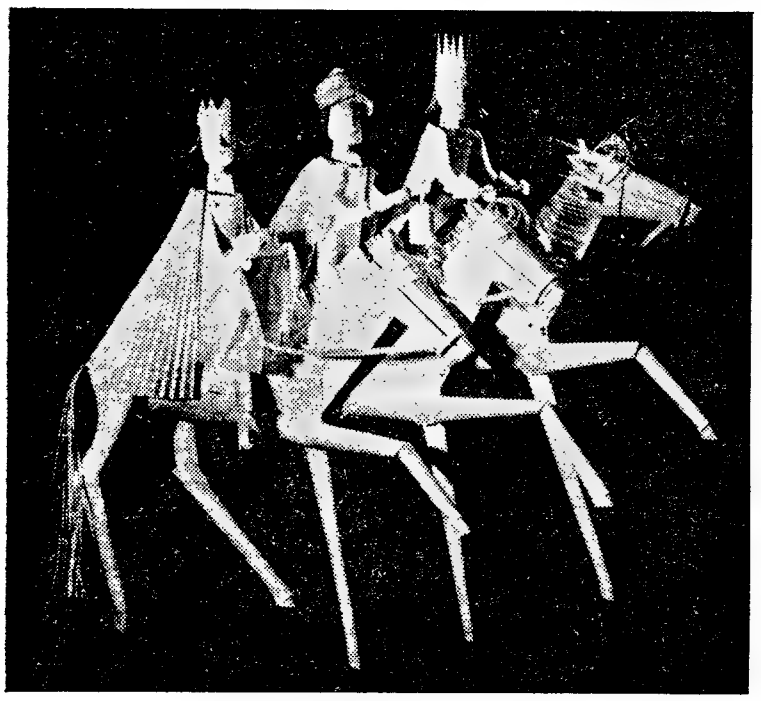
Violenta luta com os rebeldes

HAVANA, 20. — Um comunicado governamental anuncia que foram mortos 120 rebeldes, num combate na província de Oriente, e que morreram mais 30 em recontros, na província de Camaguey. O comunicado acrescenta que as forças do Governo tiveram perdas, mas não indica o numero. — (F. P.).

1958 1959
REVEILLON
SEMPRE O MAIS DESLUMBRANTE
SÓ NO
CAFÉ CHAVE d'OURO

1 390$00
VESTIDOS DE MALHA PURA LÃ
LINDOS MOD.
Confecções prontas a vestir
CASA MAX
R. D. Estefania, 193

RESTAURANTE TIPICO
RIBATEJANO
SALVATERRA DE MAGOS
TELF. 14
O MAIOR REVEILLON DO ANO — No ambiente mais castiço do RIBATEJO
2 CONJUNTOS RIBATEJANOS DE ACORDEONS 2
com os vocalistas MANUEL CARLOS e JOÃO ANTÓNIO
* (15 anos)
4 RANCHOS FOLCLÓRICOS 4
AVIEIROS e SETE-SAIAS
DIA DE NATAL
Almoço com EMENTA ESPECIAL
(6 anos)
* DIA DE ANO NOVO — ALMOÇO REGIONAL COM FESTA FOLCLÓRICA
* Ranchos Pescadores OS AVIEIROS infantil e adultos * Rancho Folclórico FOROS DE SALVATERRA
* Ranchos Típico SETE-SAIAS infantil e adultos * Rancho Campinos de SALVATERRA
INFORMAÇÕES e RESERVA DE MESAS — LISBOA — TEL. 770320 — NÃO TEM TRANSPORTE? TELEFONE PARA 28829



Diario de Lisbôa N.º 23 Diario de Lisbôa

N-A-T-A-L

Nasceu em pobre mansarda,
Onde boi e mula havia,
Sem mantas nem cobertores,
Em uma noite tão fria!

S TRADIÇÕES TODOS OS ANOS VÃO MORRENDO UM POUCO,

sem pedir vestes de luto ou cartões de pêsames. Sem darmos por isso, morrem silenciosamente, santamente: hoje um pequeno hábito que se reformou e já não mais voltará ao serviço, amanhã, num simples aspecto particular de uma festividade: e nós acomodamo-nos, da mesma forma que nos acomodámos a todas as transformações sociais que provocámos ou a que nos sujeitámos.

Claro que tais mudanças não se fazem tão velozmente e da mesma forma em toda a parte: uma viagem apenas de escassos quilómetros é quanto basta para, sem utilizarmos a «Máquina do Tempo» de Wells, nos vermos subitamente transportados ao longínquo passado. Ainda lá encontraremos a «missa do galo», os «presépios», das «consoadas de família» — aquelas patriarcais consoadas que inspiraram a Julio Dinis capítulo célebre da «Morgadinna dos Canaviais», assim inocentemente começado:

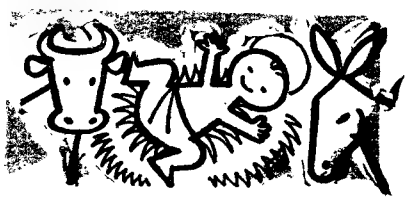
«Eu não sei se esta história terá leitor tão mal aventurado, que não possua recordações e saudades associadas á noite de Natal, aquela festiva e abençoada noite, em que as ruas e os lugares publicos se despovoam, e nos lares domésticos parece crepitar e cintilar o fogo mais acalentador do que nunca. Se algum deserdado da fortuna há aí que não saiba o que é a festa das consoadas de família, esse que não leia este capítulo, que nele não encontrará prazer. Se alguns a gozaram já noutros tempos, porém hoje erram a essas horas pelas ruas solitárias, olhando com inveja para cada raio de luz que rompe das frestas de tantas janelas discretamente fechadas, ouvindo comovidos os ruídos das alegrias que vão no seio das famílias, e pela fantasia criando em cada morada um mundo íntimo de afectos e de venturas, como os de que a sorte os privou, que esses me perdoem as amargas saudades, que porventura lhes avive assim».

Já, porém, o mesmo Julio Dinis nos adverte que um mundo novo nasce e um mundo velho se encaminha para o passado: «E vós todos, a quem uma moda tola não constrangeu ainda a abandonar os hábitos que de pequeno contraístes, e festejais ainda o Natal de Cristo, segundo o estilo velho, continuai a manter genuinos esses costumes nacionais, que não resultará daí desdouro para o vosso nome ou brasão. A roda da civilização, a que aplicais ombros com tanto denodo, não se cravará por isso. — Podeis, elegantes meninas, cantar loas sem escrupulo diante do presépio armado na sala mais íntima da casa, que nem por isso cantareis pior na de visitas as árias italianas, que aprendestes no colégio; não córeis de colaborar, por excepção, esta noite nos misteres da cozinha, que sobra de água-de-colónia e de perfumes tendes no toucador para as abluções purificatórias. Homens graves, a Republica perdoar-vos-á uma pequena infidelidade, a politica do País e da Europa não periclitará desnorteada se por um pouco, lhe negardes a vossa atenção; humanizai-vos, pois, uma vez por ano e baixai ao seio da família os olhares, que ponderosos empenhos vos trazem sublimados. — Entrai com as crianças em jogos pueris e fáceis, que não destemperareis a inteligência para as filosóficas cogitações do *boston* e do *whist*».

Era assim em 1868, data em que a «Morgadinha» veio ao Mundo. Vede como tudo mudou: o que era irremediávelmente velho; o que era irremediávelmente novo. Aquelas «escandalosas» meninas que cantavam árias italianas, aprendidas nos colégios, cantam hoje o «rock», o «cha-cha-cha» e outros arroubos poéticos aprendidos no cinema e na telefonia; a velha «sala mais íntima da casa» é, nos tempos dos nossos abnegados senhorios e empreiteiros, produtores de minusculos lares, a casa de banho; os misteres da cozinha simplificaram-se com os «snack-bar»; desapareceram os toucadores, parece que sem substitutos de qualquer espécie; a Republica passou a perdoar aos «homens graves» as grandes infidelidades, pois que das pequenas nem se fala — e assim por diante...

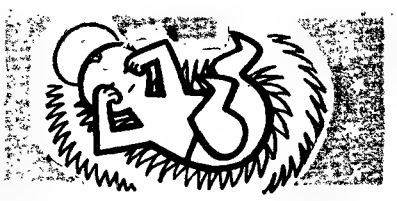
Mas os homens não se contentam apenas com matar as tradições; criam novas: novos conceitos de humanismo, novos conceitos de beleza e um anseio, na verdade herdado, mas na verdade mais forte ainda, de paz, de tranquilidade no presente e no futuro, de tolerancia, de respeito, onde as crianças nunca sejam demais.

Que bela tradição para os homens criarem!



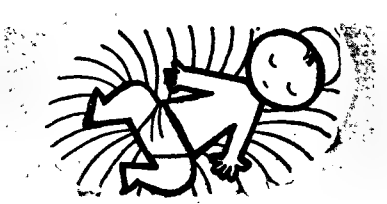
O Menino está na neve,
A neve o faz tremer;
Menino da minha alma,
Quem lhe pudesse valer!

O Menino chora, chora,
Porque não tem sapatinhos;
Haja quem lhe dê os tacões,
Que eu lhe darei os saltinhos.



Ó meu Menino Jesus,
Quereis vós castanhas quentes?
Abri a vossa boquinha
Para ver se tendes dentes.

O Jesus Menino,
Boquinha tão doce!
Olhou para mim,
Dormiu-se e ficou-se.



i C d s m n

GREGÓRIO BARRIOS em CABECITA NO OMBRO
Cabecita no ombro—O telefone—Cachito—Que será de ti
Parlophone LGEP 4007

A canção de maior exito no momento é indiscutívelmente a bela melodia de Paulo Borges «Cabecita no ombro». Pela sua simplicidade melódica e pela ternura dos seus versos é fácil compreender como conseguiu conquistar a apreciação de vasto sector do publico discófilo, nomeadamente o feminino. No disco agora posto a girar pela Parlophone vem juntar-se aos atractivos já referidos o de a intrepretação de Gregório Barrios ser magnífica de intenção e sensibilidade.

a canção que triunfou!
LYS ASSIA e Orq.ª de Hugo Strasser — Giorgio — Louella
Decca D 18762

Lys Assia um dos nomes grandes da radiodifusão germanica está a pouco e pouco a conquistar o nosso publico. Artista de grande maleabilidade e invulgar capacidade para idiomas Lys Assia pode considerar-se uma segunda Caterina Valente dela apenas se caracterizando por um timbre ainda mais suave e uma mais completa educação lírica. «Giorgio» uma canção fora de série que a rádio portuguesa lançou em poucos dias deverá, estamos certos, concorrer para o estabelecimento definitivo do nome de Lys Assia entre os das grandes vedetas internacionais que o nosso publico prefere.

Discos publicados pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, R. Nova do Almada, 97.

I D S M N F L Z

Para onde vai amanhã?

Á uns anos esteve muito em voga um livro dos chamados «cor-de-rosa» com um título muito sugestivo: «O alvo é a felicidade».

Como devem calcular, não morro de amores por esse tipo de literatura que tende a narcotizar os leitores servindo-se de um processo que as leis que regem o comércio das drogas não podem impedir.

Mas, tal como acontece com certas musicas medíocres que á força de serem marteladas pela rádio acabam por se instalar perigosamente dentro da nossa cabeça, também durante muito tempo sempre via diante dos olhos, enchendo montras azuis, o título sugestivo: «O alvo é a felicidade».

Não sei lá qual era a felicidade que servia de alvo ás personagens do romance. Mas também eu acredito que «o alvo é a felicidade», que é isso, afinal, para que andamos todos «nisto». Evidentemente, o alvo muda de feição de pessoa para pessoa. Para algumas delas como para aquela pobre que há dias me bateu á porta, o ideal é ter uns sapatinhos, mesmo velhos, e umas meias sequinhas... Para outros, como para o S. que se encontra internado, o ideal era ter alta rapidamente, voltar a ver o Sol e a chuva da sua terra... Outras desejarão acima de tudo fazer boa figura na televisão, na rádio, no emprego... A propósito, já perguntaste a ti próprio qual o teu ideal de felicidade? Não sorrias. E' uma pergunta importante na nossa vida e da resposta que lhe dermos — não tenhas duvida! — depende a sorte do Mundo.

O Mundo não esteve nunca até hoje organizado de maneira a permitir a felicidade de cada um. Ah, não. A luta pela vida cega-nos, o pãozinho para a boca... (O próprio facto de o ideal de muita gente ser ainda conseguir o pãozinho para a boca diz bem o caminho que ainda nos falta andar). Ficamos destruídos dia a dia, lembramos aqueles exércitos que não arranjam nunca ocasião para reagrupar as suas forças e passarem á ofensiva...

Mas o desejo de atingirmos o tal alvo não morre em nós, vai apenas ficando adiado, como as letras que se vencem a longo prazo. E de ano em ano lá surgem estes dias breves que vivemos agora, recordando-nos isso mesmo—que o alvo é a Felicidade, é a Paz, é a Fraternidade, é a Amizade, é o Bolo-rei, é o brinquedo futil e essencial, são as nossas mãos dadas rodeando o Mundo numa cadeia invencível...

Deves saboreá-los bem, meu amigo, até á ultima gota. E deixa acordar em ti o menino que dorme em todos nós, a graça e a pureza que dia a dia em nós morrem e em nós ressuscitam... Se tu soubesses como são belas, nesta altura do ano, as lojas de brinquedos! Verdadeiros mundos de encantar, histórias maravilhosas que só os meninos ricos podem ler... Só os meninos ricos, talvez não. Há também os brinquedos pobres — as carrocinhas, as bonecas massarongas, os pífaros de lata, os lápis de cor que escrevem só uma vez porque a viêndia não resiste mais á pressão dos canivetes... E a alegria que vai pelas lojas, pelas ruas, nesta época... Vale a pena, meu amigo, dares um passeio por essa cidade fora, para sentir bater o coração dela — e o teu próprio coração. Haverá poucos passeios tão instrutivos como este, podes acreditar, para se conhecer o poder de compra das classes, os seus anseios, a sua maneira de viver. Verás quem compra os tanques que deitam fogo «sério», os aviões que descem em voo picado vomitando chamas e raivas... Verás os olhos magoados que deixam atrás de si a bonequinha de farrapo que não puderam comprar... Verás, sobretudo, renascer a esperança em melhores dias, neste afã de comprar coisas «inuteis», neste afã irreprimível de considerar essenciais os objectos supérfluos... de que dependem a beleza — e a felicidade...

Faz o que eu te digo, meu caro. Deixa acordar em ti o menino e o poeta que em ti dormem. E dá graças por viveres num tempo em que os mais pobres, até os mais pobres, se julgam com direito e exigem um brinquedo e um bolo-rei. Viva o tempo!

CICERONE

GANHE 100$00

Esta semana, a palavra TACHO deu origem a uma excelente máxima de filosofia política e a diversas manifestações de culinária figurada. Também serviu de inspiração poética.

ESTA palavra **TACHO** produziu um verdadeiro «record» de respostas. Já o calculávamos! São poucas as oportunidades para se fazer a saborosa **«culinária figurada»**. Mas os nossos prezados leitores não se limitaram a este tipo de actividades; apareceram dissertações matrimoniais, teses folclóricas, revisões a dicionários, lições de estratégia militar, exercícios de aferição de medidas, propostas para adivinhas, receitas medicinais e veterinárias, modificações dos horários de trabalho e até poesia... na realidade, o **TACHO** é um grande tema para variações sinfónicas.

Todavia, o vencedor, que assina apenas **UM LEITOR DO «LISBOA»** e mora na Rua S. João de Deus, Lote 1, r/c.-dt.º, Dafundo, foi dotado com os CEM e o SORRISO em virtude de uma exemplar máxima de filosofia política:

TACHO — é um «enche-barrigas» sobre que se concentram as atenções das boas cozinheiras e dos políticos maus.

Esperamos que o LEITOR DO «LISBOA» nos mande o seu nome completo. E parabens! Quem nos apresentou uma dissertação matrimonial foi a nossa amável leitora do Porto, Maria Julia da Conceição. Aqui fica a definição para uso dos interessados:

TACHO — nome que os rapazes costumam dar ao dote da futura noiva.

A frase tem reticências, que não se transcrevem para poupar espaço. Mas eu sei que aquela nossa leitora estava a pensar no nome que as raparigas dão aos «bons sentimentos» bancários do futuro noivo. Acertei?

Dois amigos leitores nos enviam soluções de grande alcance folclórico. Começo pelas senhoras, como manda a boa educação. E' a sr.ª D. Emília Brandão (Carcavelos) que nos apresenta uma correcção moderna ao velho provérbio — «Grande nau, grande tormenta». Diz:

TACHO — coisa que quanto maior é, maior lucro dá.

Perfeitamente certo. Só faltou acrescentar que quando dá muito trabalho a administrar, por ser grande, o beneficiário arranja meia duzia de contínuos que o auxiliem.

O outro leitor, o sr. Mário da Costa Pereira (Lisboa), escreve:

TACHO — é um utensílio doméstico que os tachistas usam para arranjar as sopas á portuguesa.

Numa coisa só não estou de acordo: em que o utensílio seja doméstico. Domesticado, talvez.

Um concorrente desde os primeiros concursos, o nosso amigo E. Lass, de Coimbra, mandou esta correcção ao Grande Dicionário de Morais:

TACHO — é a designação moderna da «árvore das patacas».

Mas uma árvore mais cómoda, pois não necessita de ser... abanada.

O sr. Fernando Comba (Lisboa) desejava modificar o seu horário de trabalho: queria um tacho para as folgas. Aqui lhe publicamos o anuncio (inteiramente gratuito e ainda com um sorriso nos lábios), pois temos esperança de que receberá muitas respostas:

TACHO — o que eu gostava de ter depois das horas de serviço.

Para finalizar, e visto não ter espaço para mais transcrições, eis a poesia obrigada... a tacho:

Nunca se fez ao Tacho referência
Nas palestras vulgares ou nas se-[lectas,
Nem lembrado é na lira dos poetas,
Que gostam de aspirar-lhe a rica [essência!

No entanto, é lastimada a sua au-[sência
E faz-se-lhes as buscas mais se-[cretas
E' alvo fixo de todas as metas
E jamais lhe negaram Excelência.

Nas fumarentas choças, nos palá-[cios ricos,
Nas bocas com batons, nos sujos [bicos,
Em tudo e todos a magia espan-[de...

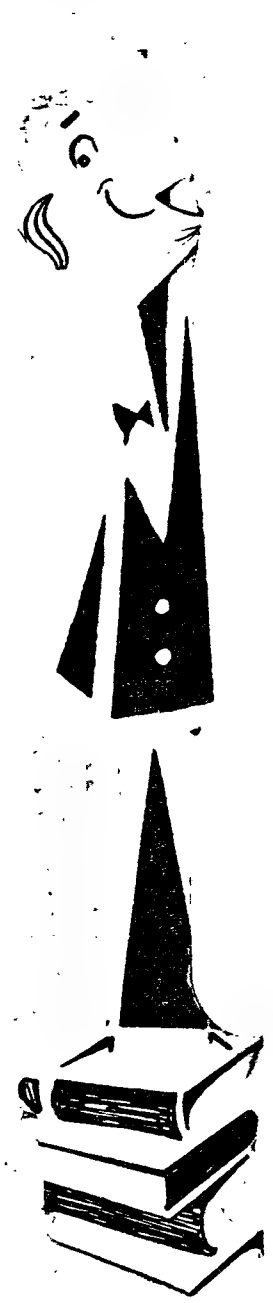
Por isso a multidão — essa iludi-[da!—
Lá vai andando aos tombos pela [vida,
A ver se arranja ainda um «Tacho Grande».

E' seu autor o sr. Silvestre Gaudêncio, de Unhais da Serra, a quem vamos enviar o que nos pede.

A próxima palavra a concurso, cujas definições devem estar em «MAGAZINE», Rua Luz Soriano, 44 a 48, até ao próximo dia 29, é

INQUILINO

iO



S livros desta semana são verdadeiramente «LIVROS DE NATAL». O primeiro é uma obra póstuma de Irene Lisboa, uma das maiores escritoras portuguesas dos nossos dias, recentemente falecida. Chama-se «QUERES OUVIR? EU CONTO» e tem como subtitulo esta designação tão característica da autora: «Histórias para maiores e mais pequenos se entreterem». São belas narrativas que nos enchem o espirito de suave poesia. Os amadores de boa literatura não podem desconhecer uma obra destas.

Outro livro é «NA MÃO DE DEUS» — Antologia da Poesia Religiosa Portuguesa, organizada por José Régio e Alberto de Serpa e ilustrada por Guilherme Camarinha.

Eis uma obra de excepcional interesse, que nos fornece um panorama, apesar de tudo pouco conhecido, da Poesia portuguesa de inspiração religiosa. O publico sabe que, tal como o nosso povo, os nossos poetas criaram belas poesias de tema religioso. A dificuldade estava, porém, em encontrar essas poesias, sobretudo se o interesse do leitor quisesse abarcar toda a história literária portuguesa, desde o seu início.

Ora é justamente o que lhe oferece a presente Antologia: um panorama da Poesia Religiosa Portuguesa desde os poetas do século XV até hoje.

Era difícil a escolha das composições mais significativas, em tão largo período de tempo. Dela se ocuparam, todavia, dois antologistas de verdadeiro autoridade — os Poetas José Régio e Alberto Serpa.

Além de variadíssimos nomes, a Antologia inclui criações de D. João de Meneses, Alvaro de Brito Pestana, D. João Manuel e Diogo Brandão — para o século XV; de Gil Vicente, Sá de Miranda, António Ferreira, Fr. Agostinho da Cruz e Camões — para o século XVI; de Francisco Manuel de Melo e Fr. António das Chagas — para o século XVII; de Correia Garção, Reis Quita, Marquesa de Alorna, Filinto Elísio, Bocage — para o século XVIII; de Garrett, Herculano, Soares de Passos, João de Deus, Antero de Quental e António Nobre — para o século XIX; finalmente, Pascoais, Afonso Duarte, Fernando Pessoa, Vitorino Nemésio, Carlos Queirós, Miguel Torga, Jorge de Sena — para os tempos presentes.

Por este pequeno resumo se vê a excepcional importancia de tal «Antologia».

Além destas duas obras, a PORTUGÁLIA EDITORA lança ainda nesta quadra festiva a reedição do célebre «Kipps», romance de H. G. Wells, cujo título, na tradução portuguesa, é «ALMAS SIMPLES».

EXPRESSÕES DE ITÁLIA

ROMA "CRESCENDO"

Por DULCE REBELO

TUDO quanto é belo e maravilhoso parece ter encontrado nesta imponente cidade a sua pátria e o seu destino. Uma das mais antigas civilizações, sede de poetas, oradores, artistas, patenteia-se aos olhos deslumbrados de quantos procuram comunicar com o passado. Ao percorrer-se a Rocha Tarpeia, o monte Palatino, o Foro Romano, o campo de Marte, os Arcos de Tito e Constantino, perde-se a noção do tempo para se mergulhar num mundo longínquo, irreal, em que se ouve o estrépito dos cavalos puxando as quadrigas da Vitória, a voz de Cícero discursando no Senado, a aragem que bafeja os jardins luxuriantes, da residência dos imperadores, no século de Augusto. Entre as colunas dos foros Romano e Trajano alveja ainda a Ara onde ardeu o cadáver de César, o legendário tumulo de Rómulo, a bela casa de Lívia. Sente-se uma estranha emoção ao pisar-se a Via-Sacr a («Ibam forte viam sacram...» — lá dizia o bom Horácio) e ao descobrir-se ao fundo da formosa Via dos Foros Imperiais as muralhas do Coliseu, monumental e grandioso. Por dentro há pilares fortes e maciços, grades que preservam as jaulas de antigas efras, lançadas contra a fraqueza de escravos e condenados, varandins onde os degraus, assento de remotos espectadores, são agora terra e pequenos calhaus. No cimo tem-se uma visão da arena. De forma oval, não muito grande para quem esteja habituado ás pistas dos modernos estádios, revela restos de construções onde se albergavam os animais que iam actuar no espectáculo do dia, e para onde escorria o sangue das vítimas a fim de que a arena conservasse um aspecto limpo. Numa das extremidades ergue-se uma cruz, a recordar os cristãos mortos nos divertimentos sangrentos. Roma, aliás, está cheio dos vestígios dos primeiros cristãos por baixo das suas ruas modernas: as catacumbas, a que várias e resplendentes igrejas dão acesso, são o testemunho vivo dos sofrimentos e da abnegação de homens e mulheres que acreditavam num mundo melhor do que aquele em que as perseguições frustravam os seus ideais. Vivendo em galerias humidas e extensas, construídas por eles próprios, aí conviviam com os cadáveres dos seus companheiros aboletados nas cavidades que cobrem as paredes de alto a baixo.

As suas mãos gravaram toscamente o sinal da paz — uma pomba com ramo de oliveira no bico —, e também uma ou outra cena do seu dia-a-dia, misturada com o símbolo de Cristo — o peixe. Uma caveira, um osso, uma queixada ou simples pó branco são os unicos elementos que atestam a presença dos seres vivos de há 200 anos D. C. Que diferença e que lonjura vão destes subterraneos bolorentos, onde mal se pode respirar, até aos magníficos templos revestidos de mármores, dourados e purpuras! Aos primitivos cristãos bastava-lhes a sua fé inquebrantável, o seu fervor e a sua coragem, e nunca poderiam pensar que onde tanto sofreram se ergueria o maior poderio da cristandade, representada na famosa Basílica de S. Pedro.

Ao visitar-se esta catedral é-se esmagado pela riqueza e esplendor que ressalta dos balaustres, dos bronzes, das cornijas de ouro. Notam-se os tumulos marmóreos dos antigos Papas, com figuras monumentais, e grupos escultóricos de arte inconfundível, como a conhecida «Pietà» de Miguel Angelo. Lampadas eléctricas, sábiamente distribuidas dão uma iluminação feérica a certos altares e a certos retábulos. Ao centro da enorme nave ergue-se um dossel, rebrilhante de ouro, que protege o tesouro da igreja.

Milhares de forasteiros acorrem constantemente para contemplar a arte magnífica de artistas imortais e manifestar fervorosamente a sua fé. Junto da bela estátua de bronze de São Pedro entronizado, em jeito de abençoar, reunem-se os peregrinos e sobre o pé direito do santo, já puído e gasto por tantas cenas idênticas, deixam os seus beijos, as suas lágrimas, as marcas das mãos humidas que procuram ávidamente um contacto com o Céu. As imagens dos santos de maior devoção estão rodeadas de corações de prata ou ouro, joias, vasos de metal precioso, tudo ofertas dos fieis que receberam graças especiais. E' sem duvida todo este contraste de delicada beleza artística e pesada riqueza, de glorificação do génio humano e apologia da humildade não verificada, que impressiona e leva a uma profunda meditação perante esta obra extraordinária do Renascimento, em que trabalharam Bramante, Rafael Sanzio, Andrés de San Gallo e Miguel Angelo.

Que tesouros de arte possui esta Roma maravilhosa! Todos os seus museus são importantíssimos, porque neles se podem admirar estátuas, frescos, quadros e reconstituir através deles a evolução da escultura e da pintura, desde as mais antigas civilizações até á florescente época do Renascimento.

Aos museus do Vaticano, Capitólio, Borghese, chegam artistas de várias nacionalidades que esboçam desenhos ou ensaiam tons de tintas, no esforço evidente de imitarem a arte dos grandes mestres.

Os Romanos sabem conservar a herança do passado, cuidando desveladamente dos seus monumentos, expostos ás intempéries, e das obras que estes encerram. Dentro de cada Italiano parece existir um sentido artístico especial, uma sincera emoção perante a beleza e as Artes em geral. E' esse o motivo, sem duvida, por que todos os dias mãos, que não são estrangeiras, vão espargir pétalas de flores sobre o tumulo de Rafael, cujos ossos e cinzas repousam no Panteão onde se ouvem canticos em honra do prodigioso artista.

Outubro, 1958.

DULCE RAMOS

O FILISTEUS

E' tão fácil mistificar os filisteus. Sim. E' realmente fácil.

«Mas — perguntava-me há dias um elegante cavalheiro — que é um filisteu? Vamos — insistia ele — que é um filisteu? Diga-me já aí, rápida e claramente, *ex subito*, o que entende por filisteu».

Gaguejei.

— Filisteu... Sim... E'... Sim... Um tipo... Bem, compreendes... Arte... Asneiras...

E enquanto balbuciava estas coisas vagas e desconexas ia pensando, vertiginosamente, em como são perigosas, limitadas, vagas e imprecisas quase todas as definições. Porque encaixar a realidade, palpitante, multipla e essencialmente mutável no quadro acanhado de uma frase, é perfeitamente idiota.

Mas consegui desembuchar. Falei da Sublimidade da Arte, da Grandeza do Génio, da estreiteza do espírito burguês, do Artista incompreendido e dos Sonetos de Petrarca.

O meu amigo ficou surpreendido e esmagado pela profundidade do Saber. E tive então a prova, real e palpável, de quão fácil é mistificar um filisteu. Basta exibir dois ou três nomes sonoros — Kirkgard, Berdaiev, os Upanishads e mesmo, por vezes, Soares de Passos — formar com eles uma ou duas frases sem sentido algum — quantas e profundas ilacções se podem extrair das coisas sem sentido! — e vereis então o filisteu abater-se de bruços perante a vossa superior Sabedoria.

Há várias espécies de filisteus. Estejamos preparados para, em caso de necessidade, lhes aplicarmos o tratamento exigido em cada categoria.

Pode-se ser filisteu por puro snobismo. «A Cultura — dizem eles — não é nada. Literatices... Literatices...» E' o caso de H. Ford, citado por Huxley. «History is bunk». Desconfiemos destes filisteus. Jogam o ténis, passeiam-se em companhia de loiras explosivas e adoram as altas velocidades. Devemos atacá-los pelo seu ponto frágil. Mostremos-lhes que, sem a abstracção *Cultura*, não seria possível o avião supersónico, nem o carro de corrida, nem os cabelos platinados, nem a brilhantina líquida. Ficará embaraçado. Talvez proteste. Mas, obscuramente, o seu cérebro passará a venerar — em rigoroso segredo — a abstracção misteriosa.

Outra categoria é a do filisteu disfarçado. Admira os génios e a Arte. No fundo — odeia-os violentamente, porque os não compreende. Gosta de fazer perguntas deste género: «O que é o espírito burguês? Porque gosta da musica dodecafónica?» Ou então «o que quer exprimir a pintura surrealista?», e outras coisas do mesmo estilo. Para este, o método é fácil. Já o apontei. Três nomes sonoros. Uma frase estranha. E o filisteu abate-se.

Mais temível é o filisteu prático. O filisteu prático tem sempre uma resposta. Se falamos de Beethoven, ele rosna: «Filosofias... Filosofias...» Se discutimos o existencialismo: «Teorias... Tretas...» Se procuramos convencê-lo dos prazeres da Cultura: «Lérias... Filosofias...»

Na palavra *filosofias* vem implícito um desprezo enorme e magnífico, toda a *filosofia* do filisteu. E conclui, triunfante: «Lérias... Palavrório. Cá na vida prática, a aguentar, é que eu os queria ver.» Conta histórias: «O Silva, aquele que era um pobretana, sem ter onde cair morto, lembram-se? Pois está banqueiro. Tem prédios de rendimento, automóveis e passa as férias na Côte d'Azur. Soube governar-se. Não esteve com *filosofias*. Sempre para a frente. E esperto como o diabo.»

Para este só existe um truque — e fraco. Provar que ele, filisteu prático, calejado nos embates com a vida, é, também e afinal, um filósofo. Surpreender-se-á. Hábilmente, citareis um autor com quem ele, filisteu prático, tem grandes afinidades. Ficará, provávelmente, lisonjeado. E, em vez de dizer, desdenhosamente: *filosofias*, passará a exclamar, em perfeita auto-adoração:

— Pois cá o meu sistema, etc., etc....

Depois, é preciso convencê-los de que sabeis *alguma coisa mais* do que eles. E já que o método racional, simples e lógico os deixa absolutamente indiferentes, recorra-se a frases estranhas:

«A curva apocalíptica do silêncio aguarda-nos junto ás portas tridimensionais do tédio roxo e existencial».

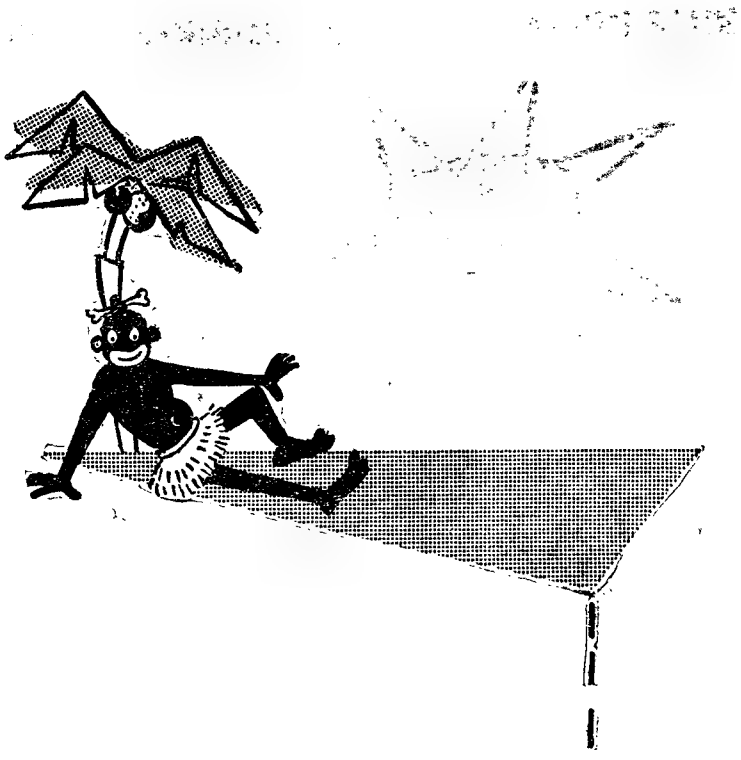
Isto causará — asseguro-vos — um efeito surpreendente. Ficarão esmagados, por terra, absolutamente estarrecidos pelo abismo sem fundo da vossa Sabedoria. Porque frases destas são hoje o que o Latim e o Grego eram na Renascença — o sinal evidente da Cultura. Se alguém pronunciava, com enfase e segurança, a palavra *bárbarós* ou declinava *rosa, rosae*, todo um povo se abatia por terra, humilhando-se ante a majestade do Saber. Já Ramalho dizia que falar latim era uma maneira erudita de estar calado... E se hoje, atiradas do alto, com desprezo, á-vontade e despreocupação, ouvirmos expressões como «linguagem esotérica, como meio e fim de atingir o absoluto tiranizante, mas rebelde, do nada relativo», ou «num mundo de imperativo desintegrador, a conquista do espaço vivencial impõe-se por necessária á libertação existencial do Infra-Id», verguemos os joelhos, rojemos a fronte no pó, porque a Cultura aí está, toda inteira. E o filisteu encolhe-se, porque nada pode contra os mistérios sibilinos do Saber.

Confundir os filisteus! Fácil tarefa. E agradável ao espírito do artista! Tão simples. Tão sedutora e cómoda. Quem lhe resistir? Poucos. Muito poucos. Pensar dá tanto trabalho...

E depois, brilha-se muito mais.

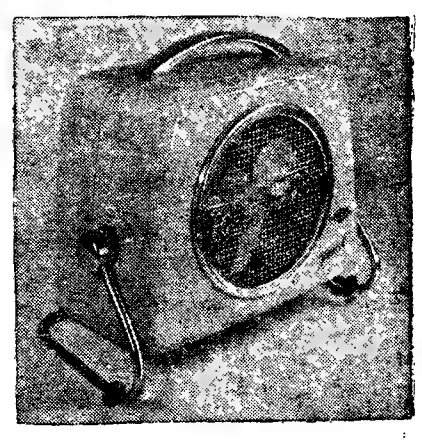
—«Olha — ouvimos exclamar na rua, á nossa passagem — ali vai *Fulano*. E' um tipo de arromba!! Um bocado complicado... A's vezes não o percebo lá muito bem. Mas tem carradas de talento, não há duvida!»

Ah! Esta poltrona confortável, aconchegada e fofa? Quem ousará recusá-la? Não. Sentemo-nos. De perna traçada. E com o nosso bocejo — tridimensional e esotérico — apavoremos o filisteu!



CALOR NEGRO

Os radiadores GEP, com ventoínha para circulação forçada de ar, são muito compactos, muito económicos e bastante eficientes, pois realizam o aquecimento total do ambiente á custa de uma circulação de ar de cerca de 7m³ por minuto.
Não queimam as poeiras do ar e são absolutamente seguros, quer para crianças, quer para adultos, em virtude da sua blindagem não poder provocar queimaduras. São silenciosos, têm filtragens contra interferências na TV e no Rádio.



GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

Edições de LIVROS DO BRASIL

«A CONDIÇÃO HUMANA»
de André Malroux

«AS VOZES DO SILÊNCIO»
de André Malroux

«PICASSO»
por Antonini Vallentin

OS IRMÃOS KARAMAZOVS

ROÍDO pelo remorso de moralmente ser considerado criminoso, Ivan propõe a Dmitri a fuga, dando-lhe dinheiro bastante para se estabelecer longe da pátria e começar vida nova.

Smerdiakov está a morrer. Ivan

procura-o para saber a verdade. Pelo menos convencer-se de que está inocente. Se Smerdiakov estiver inocente, também ele o estará — esta é a duvida que o tortura, até o fazer doente fisicamente. Mais uma vez vai ter com o irmão bastardo. Sente repulsa e compaixão por ele, um morto-vivo já. Encontra-o recostado num divã, o rosto esquálido, agonizante. Mas tem, sim, tem absoluta necessidade de saber se ele matou ou não e porquê.

A cena dramática que se segue entre ambos deixa Ivan sucumbido. Na verdade, Smerdiakov confessa-se criminoso. Os pormenores com que relata o crime não deixam, sequer, duvidas sobre a verdade do que se passou. Roubou e matou, não por ódio, nem por desejo de riqueza; mas porque «Ivan desejava a morte do pai» — é assim que o próprio Smerdiakov interpreta a sua acção. Não tinha afirmado Ivan que «tudo era legítimo». Não há perversidade nas suas palavras calmas: há, apenas, o regozijo de ter feito a vontade a Ivan, que ele tanto admirava.

Ivan sente-se culpado, culpado pela influência perniciosa que exerceu sobre aquele homem tarado, mas inteligente em demasia — vê-o agora com nitidez. Os factos aparecem-lhe bem nítidos. Uma a uma, todas as acções daquela noite, bem planeadas, amadurecidas, lhe surgem diante dos olhos, como se as tivesse vivido.

Por seu lado, Dmitri sente-se também culpado. Pois não tinha desejado a morte do velho, não lhe tinha batido, não tinha propagado que o iria liquidar, para receber o dinheiro que julgava seu? Não lhe tinha roubado Gruchineka? Não Não traira Katia, não a roubara, embora pensasse, sempre, pagar-lhe um dia? Não se portara, sempre, durante toda a sua vida, como um miserável? Não merecia, pois, o castigo? Sim, Dmitri sentia-se quase feliz por aquele martírio que estava sofrendo: o próprio amor por Gruchineka tornara-se amargo, doloroso, doía-lhe. Sentia volupia no sofrimento.

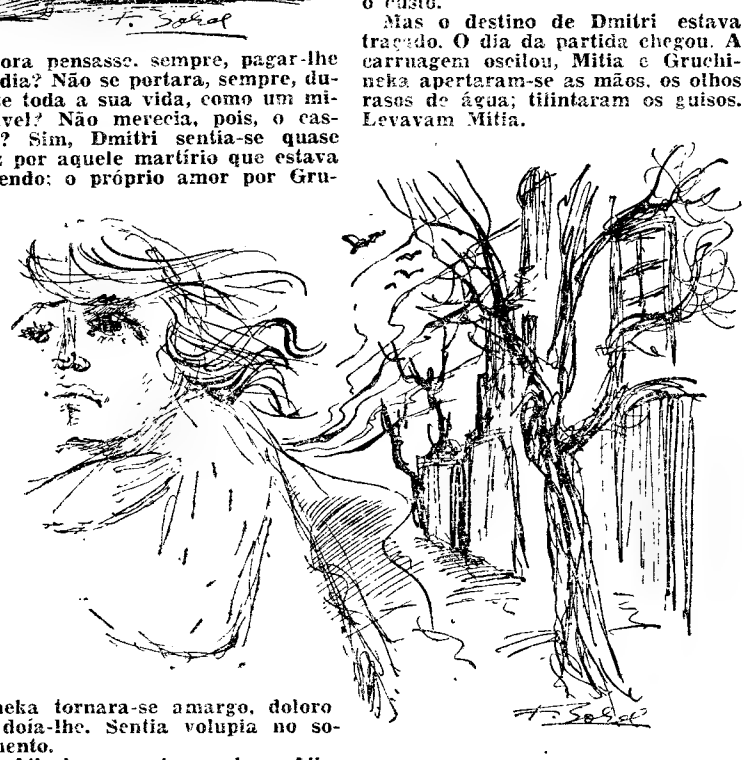
E Aliocha, o meigo, o bom Aliocha? Alexei sentia-se profundamente infeliz. Amava os irmãos. Sabia que a culpa era de Smerdiakov, mas como prová-la? Como lutar com o gosto de sofrimento de Dmitri, com os remorsos doentios de Ivan, com o furor ciumento de Gruchineka, a loucura pedante de Katia, o cinismo de Lise, a angustia maternal de mãe desta?

Aliocha nem sabia qual a melhor atitude. Tentava solucionar, prender aqueles muitos fios emaranhados, mas estes sempre lhe fugiam das mãos trémulas e cada vez mais se emaranhavam.

O julgamento seguiu os tramites que tinha de seguir qualquer julgamento assente em bases falsas. Havia muito de lamdicie na vida dos Karamazov, para que alguém tivesse a minima indecisão em julgar o caso desfavorávelmente. As provas contra Dmitri eram esmagadoras. O tribunal não teve duvidas em julgá-lo culpado e em condená-lo.

Dmitri partiria para os trabalhos forçados. Gruchineka jurava seguí-lo. Ivan caiu doente. Katia levou-o para casa, arrostando a sociedade e os ditos da família. Dmitri adoeceu e baixou ao hospital. Katia procurou-o, naquela confusão de sentimentos que ajudara muito a precipitar os acontecimentos. A cena violenta entre ambos foi presenciada por Gruchineka, precisamente na altura em que Katia, enlouquecida pelo remorso de haver deposto contra Dmitri apenas por ciume, lhe beijou as mãos e chorou sobre elas. Gruchineka, aparecendo nesta altura, lançou-a no desespero. Fugiu para a rua, correu, fugiu àquela mulher que a fizera sofrer. Aliocha foi-lhe no encalço, a pedido de Dmitri. Queria tranquilizá-la, a todo o custo.

Mas o destino de Dmitri estava traçado. O dia da partida chegou. A carruagem oscilou, Mitia e Gruchineka apertaram-se as mãos, os olhos rasos de água; tilintaram os guisos. Levavam Mitia.



O pequeno Iliucha—o pequeno do capitão que Dmitri um dia sovara na rua, à vista do proprio filho e indiferente às suas lágrimas e pedidos de perdão — morreu. Os poucos anos que vivera tinham sido pesados, corroídos pela tuberculose e pelo desprezo pela vida. O auxílio económico que Katia lhes oferecera, em perdão do acto desprezível de Mitia nada tinha conseguido por aquela pequena vida cansada de viver. O tumulo pago por Katia recebeu o seu pequeno e leve caixão.

Depois do discurso de Aliocha, em memória de Iliucha, morto, e da sua coragem que fazia com que desafiasse, com ódio, todos os companheiros que troçavam o pai, havia o jantar funebre, uma velha tradição que engolia lágrimas com filhoses.

Aliocha acrescentou para os presentes. E agora, de mão dada!

Alguém gritou: E' sempre assim, na vida, de mão dada

E os pequenos repetiram as aclamações.

Fim da condensação do genial romance de Dostoievski «Os irmãos Karamazov», verdadeira obra-prima da Literatura Universal. Numa bela tradução de Maria Franco, esta obra foi editada por Estudios Cor, na sua colecção Grandes Clássicos, iniciada com outra obra-prima: A CARTUXA DE PARMA, de Stendhal.

CARTA AO PA

Estou certo de que o Senhor Pai Natal já não se lembrará de mim. E não é para admirar, pois eu próprio mal consigo recordar aquele garoto turbulento e ingénuo que todos os anos lhe escrevia uma carta pedinchona e aguardava com ansiedade a sua visita.

Estou realmente muito mudado. Mais velho, mais alto, mais magro, com menos cabelo e algumas rugas. Somente os olhos ainda se conservam eguis, como na infancia, embora tenham perdido muito do brilho e da candura.

Mas é principalmente na alma que a diferença é mais profunda. Vejo agora chegar o Natal sem a mínima expectativa, e, como sabe, há mais de trinta anos que nem sequer pegava na pena para escrever-lhe. E porquê expectativa, se sei bem como é ilusória esta breve trégua na constante luta fratricida dos homens? Sei, também, que o Senhor Pai Natal não transporta no seu saco nada daquilo que eu hoje desejo: paz entre os homens, um pouco de ternura, uma vida digna num Mundo mais decente. Quanto a brinquedos, unicos artigos cuja distribuição é da sua elevada competência, poderia afirmar como o pobre do Sá Carneiro:

...não quero mesmo brinquedos
Para quê? até se mos dessem não
[saberia brincar...

Não venho, pois, pedir-lhe nada para mim e só o alarme produzido no meu espírito por uma notícia publicada há alguns dias nos nossos jornais me força a quebrar agora um silêncio tão longo e que supunha definitivo.

Foi o caso daqueles modelos de foguetões «Kits» exportados pelos Estados Unidos e aprendidos na Alfandega da Columbia Britanica. O Senhor Pai Natal deve andar agora tão ocupado que talvez nem tenha tempo para ler os jornais e, por conseguinte, devo precisar que se trata, segundo a mesma notícia, de uma remessa de modelos de brinquedos destinados a prendas de Natal e que os ditos foguetõezinhos, podendo atingir trezentos quilómetros á hora e trezentos metros de altitude, seriam «capazes de cortar as cabeças das pessoas».

Confesso que principiei por encarar a notícia com um certo cepticismo. Pois haveria mesmo quem fabricasse para as crianças brinquedos tão perigosos? Depois, pensando melhor, cheguei á conclusão de que a notícia tinha muitas probabilidades de ser verdadeira, visto não haver diferença muito sensível entre a atitude moral dos construtores dos ditos foguetões para uso infantil e a dos fabricantes de armamento que, com idêntico objectivo de lucro, fornecem aos povos chamados selvagens os meios necessários para eles mutuamente se trucidarem. E afinal, pensei também em seguida, que diferença haverá entre os foguetõezinhos e os canhões oferecidos ás crianças do meu tempo? As brincadeiras infantis são sempre fortemente influenciadas pelas atitudes dos adultos e se os filhos dos troglodítas certamente brincavam com machadinhos de pedra, se os filhos dos antigos cavaleiros se batiam ardorosamente entre si com espadas de pau, se os garotos do meu tempo estropiavam soldados de chumbo com canhões de médio alcance, é muitissimo natural que as crianças nascidas no tempo dos engenhos balísticos e das ameaças atómicas lancem os tais foguetões «Kits» a trezentos metros de altitude e uma vez por outra, por efeitos de má pontaria ou deficiência de fabrico, coisas bem naturais tratando-se de foguetões norte-americanos, cortem com eles a cabeça de qualquer pessoa.

Encarado pelo lado dos fabrican-

A CONQUI
CÉU

Como já vimos nos capítulos anteriores, para se lutar eficazmente contra um inimigo, o primeiro passo a dar é conhecê-lo bem. Da Terra temos nós um conhecimento relativamente adiantado. Sabemos o valor da gravidade, determinámos já as diversas camadas que constituem a atmosfera e a sua função (1). Apurámos qual a velocidade que é necessário imprimir á astronave para romper a couraça e vencer a gravidade (11,2 quilómetros por segundo).

Mas... e a respeito do ceu, a respeito dos astros, que sabemos nós?

Não muito, por enquanto, ou, por outras palavras, ainda não o suficiente para nos lançarmos na aventura com possibilidades de êxito.

Para isso torna-se indispensável a criação de estações interplanetárias.

Porquê?

Um observatório instalado numa dessas estações interplanetárias teria mais valor que todos os observatórios do Mundo reunidos, pois se encontraria para além desta camada de atmosfera terrestre, com centenas de quilómetros de espessura, poeirenta, turva — apesar da sua aparente limpidez — e que constitui o maior obstáculo ás observações astronómicas. Não admira que os melhores observatórios do Mundo se encontrem instalados a grande altitude: é lá que se podem obter os melhores resultados de observação.

A poeira, que não vemos a olho nu, a agitação constante, as modificações constantes que se produzem na atmosfera, tornam-se um grande obstáculo quando nos servimos de poderoso telescópio para invadir o espaço cósmico. A turvação do ar limita as possibilidades dos instrumentos astronómicos. Beneficiamos de um aumento de 500 vezes quando poderiamos, com os mesmos aparelhos, obter, imagens aumentadas muitos milhares de vezes!

A óptica pode criar instrumentos muito mais aperfeiçoados. Isso de nada serviria, porque, vista da Terra, a imagem fica sempre turva, vaporosa, vaga. A limpidez insuficiente da atmosfera aparece mais evidente á medida que a imagem aumenta. Um grande telescópio é, por vezes, pior que um pequeno, a visão do astrónomo melhor do que uma máquina fotográfica. Ora esse obstáculo não existirá para os astrónomos instalados numa estação interplanetária. Como os seus colegas terrestres os invejarão...

O observatório extra-atmosférico permitirá obter fotografias exactas de Marte e outros planetas, elucidar, finalmente, o mistério dos canais marcianos e do veu impenetrável de nuvens que cercam o planeta Venus. Será possível verificar a hipótese dos sábios soviéticos referente a Plutão. Este não seria mais do que o maior de todos os pequenos planetas que formam o segundo anel de asteroides, anel exterior do nosso sistema solar. Poder-se-ão observar novas galaxias, alargar sensivelmente a parte do Universo visível para nós, a metagalaxia, e resolver uma quantidade de outros problemas mais apaixonantes que todos os problemas policiais.

Mas a transparência insuficiente

da atmosfera não é o unico obstáculo ás observações. Há outros. A atmosfera difunde a luz solar e esta luz dispersa, á qual devemos o maravilhoso azul do ceu, causa aos astrónomos uma série de complicações. Uma delas: só poder trabalhar á noite, quando a luz do Sol não impede de ver as estrelas e os planetas. Eis porque os astrónomos dão tanta importancia aos instantes preciosos que dura o eclipse do Sol, os quais permitem estudar e fotografar a coroa solar, invisível noutra altura.

Tudo será diferente num observatório extra-atmosférico. O brilho do Sol será ainda mais vivo, no fundo de um ceu negro, aveludado e não eclipsará a luz fria das estrelas, que parecem fixas e não cintilam — e ultrapassam infinitamente as 3.000 que podemos avistar da Terra.

Os astrónomos do observatório extra-atmosférico conseguirão observar e fotografar um espectáculo

PAI NATAL

tes e das crianças o caso dos foguetõezinhos aparece bem perigoso, visto que os primeiros só almejam o lucro e os segundos, na sua inocente inconsciência, seriam até capazes de fazer cogumelos, com bombas de hidrogénio, tal como agora fazem balões com água de sabão. Mas há ainda a considerar, como naturais intermediários, as autoridades, os pais e o próprio Senhor Pai Natal, a quem por isso resolvi dirigir-me.

Quanto ás autoridades, bom seria que todas elas procedessem como os sensatos dirigentes da Alfandega da Columbia Britanica, mas temos de admitir uma possível diversidade de critérios.

Com respeito aos pais, tanto mais tratando-se daqueles muito modernos que evitam a todo o custo contrariar os filhos com receio de lhes originarem «complexos», é de prever que esses acabariam por dar os foguetões aos seus meninos.

Mas ainda a propósito da condescendência de certos papás, recordo-me agora de uma anedota ilustrada, cheia de bom espírito de observação, que vi há dias num jornal. Três pessoas numa sala: o pai, um filho pequeno e uma senhora estendida no chão, com uma flecha cravada no peito e todo o aspecto de defunta. Por baixo a seguinte legenda: — «Olha, meu filho, já mataste a tia Ernestina. Se fazes hoje mais alguma maldade ficas sem sobremesa ao jantar».

E parece-me que não deveriamos ficar muito admirados se, após os foguetõezinhos terem sido postos em circulação, surpreendessemos uma conversa deste género:

—«A vizinha Micas deve repreender o seu Zequinhas, pois que ele acaba de decapitar o meu Fernandinho com um foguetão «Kits».

— «Eu ralhava-lhe, D. Augusta, mas tenho receio de lhe provocar algum «complexo»...».

Receoso do superior critério das autoridades e dos métodos pedagógicos dos papás modernos, resta-me como unico recurso pedir ao Senhor Pai Natal que não distribua ás pobres criancinhas os tais perigosos engenhos.

Rogo-lhe também encarecidamente, Senhor Pai Natal, que não dê outros engenhos bélicos aos pequenos, mesmo que eles sejam aparentemente inofensivos. Nem sequer canhões, nem mesmo simples espingardas, como me deu quando eu era menino. Antes um carro de bois, um tear, um barco rabelo, um bom livro ou um elefante empalhado. Olhe que isto de dar miniaturas de armas de guerra ás crianças é coisa muito mais grave do que parece á primeira vista. Talvez que dessa maneira se incremente o espírito bélico e se contribua para a eclosão de futuras conflagrações. Talvez que começando por dar canhões ás crianças se acabe por dar crianças aos canhões.

E' uma enorme responsabilidade moral a sua, meu caro Pai Natal, e espero que o senhor se mostre á altura dela. Carros de bois, sim senhor! Dê-lhes também jogos mecanicos e dessas simpáticas construções que servem para erguer edificios, mas nunca aviões que sirvam para destrui-los. E para as meninas compre-lhes muitos bebés, mas daqueles fortes, sólidos, resistentes, a quem elas possam ralhar e corrigir sem receio de lhes criarem complexos.

Ainda outra ideia, meu caro Pai Natal. Compre também muitos daqueles simpáticos bebés negros, tão gentis e lindos como os brancos, dê-os igualmente ás rapariguinhas e, sobretudo, mande muitos, mesmo muitos deles para as meninas brancas de Litle Rock.

Sem mais assunto por hoje, creia-me com gratidão e saudade

Seu

ALFREDO BRÁS

JISTA DO

Por MANUEL SALGUEIRO

que ninguém até hoje conseguiu ver: a coroa do Sol liberta da sombra da Lua, linguas de gás incandescentes de extensão formidável, protuberancias que surgem, não por detrás do disco negro da Lua, mas directamente do astro-rei em efervescência.

E isso não apenas durante alguns instantes, mas todos os dias, várias horas seguidas. Poderemos observar as regiões vizinhas do Sol. Teremos facilitada a observação de Mercurio, tão difícil a partir da Terra, motivada pela sua proximidade do Sol: não se afasta do disco solar em efervescência mais que 18°/20°, o máximo.

Veremos ainda, em próximo artigo, outras vantagens das estações interplanetárias, que estão para breve.

---

(1) Recebemos, a propósito, uma interessante carta do sr. Fernando Simões, de Lisboa, que, por falta de espaço não publicamos hoje.

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS

CARTA AOS CORINTIOS

POR DIOGO MÉS

Corintios! Lembro-vos que é chegado o Natal, tempo excelente para pensarmos nos trezentos e sessenta e cinco dias que temos de preencher. São muitos: cabe-nos torná-los mais pesados ou mais leves; nós queríamo-los mais leves, Coríntios. Ao reunirmos amorosamente a família, com saudade dos que podiam estar e, contra vontade, não estão, nós ansiamos isso, antes de tudo. Quando o novo pontífice dirigiu ao Mundo as suas primeiras palavras, também contou com vossas orelhas para ouvir; mas ouvir não significa abrir as orelhas: ouvir é compreender. Muitas vezes se citam as palavras e se desprezam ou deixam apodrecer as boas ideias; isso é lançar pedras, é mentir — e não há Amor com pedras na algibeira, não há Amor com aparências.

Sua Santidade disse-vos que a paz não se constroi em formas de gesso ou de ferro, nem se impõe; lembro-vos que ele semeou uma semente que apenas se entende com a razão e o coração: a paz só tem força quando a criamos livremente como irresistível necessidade das nossas consciências, quando a vida se nos tornar insuportável sem ela. Essa paz não precisa de palavras ocas: é uma força invencível.

Não enganais-vos Coríntios, ou quereis enganar-nos quando dizeis que a paz é um assunto entre nações. As nações só existem com homens e quando a paz minguar entre os homens já não cresce para as nações. Do fundo da minha consciência vos asseguro que nunca terei paz se não compreenderdes que não quero viver coríntio como vós, que não quero morrer coríntio como vós: quero ser um pobre de Cristo igual a muitos, ou igual a mim sómente, mas com o direito de ser pobre de Cristo, e respeitando um lugar no Mundo para o vosso programa de coríntios.

Sabeis que Jesus não ensinou: «quem não é por nós é contra nós». As suas palavras eram melhores e vós, Coríntios, é que trocasteis o que estava certo. Ele disse a João: «*Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome e possa logo falar mal de mim. Porque quem não é contra nós é por nós*». Estas não são palavras de ódio, mas sómente de quem diz: estes amam o que amamos; e nunca: eis os que nos odeiam e a quem odiaremos. Não há sociedade entre a refeição do ódio e a refeição do Amor: os comensais são diferentes.

Tenho muitas coisas, Coríntios se me foram acumulando no coração e no entendimento e eu queria mostrar-vos as minhas mãos isentas de pedras e dizer-vos o que pensava e o que sentia. Mas tinheis as portas fechadas, Coríntios! Trezentos e sessenta e quatro dias de portas fechadas! Aguardei, portanto, que o Natal vos enternecesse, vos humanizasse, vos restabelecesse ou criasse o sexto sentido da tolerancia.

Sabeis que é uma condição humana: esperamos trinta e três anos pelo Calvário, esperamos que o trabalho dê frutos, esperamos que um corajoso anseio, todos os dias renovado, nos traga a justiça: até esperamos, Coríntios, que as orelhas duras se inclinem a modéstia; e até esperamos que os interesses celestiais não sejam roupa, mas carne viva e que na mesma gaveta se não guarde o que é de César e o que é de Deus. Esperei trezentos e sessenta e quatro dias.

Sei que um dia apenas, entre tantos, é fraca dádiva. Mas foi nessa altura que julguei encontrar a porta aberta... E possível que esteja aberta? E possível que não se feche já? Eu só rogo isto: que depois de terdes tido copiosamente, infinitamente razão durante trezentos e sessenta e quatro dias me concedeis apenas um, um sómente para que traga o meu humilde contributo.

Se quereis fazer-vos compreender que convivem na terra outros que não são Coríntios e que só há vida e convivência desde que eles *também* existam — na verdade vos confesso que já me contento: dei um sentido a esta curta hospedágem que é a existência.

HOMENAGEM A UMA GRANDE ESCRITORA

Conto inédito de IRENE LISBOA

Arte japonesa — A Virgem

NDAVA uma vez um homem de terra em terra, de terra em terra a ganhar dinheiro...

Era assim mesmo que a Tia Juliana começava a sua história.

...á custa de um passarinho.

Era o passarinho cantor. Ele cantava...

Como ele cantava não se queira saber!

O homem trazia-o dentro de uma bexiga de porco. E só quando se via num ajuntamento é que o punha a voar. Dizia-lhe então:

Passarinho voa, voa! Passarinho voa, voa! O' lindo amor, ó lindo amor!

O passarinho batia as asas. E voava e cantava. Em tudo não tinha rival. As suas penas eram de todas as cores. O seu canto, está dito, não se queira saber! nem o das aves de mais nomeada.

Já o seu carcereiro, porque o o homem trazia-o dentro de um cárcere, que era a bexiga de porco, e o passarinho, apesar das lindas asas, tornava sempre para lá — já o seu carcereiro tinha corrido mais de mil terras quando chega áquela onde residia o rei. Deita o passarinho a voar, e onde? ora, mesmo á frente do palácio real.

Tudo pasma, lacaios e senhores. O rei, que naquele momento assoma aos seus balcões, fica embasbacado. E quer o pássaro. Diz então assim:

Ó ave sem par! Entra nos meus paços! Serás o meu Sol.

Mas o passarinho voava, voava e cantava.

Verdade era que parecia um pequeno Sol, a subir e ás voltas.

O dono do pássaro, chamado á presença do rei, que não saia da sua varanda, pediu por ele uma grande soma.

Tudo te darei, lhe declarou este, mas tens de me dizer como o posso conservar.

O homenzinho murmurou-lhe umas palavras ao ouvido, entregou-lhe a bexiga de porco, recebeu uma grande esmola e foi-se embora. Mas o rei, que não tinha entendido bem as tais palavras, julgava repeti-las sem que o passarinho voltasse.

Que gritos e que assobios! que flechas e que pedradas! desferidas umas á mão, outras de fundas. Sem nada lhe acertar.

A guarda do rei, o povo, a garotada, tudo alveja o pássaro, que voa, voa, voa. Já parece uma estrela das mais pequeninas. Bem se pode fazer uma ideia, vai lá tão longe...

O rei mandou caçadores por toda a banda á sua procura. Ninguém falava noutra coisa naquele reino. Mas o passarinho liberto não se encontrava.

O pobrezinho voou, voou até desfalecer. E onde havia ele de ir cair? A um silvado. Acudiu-lhe uma pastorinha. Destas de que se costuma ouvir falar, de roca á cinta, descalça e pobre... uma pastorinha da serra; com isto está dito tudo.

Meu amor! pôs-se ela a dizer, quando o viu todo numa chaga. Quem te pôs assim, ó linda ave?

E chegou-o ao peito. Lavou-o e tratou-o com ervinhas santas, fez-lhe uma caminha de musgo, deu-lhe pinguinhas de água, sementes e bichinhos de que andava á cata, até que o sarou. O passarinho, agradecido, nunca mais abandonou os sitios. E ensinou á pastorinha todos os seus cantos. Ouvi-los cantar ao desafio era melhor do que estar no céu.

Meu amor, meu companheiro! era só como ela lhe chamava.

Mas um dia... um dia chegam á serra os emissários do rei. Ouvem a pastorinha cantar e ficam intrigados.

Filha da serra, naqueles descantes? Metida por aqueles brejos e tão afinada? Anda por aqui mistério.

Logo lhe perguntam quem fora o seu mestre.

Ninguém. Aprendi em pequena.

E aprendi em pequena, e aprendi em pequena... disto não saia.

Os emissários do rei perguntam-lhe então se ela queria ir cantar ao palácio real.

A pobrezinha envergonhou-se toda e disse que não. Que não podia, que nunca se tinha calçado, nem vestido outra roupa, que só na serra é que se sentia bem.

Foram-se embora os homens e a pastorinha correu logo para a balsa onde o passarinho se tinha acoitado. E de onde tudo tinha ouvido. Ela ia a tremer, mas ele sossegou-a.

Temos de fugir! lhe disse ele.

(Continua na página seguinte)

O SABADO, UM CADA SEMANA

CADA vez mais se nota o desejo de evasão, quando chega o fim de semana, o fim de uma longa série de seis dias penosos, pesados, arreliadores. Sejam casais com filhos, casais sózinhos, solteirões impenitentes, todos se esforçam por fugir da cidade, para o seu fim de semana. Todos os meios de transporte são bons para a evasão, qualquer que seja o seu numero de rodas... ou até sem rodas. Uns acampam, outros iquenicam, outros (sibaritas) procuram a sua casinha de campo, mais barraca menos barraca. Mas até aqueles que não têm rodas ou as têm furadas, nem casa no campo, nem ousadia para acampar ou coragem para arrostar um dia soalhento de Inverno para uma fugida ao pique-nique, aproveitam o sábado para saborear um bom dia de repouso ou... um bom piteu, feito com todos os vagares.

Podemos ajudar as senhoras (e porque não os homens, aqueles pobres solteirões que também pensam no Pantagruel?) a preparar uns pratso de fim de semana, um pouco mais longas que as costumadas de urgência, muitas vezes de emergência, com que irão deliciar e deliciar-se no calmo domingo que aí vem. Um prato que pode ser aquecido no dia seguinte é um verdadeiro achado para a dona de casa que não tem criada ou lhe dá umas horas de saída para repousar o espírito. Bem fechados nas marmitas, estes pratos podem ser transportados, quentes, até ao campo ou á praia, sem dar preocupações com fogareiros e sem o inconveniente da refeição fria.

Há, ainda, para os folgazões (ou oportunistas) as refeições cozinhadas pelos amigos que apareceram de repente ou vieram, também. Estas refeições nasceram no México, criadas pelos Índios. Trata-se, simplesmente, de construir uma chaminé no quintal, ao ar livre, com alguns tijolos e lenha e, aí, preparar uns apetitosos grelhados, de carne ou de peixe, transformando em divertimento, a «maçada» de cozinhar.

Claro está que estes pratos devem variar com as estações do ano (já temos falado no assunto); nada de ementas feitas. Cada um combinará os pratos como melhor lhe parecer; uma mulher que trabalha não pode ter a veleidade de preparar três pratos; certamente, nem tempo nem possibilidades económicas lhe sobram; nem tão-pouco quererá estragar o seu pobre fim de semana. Por isso, pense, de véspera, no que irá fazer no dia seguinte. Junte um piteu acabado de fazer com um prato já cozinhado. Uma entrada substancial pode bem substituir a carne. E porque estes pratos de sábado são mais demorados, aproveite para fazer as contas, escrever algumas cartas em atraso, arrumar a casa ou, simplesmente, ler o seu romance favorito, sem o receio subito da entrada do patrão, ou a confusão de linhas pelo sono depois de um dia de trabalho insano. Viva a sua vida, minha amiga, pelo menos um dia na semana...

EMBALAGEM!

POR 20$00
VAI ENCHER
4 VEZES
(QUATRO)
O SEU FRASCO
DE

TÃO NECESSÁRIO COMO O SAL NA COMIDA

SAIBA COMER

RECEITAS DO NATAL

Prepare o peru de véspera, deixando-o em água com rodelas de limão. No dia seguinte, unte-o interiormente com sumo de limão. Encha-o com o recheio que daremos em seguida e cosa com linha forte.

O papo pode ser cheio com um bom esparregado, onde misturou azeitonas pretas descaroçadas. Cosa. Coloque a ave no prato de ir ao forno e unte-o com margarina e alho picado e sal. Regue com um cálice de vinho do Porto. Meta no forno, regando de vez em quando com o molho que vai escorrendo. Deixe alourar bem.

Coloque o peru assado numa travessa espaçosa e sobre uma camada de salada verde bem enxuta. Em volta, tijelas de ervilhas cozidas e temperadas com margarina, outras de cenoura finamente partida, outras de esparregado, outras de beterraba finamente partida. Batatas fritas em palha, rabanetes com rama e molhinhos de salsa, de modo a conseguir uma grande variedade de cores.

Recheio para o peru

Faça um picado com os miudos, salsichas de lata e cogumelos. Refogada a cebola e os temperos deite o picado, um pouco de Saluzena desfeita em caldo e sumo de limão (cuidado, não fique muito líquido).

Doce em taças

Faça uma porção de calda de açucar: deite gemas, tendo o cuidado de não deixar coalhar. Bata as claras em castelo bem firme e deite-as dentro. Misture um pouco de amêndoa passada pela máquina. Coloque nas taças e polvilhe com canela e coloque ao centro uma cereja cristalizada.

Salada de frutas de Inverno

2 laranjas, 2 bananas, 1 pera, 2 maçãs, 50 gr. de passas, rodelas de ananás, 150 grs. de açucar em pó, meio copo de vinho do Porto ou Kirsch.

Cortar as laranjas em fatias no sentido da largura. No fundo da saladeira, ponha as passas, as rodelas de laranja (para que o sumo amoleça aquelas), o vinho do Porto. Cortar os restantes frutos em fatias delgadas e colocar na saladeira, em camadas. Acabar por uma camada de laranja, coberta com uma camada de açucar (o restante açucar já foi deitado por entre as camadas anteriores). No momento de servir, agitar a salada, para misturar. Se quiser dar cor, deite dentro da salada grãos de romã ou cerejas cristalizadas.

Estas receitas, de fácil execução, darão ao seu jantar um ar festivo, sem o dispêndio dos grandes jantares. Basta um pouco de bom gosto e de paciência, para que tudo saia o melhor possível, no aspecto e no paladar. Não esqueça de dar ao jantar de Natal um ar diferente dos demais dias, para que o Natal não deixe de ser, para si, o dia da família.

Pequena ceia de Natal:

Se quer receber a família com um toque de carinho nesta noite festiva de Natal, e sem despender muito dinheiro, escolha com cuidado a sua ementa. Vou dar-lhe umas pequenas sugestões:

Sanduiches enroladas com rechcios variados; presunto com agriões em cornucópias; torradas do mar; croquetes; doces sortidos, bolinhas de chocolate, fatias de bolo. Chá e café.

Decore os pratos e a mesa com motivos de Natal, bolas coloridas e... muito de si.

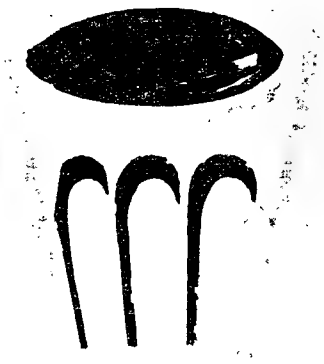
Recheios :

Conseguirá alguns deliciosos recheios para sanduiches, usando carne, peixe, mariscos, picados e misturados com pedacinhos de aipo, azeitonas, verdes e pretas, e outros vegetais finamente partidos e cozidos. Junte maionese apimentada.

Torradas do mar

2 colheres de sopa de margarina, 2 de cebola picada, 1 lata de lagosta, 1 lata de camarão, 1 chávena de maionese, 1 de leite e 2 colheres de sopa de vinho branco.

Derreta a margarina, toste a cebola, pique e junte-lhe a lagosta e o camarão. Aqueça uns escassos minutos. Misture a maionese e o leite, em banho-maria, sem deixar ferver a água. Deite a lagosta, o camarão e o vinho. Ponha metade deste picado sobre pão torrado, cubra com a outra e despeje o restante molho sobre elas. Pode pôr uma em cada pratinho, dando-lhe um aspecto mais requintado. Enfeite com qualquer verdura finamente cortada, e bocadinhos de beterrabas e alcaparras.



quem bebe
por vício,
bebe qualquer
coisa...
quem bebe
por gosto.
bebe
AGUARDENTE
VELHÍSSIMA

SANCHEZ

bebe
e torna a beber

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
MUNDITER
INTERCAMBIO MUNDIAL
DE COMÉRCIO, S. A. R. L.
LISBOA ✱ PORTO

PASSARINHO PASTOR

(Continuação da página anterior)

Isto sempre a cantar, já se sabe. E, passando-lhe o biquinho pelos cabelos, continuava: não chores, deixa as ovelhas, iremos os dois.

Que sim, respondia-lhe ela entre lágrimas. Mas não me hei-de despedir da minha mãe?

Foi-se a pastorinha despedir da mãe e voltou. E quando se pôs á procura do passarinho, com nomes muito ternos: meu amor, meu amor.., quem lhe aparece que até lhe faz dar um grito? Um mancebo, vestido á corte. Mas tão formoso, com tanta graça, tão obsequiador que ela, depois do grito, ficou de boca aberta. E foi recuando, recuando.

Ele então, a caminhar para ela, só dizia: não dás pelas cores do meu fato? do meu gibão, da minha capa, dos meus calções?

Ela parava e respondia baixinho: parecem, pois parecem.

E das minhas faces?

Mas ela não tinha coragem de o encarar.

Sou eu, pois sou, tornava-lhe ele. E não nos podemos demorar. Depois, com voz de homem pôs-se a cantar todas as cantigas que o passarinho lhe tinha ensinado a ela.

A pastorinha chorava, chorava, chorava...

Dá-me a mão, que hás-de ser minha mulher, lhe disse ele por fim. Fui roubado e enfeitiçado, mas tu me encontraste, me deste guarida e me salvaste. Dá-me a mão que nos temos de ir embora. Se ao dar da meia-noite de amanhã não chegar á porta de meu pai pela mão da minha noiva, ai de mim! morro a voar. A' traição já ia morrendo, e tu, amor, não me queres agora salvar? Temos de andar muito, ainda é longe... A minha mãe chora por mim há muitos anos e o meu pai perdeu para sempre o sono. Pastorinha, quem me há-de valer senão tu?

Foi quando ela então lhe estendeu a mão e disse: tens ainda alguma duvida, querido? Vamos.

Começaram ambos a descer os carreirinhos da serra, cheios de alegria, apressando cada vez mais o passo. Ela até apanhou dois raminhos de jóina, que estava no tempo da flor, e pôs um ao peito do noivo e outro no seu. Tão contentes iam que tudo eram risos. Tudo felicidade, tudo esperança.

Mas não cantavam, para que ninguém os ouvisse.

CRÓNICA DE LONDRES

PRAZ

A cidade tomou um ar escarolado e festivo, um ar já conhecido de todos os anos, mas sempre renovado como uma surpresa, que guarda em si o segredo de uma continuidade inviolável e o alvoroço da multidão que se acotovela nas ruas.

As fachadas escuras e graves de Regent Street engrinaldaram-se de longas fieiras de luzinhas multicores dispostas em arco, em festões lassos e cachos apendoados, que ameaçam desabar numa miríade de estrelas ás rajadas deste vento frio de Dezembro. Sobre os passeios balouçam enormes balões venezianos, derramando á sua volta cintilações irisadas, num contraste exótico com troncos de luminária que coroam as portadas das lojas e o luxo das vitrines.

E assim a Londres recolhida dos dias de cinza, a cidade melancólica de um domingo triste de capela puritana, a sonhadora friorenta da vasa negra e metálica do Tamisa, a cidade das neblinas espessas e viscosas, das docas e dos guindastes, das tavernolas á beira-rio com o seu clarão de sangue na noite humida de onde nos vêm vozes de marujos e barqueiros, a Londres correcta, estilada e severa da City, recusou-se a copiar o tradicional cartão de boas-festas, que nos cativara com os livros de Dickens, os telhados cobertos de neve e velhas diligências ronceiras á porta de uma estalagem, para se arrebicar como uma quermesse flamenga.

Esta febre decorativa começou nas avenidas do centro, nos grandes «magasins» de luxo, alargou-se por Piccadilly, pelo Strand e espalhou-se até ás pequenas lojas de bairro. Numa uniformidade bem ordenada as fachadas adornaram-se de longos renques de verdura, de ramadas de pinheiro, que brilham ao fulgor da luz eléctrica e põem uma nota suave de saudades campestres, de bosques desolados e silentes, de lareiras onde crepitam com um estalido alegre grossos madeiros resinosos.

Em Trafalgar Square ergue-se um velho rei da floresta numa majestade um pouco insólita, dádiva anual do povo norueguês á população de Londres, gesto fraterno e simbólico de paz e aliança, uma espécie de saldo de sangue ancestral com que os Vikings conquistadores de outrora lavam no olvido generoso da hora presente os agravos de um passado remoto.

Mas sob o elo da boa vontade cristã, que une os escandinavos aos saxónicos civilizados, vive ainda a raiz bárbara de um atávico culto druídico que se revela nos descantes desgarrados e jubilo menos casto que, a certas horas da noite, fere os ouvidos do transeunte retardado ou de algum polícia de giro.

E', porém, nas vitrines, nos balcões, nos mostradores que as tentações deliciosas dos sonhos que o dinheiro pode comprar se desdobram numa onda de estofos macios e voluptuosos, de figurinos de corte arrojado, de peliças fofas dignas dos ombros das bem-amadas, de sapatos — made in Italy — *de pele de cobra, de crocodilo, de tigre, mais belos, mais adoráveis do que os chapins encantados da encantadora Cinderela. Os perfumes são um delírio dos sentidos, hábitos de uma gama indefinida, lilás, azul, jasmim, suspiros de rosas, noites de Bagdad, nomes que enchem as grandes capitais de Paris a Nova York, deuses como Dior e Coty, perdidamente adorados pelas elegantes e servidos no seu culto por loiras raparigas de pele de açucena e olhos pungidos a carvão, num romantismo muito* sexy, *que tocam com os dedos finos aquele teclado faíscante de vidraria preciosa e entontecedora.*

Numa amontoação confusa de um mundo liliputiano de exércitos de chumbo e sputniques *de lata nasce o deslumbramento dos olhos das crianças, afogados na imensidade de um desejo que vão confiar tímidamente ao ouvido de um Pai Natal de grossas botas de cano, gabão de flanela vermelho e reverendas barbas de estopa.*

Todavia os gostos têm mudado muito e hoje para uma menina e uma adolescente, mesmo que já lhe dê para crescer um rabo-de-cavalo, o presente mais ambicionado é bem simples e bem fácil de encontrar — um arco! Um arco, sim, mas não o arquinho com que brincaram as nossas avós, obrigadas a uma domesticidade vitoriana, inimiga do exercício feminino, esse arco em que rolavam sob os golpes de uma vareta em meio de risadinhas nervosas nas raras surtidas furtivas até ao portão da quinta.

O arco de agora é bem diferente; é um arco de ula-ula de bailado havaiano, que se faz girar com langorosos requebros em torno dos quadris, numa rotação incessante. E a ultima e mais inocente loucura da Inglaterra de 58, pois, se os adolescentes praticam este curioso joguinho polinésico a cada esquina de Londres, como já nós brincámos ao iô-iô, há muita respeitável duquesa e até venerandos lordes com assento no Parlamento que o fazem em segredo, numa espécie de rito matinal, a conselho de sábios institutos de beleza.

Outro prazer delicioso da quadra doméstica que enternece o coração britanico são os cartões de boas-festas. Há pilhas, rimas, piramides por toda a parte; e milhões destas gravuras em que se evoca o agasalho do lar, o lume alto e rubro, a vidraça embaciada, que descobre a noite clara e as árvores vergadas de neve, vão dar a volta ao Globo, levando aos ausentes a certeza de que são lembrados, pelo menos uma vez no ano, e que o amor de Jean, apesar das vicissitudes do tempo e da distancia, é sólido como a rocha e aguarda o regresso de Tom... E os carteiros detém-se com sacas ajoujadas, vazam uma torrente de saudades que irão florir o rebordo alto da lareira, espalhar-se pelos cantos da sala e recordar-nos que um delgado fio de afecto liga os homens por toda a Terra.

Mas dos encantos de Natal preparados com uma longa e ansiosa antecipação, o mais estimado, o mais belo e caloroso, aquele que eleva em extâses de doçura e numa exaltação vibrante a alma deste povo, adorador confesso da musica, é o canto das «carols», das loas da Natividade.

Organizam-se grupos, há agremiações numerosas empenhadas todo o ano nesta louvável tarefa, afinam-se coros e disputam-se rijamente os locais de exibição canora. Duas estações de caminho de ferro têm aqui a honra de albergar dois dos melhores conjuntos vocálicos do reino — Vitória e Liverpool.

E' amável, é consolador, dá prova de pensamento carinhoso, o sentir, ao pisar o cais, aquele trinado puro, saído da garganta de homens e mulheres, que se arrancaram ao egoísmo cómodo do borralho e se ensaiaram metódicamente em noites álgidas, que nós votámos a ocupações mais mundanas, a fim de nos libertarem do sarro das coisas terrenas!

No entanto, este ano houve uma breve escaramuça epistolar entre dois grupos que reivindicavam a primazia de acolher os forasteiros na estação de Liverpool. Mas tudo se resolveu á boa paz com a invocação de uma razão ponderosa — a precedência tradicional de um dos elencos naquele lugar, que ocupava desde há muito sem quebra ou interrupção.

Outro factor exemplar, que contribuiu para a vitória final e que certamente não deixou de impressionar o espírito do chefe da estação, está no incidente apontado por um dos litigantes. Há anos já, num dia de Natal, o comboio de Portsmouth despejou um bando de marujos de licença, que vinham algo inflamados pela habituais libações comemorativas. De repente o coral viu-se intempestivamente reforçado pelo grupo estentórico, que apesar do seu estado brilhantemente borracho — frisa bem o secretário — se comportou com dignidade, revelando ainda sincero e estranho fervor. O argumento era, na verdade, esmagador, e a associação reconquistou legítimamente as suas prerrogativas para nossa edificação e regalo auditivo.

Todavia, muito mais do que tudo isto é a serena expectativa que paira no ar. Neste anseio candido que nos banha da perdida ternura infantil, há uma vaga promessa nos jornais, prazer sempre desejado e raras vezes satisfeito, a promessa de um «Natal branco», anunciado de longe pelos nevões que cairam na Escócia e pela geada matutina, que alveja com a glória dos seus cristais os relvados e os parques do Norte...

Dezembro.

LUÍS DE SOUSA REBELO

Por

LUÍS DE SOUSA REBELO

LEITOR DA UNIVERSIDADE DE LONDRES

NOTA: A ultima «Crónica» trazia o título «Café-Concerto» em vez de «Café-Expresso», do que pedimos desculpa ao autor e aos leitores.

POSTAL ILUSTRADO

Notícia dos jornais franceses: a Municipalidade de Marselha vai criar um importante prémio de pintura. Além dele, adquirirá mais 40 telas e organizará uma exposição com os trabalhos mais cotados.

Platão enganou-se. Os poetas começam a ter lugar na Republica. Ainda não a Republica ideal, bem. Mas alguma Republica será ideal sem eles?

Sei que Marselha é excepção. Isto de dar prémios aos pintores, chamá-los á cidade... Pôr de banda, alguns cobres, feitas as contas para hoteis, avenidas, esgotos, festejos, e dizer: Nestes cobres ninguém toca. São para os artistas... E' quase heroísmo, isto, na boca da cidade velha.

Recordo-me que há meses se deu em Lisboa um acontecimento verdadeiramente sensacional. Uma exposição de pintura, constituída por milhares de trabalhos executados por crianças. A alma de tudo, foi D. Maria Lucia da Silva Rosa, coração repartido por todos os meninos, directora heroica de «Os Nossos Filhos», revista que assenta exclusivamente nos ombros frágeis de uma mulher.

Muitos trabalhos da exposição constituiam verdadeiras obras-primas. Que bela sala de museu, nesta cidade, se faria com estas obras... Teria alguma vez a nossa Camara pensado nisso? O Museu dos Meninos da Cidade?

Eu sei que nem todas as Camaras são de Marselha. Mas a nossa também possui já no activo iniciativas muito simpáticas — os concertos populares, os murais na Infante Santo, etc.

Não podia ela pensar, desde já no Museu dos Meninos da Cidade?

Gosto de andar á moda. Falo a sério. No Outono, como no Outono.

Sei quem a estas horas está em Abril, nos prados sonhadores de flores. Ou no Verão das ceifas. Esses estão em fuga. Acham que para tristezas já basta a vida. Recordam o que há-de vir como uma espécie de sobrevivência que nega este dar consigo em terra desencontrado.

Vou por aí, pézinhos de lã.

Um aguaceiro, uma clareira de Sol, o sangue trabalhando nas têmporas...

As folhas regressando á terra, acabado o sonho.

Sem tristeza.

Sem rancor.

Acham que foi bom, que valeu a pena.

A morte?

Estou como o poeta que dizia: «as flores de papel essas não morrem...».

O senhor Amadeu, conheci-o numa dessas viagens de andar á moda. Ele sentado diante da árvore que se desnudava lentamente, como uma novela de Proust.

— As folhas não protestam. Caem, vão... Não sofrem; não pensam...

Geme, poisa a mão sobre o joelho.

— Não têm reumatismo...

Uma folha desce-lhe a mão prateada na aba do chapéu. Outra se lhe segue. E outra.

De repente, é a tarde que fica toda prateada, que fica á moda.

Tenho o segredo da poesia.

Só me falta é ser poeta.

Senão, que grande obra eu deixaria!

Não quero fazer caixinha: a gente vai por essas ruas, esses becos, essas encruzilhadas onde formiga povo.

Onde houver uma fábrica, raparigas a bordar, homens levantando casas.

E um mercado, isso! Haverá laboratórios de linguagens tão acabados como esse.

Criadas que venham da terra há pouco tempo. E malteses fugindo á crise alentejana, a moirejar por aí padeiros de Angeja, os leiteiros todos de Arganil, a gente de Ilhavo cantando as suas mágoas (parece que estou a ouvir o dr. Celestino Gomes recordando a fala da «nossa gente»...).

Onde houver povo, entendem.

Depois é ouvi-lo — e aprender.

E escrever o que ele diz.

Ser poeta, pronto.

Estou a lembrar-me de ontem. A senhora Deolinda que passa as manhãs com um cesto descomunal cheio de hortaliça, de porta em porta.

Enquanto a freguesa arranja troco, a senhora Deolinda apaixonada pelo cantar desfeito do canário preso, não tira os olhos dele.

E com um suspiro:

— Que bem! Que bem! Canta parece um lírio...

Canta que nem um lírio... Uma verdade tão evidente, tão desconcertante...

Tão poética. Era aqui que eu queria chegar.

manuelagra

Um pormenor insignificante

Por WILLIAM SIMPSON

A herdade dos irmãos Garcia, Pablo e Juan, fica situada a quarenta quilómetros de Caracas.

Tem a celebrizá-la a produção em larga escala de hortaliças e frutas, transportadas em camião para a cidade — o ventre sem medida que tudo consome, a boca raivosa que tudo devora...

O camião da herdade transita diáriamente pela estrada que se dirige á capital. Guiado por Juan ou Pablo, orgulhosos das suas couves galegas e das laranjas em festa.

Estes não têm mãos a medir. Unidos como dois dedos da mesma mão, souberam desenvolver e alargar o palmo de chão herdado de seus pais. Nunca a mínima querela se veio instalar entre eles. A união e amizade dos dois jovens é proverbial. Transforma-se quase em mito, essa amizade entre Pablo e Juan.

Há ainda um pormenor que contribui bastante para avolumar e enraizar o mito. E' que os dois irmãos são gémeos — e perfeitamente iguais. Ninguém poderá afirmar, com segurança, que tratou de negócios com o Juan ou com o Pablo. Não existe o mais leve sinal, uma verruga ao menos, que os distinga. Um gesto sequer, uma entoação. Exactamente passados a papel químico...

Ninguém ainda pôs em duvida a honestidade dos irmãos, que gozam no meio comercial de muito crédito. Daí até afirmar que sejam isentos ao ponto de não retirarem qualquer vantagem da sua semelhança, vai uma grande distancia. Acontece mesmo que os manos Garcia se encontram neste momento em maus lençois por se terem utilizado dela para saltar as barreiras legais...

O facto conta-se em duas palavras.

Naquele dia, foi Juan Garcia o escolhido para guiar o camião á grande cidade de Caracas. Estava uma bela manhã, cheia de sol, coberta por um céu azul, límpido. Juan Garcia assobiava ao volante, através das estradas pouco movimentadas ainda ás primeiras horas do dia. Subitamente, o assobio morreu-lhe nos lábios. A' sua frente, dois policias do transito impediam-lhe a marcha.

—Não teve outro remédio. Parou...

—Buenos dias.

—Buenos...

—Os seus documentos por favor.

Juan Garcia leva a mão afoitamente ao bolso interior da samarra. Finge-se muito desapontado...

—Ora esta, não querem lá ver...

—Que foi? Diga...

—Então não me esqueci deles.

—Bem... Não pode ir buscá-los?

—Decerto que sim! Um quarto de hora basta-me. Muito grato pela vossa atenção, meus senhores. Eu venho já...

Deu meia volta e encaminhou-se para a herdade. De facto, não possuia carta. Apenas seu irmão a tinha. Servia-se dela, sempre que se dirigia á cidade, nunca lhe advindo daí quaisquer dificuldades. Agora mesmo, o caso pouca importancia tinha. Quando muito, por extrema precaução, viria Pablo em seu lugar. Aos agentes tornar-se-ia impossivel descobrir a fraude.

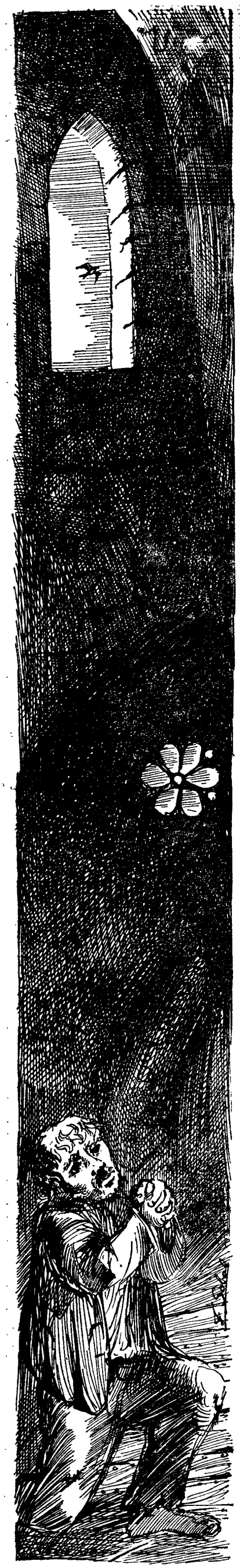
Pablo concordou. Sentou-se ao volante, resmungando do contratempo, pois tencionava passar nessa manhã revista ao pomar do Norte na herdade.

—Buenos dias... Cá estou eu, meus senhores. Como vêem, pouco me demorei... Aqui estão os documentos.

O agente folheou-os, comparou a fotografia com o exemplar. Devolveu-os. Ia dar ordem para seguir, quando o companheiro lhe agarrou o braço e lhe segredou alguma coisa ao ouvido...

...Algumas horas depois, os dois irmãos encontravam-se num dos postos policiais de Caracas. Transitaram daí para a cadeia e vão em breve ser submetidos a julgamento, acusados de terem procurado ludibriar os representantes da lei...

Como deram estes conta da fraude? Devido a um pormenor insignificante: Juan Garcia barbeara-se cuidadosamente naquela manhã — enquanto Pablo Garcia tinha uma barba de três dias...



SENHOR,

Conto por Augusto da Costa Dias
Ilustrações de Figueiredo Sobral e Tossan

ESTREMECEU ao embeber a mão inteira no frio da madrugada. Sua primeira reacção foi cerrar a janela, regressar ao quarto, morno, mas a vista ficou-se presa a uma sombra que flutuava no outro extremo da ruazinha. Dificilmente os olhos conseguiam romper a névoa leitosa que dissolvia a paisagem: o próprio tocozinho de rua, uns vinte metros quanto muito, se esbarrondara e só por instinto alguém ia dizer: começa aqui, acaba ali. Agora, a nódoa escura coalhara no lado direito do caminho, onde devia estar o portão do dr. Juiz. Soprou uma baforada de vento, a névoa rodopiou em tranças grossas e a sombra furtiva surgiu mais nua. Era um vulto humano, um homem. Fitava atentamente o portão do dr. juiz — e quem sabe se as belas capoeiras de pedra e cal!... Ah! o maroto! o maroto! Seria ele?

PARA ter a certeza afoitou-se á madrugada e mergulhando nela ambas as mãos, bateu as palmas. Como se uma chumbada o varasse em cheio, o vulto vacilou, quis abrir uma fuga no meio do nevoeiro, mas voltando-se para a janela aberta no topo da ruinha, para lá se encaminhou, cabisbaixo. Regressado junto dela, estacou tal qual uma criança, com a cabeça e os braços murchos. De cima sorriram e depois desceu até ele uma voz onde a censura era doce e sem castigo:

—Então, António... Então?

A cabeça de António começou a mover-se lentamente e fitou a senhora com aqueles olhares de inocência que vinham da noite dos tempos, sem princípio nem fim. Como se perguntassem: porque me chamam? o que me querem? Da janela, insistiu-se:

—Então, António... Não vês que isso é pecado, António? Não vês que toda a gente murmura de ti? Prometes que não tornas? Vá, diz que não!

António sorria e, acanhado, de mãos muito abertas, esfregava-as dum lado e de outro da arca do peito, lentamente. Como sempre que falavam dos seus pecados, ninguém lhe arrancava uma palavra. Então a senhora ergueu um adeus amigável e sumiu-se no quarto.

A janela estava fechada e ainda os olhos inocentes de António se mantinham presos nela. E sorria. Por fim, arrastando os pés, caminhou na direcção da igreja. Pensou se o «Chininha» estaria acordado. Gostava de fumar um cigarro sentado ao lado dele. Claro, se tivesse um cigarro! Mas talvez «Chininha» arranjasse um. E que levava ele a «Chininha»?

António parou, ergueu um bocadinho o boné para insinuar a mão entre os cabelos e coçar á vontade a sua inquietação. Tinha a história dos pássaros. E ele gostaria? António gostava. Pensara nela, meses a fio. Todas as vezes que o acusavam de roubar galinhas ele sentava-se no «poiso» e acrescentava-lhe mais uma verdade.

A névoa, nessa altura, começara a esgarçar-se; através dos rasgões surgiam tímidos luaceiros azuis. Ia procurar «Chininha» quando rompesse o Sol. Voltou atrás, em passo mais apressado, olhou de soslaio para o galinheiro do dr. juiz, sepultou as mãos nos bolsos e empurrou o passo. No cabo da vila, trepou a um atalho, seguiu-o e só parou á porta da pequena cabana escondida entre silvedos. Sentou-se no mocho de pedra. Era ali, o «poiso». Sem mover a cara quis perscrutar tudo á sua roda. Rolou muito os olhos nas órbitas. Depois cerrou-os com força e, enterrando o pescoço nos ombros, todo se concentrou nos ouvidos. A eles chegava tudo o que os demais homens não entendiam. «Chininha» sabia isso: ensinara-lhe a escutar o canto dos pássaros, o voejar dos insectos. Pouco a pouco a alegria foi-se-lhe instalando na face; esfregou suavemente as mãos uma na outra e, ainda aos poucos e poucos, abriu os olhos como se temesse afugentar alguém. Lá estava «ele»! Levou o dedo á boca, a pedir silêncio; depois, chamando a atenção do mesmo comparsa invisível, apontou com o dedo para um choupo. Sorriu abertamente, piscando os olhos como a acentuar um acordo tácito. Lá estava «ele»! Os olhos seguiram atrás do dedo, quando o primeiro hausto de sol dourava a manhã. Apoiada pela luz a avezinha ergueu um cantico mais forte. A agradecer. Como António esperava. E António acenou que sim com a cabeça e deixou escorrer os minutos. Só os lábios palpitavam numa conversa inaudível.

Veio por fim aquele momento em que, emmudecendo, o pintassilgo desceu para a horta do Santos, a debicar aqui e ali, sem receio de pecar. António pensava estas palavras, embora não fosse capaz de dizê-las ao «Chininha». Ou já seria? Apontando o pássaro com o dedo, ergueu-se e murmurou:

—Vês, «Chininha»? 'Tá a comer! Depois, quando tiver filhos, leva comer aos filhos. Mas não rouba, «Chininha»... Nem semeia, nem sega...

António parou aqui. Seus olhos, subitamente pesados, tombaram no chão. Sofria. A testa enrugou-se, no esforço tremendo de pensar. Abanou a cabeça com desespero e assim padeceu um pedaço até que franziu o sobrecenho, olhou de esguelha, esticou os lábios no jeito de quem vai assobiar: falaria ao Pad'Aurélio! Talvez ele lhe soubesse explicar tudo quanto sentia. Antes, porém, de voltar costas acenou com a mão espalmada á avezinha para que se deixasse ficar.

O passal, Pad'Aurélio mirava com embevecimento a nova colmeia de vidro que lhe chegara de Lisboa. Tão absorto que nem deu pela chegada de António. Quando o padre parecia estar prestes a olhar para ele, António puxava um sorriso tímido e erguia a mão ao boné. Até que finalmente padre Aurélio amerceou-se dele, embora o sorriso que trazia da colmeia logo se estragasse num ar severo:

—Que andas tu a fazer?

—Pad'Aurel...

O padre mandou com a cabeça que dissesse.

—Pad'Aurel... — António baixou os olhos para o saibro branco, pois de outra forma não diria nada. Girando com o boné entre os dedos, foi empurrando as palavras: Pad' Aurel, os passarinhos não roubam, pois não?

—Não roubam? Que é que queres dizer? Anda, explica-te, que não tenho tempo.

Lá ao longe, nas costas de António, vinha avantajando-se a figura de D. Inácia, mulher do doutor juiz. Padre Aurélio tinha pressa:

—Vá, explica-te!

Para a Maria Luisa

- Pad'Aurel... Se o pintassilgo for comer á horta do Santos, não rouba, pois não? Os passarinhos não roubam, nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros, pois não, Pad'Aurélio?

PADRE Aurélio cerrou os olhos com um empenho penetrante e avançou a cabeça num movimento semicircular, como se pretendesse aparafusá-la na cara sem-vergonha do António:

—Que conversa é essa?... Quem te ensinou o Padre-Nosso? — Espreitou, ao longo duma pausa, qualquer indício na face ingenua de António; mas nada: Antonio olhava-o com uma inocência que vinha da noite dos tempos e não tivera princípio nem fim. — Escusas de fazer cara de parvo, que eu sei muito bem que foi o hereje do Mingocho...

António, porém, nada tinha percebido. Seus lábios fervilhavam uma conversa que já quase não tinha interlocutor:

—Eu e o «Chininha» sabemos... O pintassilgo vai á horta d o Santos...

—Pois pergunta ao Santos que ele te responderá. Só os que, como tu e o Mingocho, não têm leira de terra, é que dizem que os pássaros não roubam! Está a ouvir, D. Inácia? Que os pássaros não roubam... Não roubam! Pois roubam figos e trigo e milho e centeio e debicam nas couves: roubam tudo!

António recuou, apavorado, com os olhos soltos e por entre os lábios trementes ia-se desprendendo um rosário de protestos:

—Não... não... não roubam... só comem...

PENSOU que não podia viver mais ali; que ia para os ermos da serra. Já de costas, ouviu D. Inácia acusar que ele só trabalhara quando o menino do sineiro adoeceu. Aí, António estacou, trabalhara sim, para o dr. Torcato, para o Santos, para todos: «Chininha» tinha a *pumunia;* «Chininha» estava a morrer; e o compadre sineiro não tinha com que comprar o remédio e engataram os dois, lado a lado, para salvar o «Chininha». António olhou D. Inácia, muito triste.

—Gira!—disse o Padre Aurélio— És um vádio sem vergonha, que foge ao trabalho e rouba galinhas. Pois fica sabendo que para a semana a patrulha vem, de Viseu, buscar-te.

A patrulha. P'ra semana! António arrastou o passinho miudo, enquanto o tremor lhe contraía o corpo. P'ra semana, na cadeia. Em Viseu O instinto da amizade encaminhou-o para o becozinho das traseiras da Torre. Afastou-se para a ver melhor. De modo a dominar a perturbação que o convulsionava, esfregou as mãos uma na outra, encolheu a cabeça entre os ombros e, uma vez num pé, outra vez noutro, ia batendo o chão. O compadre sineiro chegara junto dele com os olhos boiando e soluçara: «António! O nosso menino morre! E' uma *pumonia*, António!» Então António cavou nas terras do dr. Torcato, lavou as capoeiras do dr. juiz, sem mexer num ovo, e só parava á noite para velar o seu menino. António sabe que não dormiu noites e noites e ainda hoje, ao recordar, sente o coração latir e leva a mão ao peito e olha em roda, sempre pensando que os outros lhe ouvirão o coração latir.

O alto da torre floresceu a cabeça de «Chininha». O Sol bafeja-a com uma auréola. Quando a criança o viu, António encolheu-se a fazer caretas de alegria e esfregava as mãos uma na outra. Daí a pouco estavam sentados cada um em seu toro, á beira do rio.

—António!

—«Chininha»!

Sorriram-se mutuamente, depois olharam o rio e deixaram correr, felizes, o tempo. Sempre assim: uma palavra bastava para que percebessem a frase inteira. Até calados se entendiam. Naquele momento, da outra margem, o canto do melro perfurava a manhã. António pensou: «é o melro de ao pé da ponte»; e sabendo o que devia pensar, Chininha disse de si para si: «já tem ninho ao pé do chorão do pego». Cada um por seu lado se ficou a conversar mentalmente sobre tudo quanto sabiam do melro. Por fim, António falou de alto:

—'Teve lá hoje...

Percebendo perfeitamente, a criança acrescentou com ar muito sério:

— Cantou muito...

UM silêncio. Depois António, seguindo o ritmo das suas preocupações, disse:

—Comeu... Na horta do Santos...

O menino olhou-o, vendo que o amigo dissera uma coisa nova. Mas esperou, sem perguntar.

— Os passarinhos roubam?

— Não! — e a voz de Chininha vibrava de espanto.

— Pad'Aurel' diz...

Entreolharam-se longamente. António acenava com a cabeça.

— Não! — protestou o menino. — Os pássaros comem... só comem!

— Chininha! eu não roubo?

— Não, António! — negou o menino, com voz confiada.

— Chininha! Eles querem... — Fez uma pausa, rodou com o boné entre os dedos. — Chininha, os pássaros nem trabalham por dinheiro, nem roubam, nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros, pois não?

O menino sorriu de encanto por achar as palavras bonitas e apenas soube dizer:

— E' lindo, António.

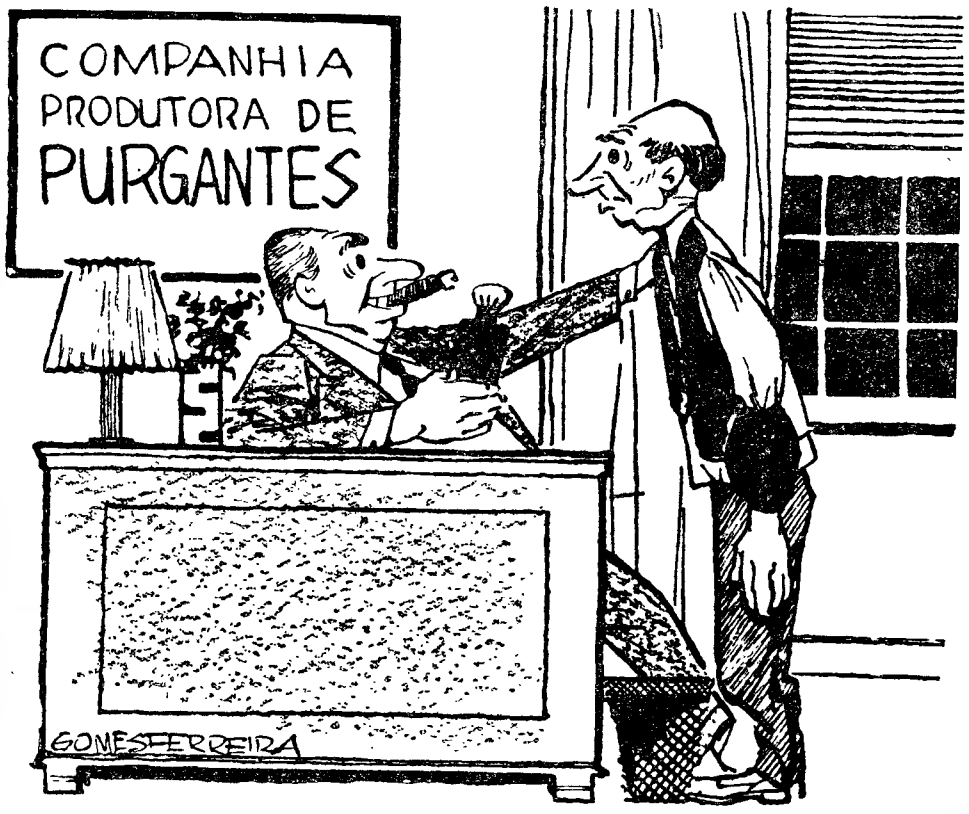
— Mas p'ra semana vou para a cadeia, em Viseu. Diz que p'ro causa das galinhas.

E contou. Então o menino disse:

— Mas tu foges, António, e eu levo-te de comer. 'Tá bem?

SIM combinaram. Todavia António ficou pensando se o seu menino também seria preso por vir trazer-lhe de comer. Se faltassem galinhas, logo diriam que era o menino. António resolveu fugir para longes terras e, para se preparar, escondeu-se na serra. Assim demoraram os dias a correr e de cada vez mais balia a saudade de António, mais balia a saudade de «Chininha». E chegou uma hora em que a saudade era já insuportável, doía como uma queimadura. Então, mesmo de dia, António desceu da serra, e atravessando a vila de lado a lado, com os seus passinhos curtos, entrou na igreja. Estava deserta. O Sol contorcia-se desde uma fresta da parede até ao chão, numa poalha dourada. António olhou o raio de sol, olhou os santos, a Virgem e Jesus. Olhou-os a todos com aquela inocência que vinha da noite dos tempos e ajoelhando disse:

— Senhor, está aqui o António...

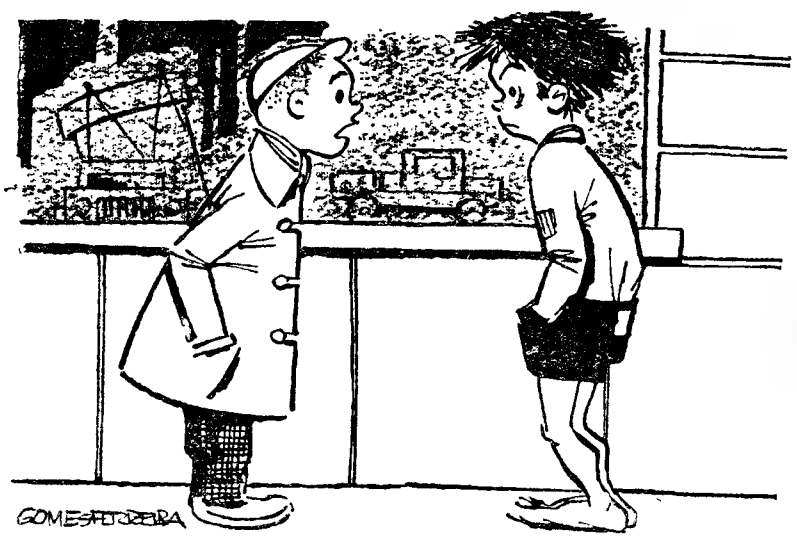


— Caro Silveira, como este ano os negócios estão maus, não lhe posso dar broas. Mas leva aqui um frasco dos nossos produtos, e muito b o a s festas !

— BOAS FESTAS !..

— Mãos ao ar !... Passa para cá as broas !...

BOAS do FESTAS

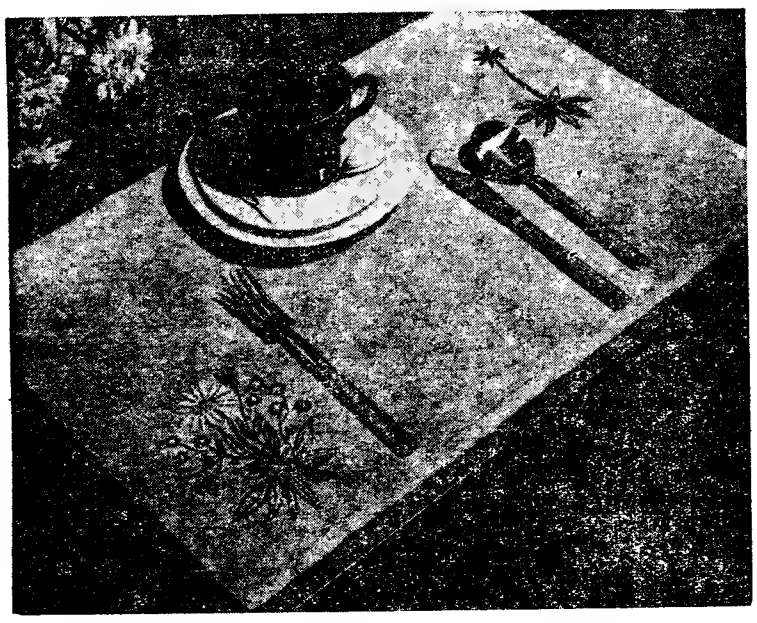


— O que é que o Menino Jesus põe no teu sapatinho ?...

— Humm... Parece-me que cheguei a Lisboa !...

De pequenino é que se começa a lavar os dentes com

PAGINA DA MULHE



Na sobriedade do seu ornamento é muito agradável esta toalhinha para serviço individual de refeições. Foi executada com linho azul bordado a ponto pé de flor, ponto cheio e ponto de nó, com «filoselle» Ancora verde claro, verde escuro, branco, amarelo, azul médio, lilaz e cor-de-rosa. O seu desenho importa em 5$00, que podem ser enviados em selos á Página da Mulher. «Diário de Lisboa». Rua da Rosa, 57, 2.º, Lisboa

Saiba empregar as especiarias

ALHOS

Em bifes, guisados e assados de peixe ou de carne, arroz de carne ou de peixe, caldeiradas, saladas de chicória e de pimentos.

AIPO

Em guisados de carne, incluindo a caça de penas e de pêlo, arroz, caldos e saladas.

AÇAFRÃO

Em arroz de aves, arroz á Valenciana, sopas de peixe, caril e em guisados quando se pretenda dar-se-lhes a cor amarelada.

COENTROS

Em açordas, arroz, saladas, favas e ervilhas.

COMINHOS

Em guisados de porco, iscas, alguns pratos de caça.

CRAVINHO DA INDIA

Em arroz de carnes, guisados e assados de carne, doce de tomate.

HORTELÃ

Em sopas de carne e sopas de tomate.

LOURO

Em guisados de carne ou peixe, arroz, escabeche, marinadas, assados e guisados de carne ou peixe. Deitado na água de cozer pargo dá a este, um sabor agradável.

NÓS MOSCADA

Em pratos de carne, picados, purés de batatas, nalgumas sopas de carne e em certas bebidas usadas nos «cocktails».

OREGÃOS

Em saladas, açordas — quando são frescos — e no tempero das azeitonas.

PIMENTA EM GRÃO

Em sopas de aves ou de peixes, guisados e assados de peixe ou carne e pratos de caça.

PIMENTA EM PÓ

Em ovos mexidos ou estrelados, bifes, guisados, e assados de peixe ou carne, saladas cozidas, mariscos cozinhados, ostras cruas.

PIMPINELA

Em saladas cruas que se combinem bem com o aroma de pepinos.

SALSA

Em sopas, arroz, saladas cozidas, guisados, assados de carne ou peixe, picados, pasteis de peixe, carnes e peixes grelhados.

SEGURELHA

Em sopas de peixe, caldeiradas, açordas e feijão verde guisado.

SALVA

Em carnes guisadas ou fritas, recheios de aves e saladas cozidas.

«PAPRIKA»

Em arroz, guisados de carne, massas e ovos.

MANJERICÃO

Em sopas de legumes e saladas cruas.

CEREFÓLIO

Em sopas de carne, molhos e saladas cruas.

COURRY

Em arroz, guisados de carne ou peixe e em todos os pratos de caril.

LINHA M

Neste vestido de mescla cinzen amplo, drapeado, que remata num l

Não calce uns sapatos quaisquer, calce por medida na

R. Garrett, 42—Tel. 25943

À venda nos melhores estabelecimentos

Máquina de TRICOTAR BUSCH

APENAS POR 115$ MENSAIS

CHEGOU NOVA REMESSA DA MAIS SIMPLES, ECONÓMICA E SENSACIONAL MÁQUINA DE FAZER "TRICOT"

REPRESENTANTES:
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Lda.
Avenida Fontes Pereira de Melo, 37
Telefs. 59181-2-3 - LISBOA

Luva azul

Apresenta um variado sortido de LUVAS para senhoras, homens e crianças, MEIAS, PEGAS e objectos para brinde.
RUA AUREA, 266

Coelho

APRESENTA A M
COLECÇÃO EM C
E GOLAS EM VIS

LISBOA — RUA DA CONCEI

ER

ODERNA

azulado, as costas têm um pano ço do mesmo tecido.

PRONTO A VESTIR

DE MANHÃ À NOITE
BOUTIQUE
DA CASA AGUIAR
R. do Carmo, n.º 17-19 — Lisboa

O «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» vendem-se em ALCOBAÇA por José Narciso da Costa.

Peleiro

AIS VARIADA
SACOS, ESTOLAS
ON E ASTRAKAN

ÃO, 85 — TELEFONE 2 17 73

Culinária para o Natal

Perú assado

O perú deve ser morto na véspera de ser cozinhado para ficar tenro.

Depois de morto e depenado o perú, a frio, chamusca-se sobre um papel a arder. Amanha-se tendo o cuidado de não romper a pele no papo. O mesmo cuidado haverá para a extracção das vísceras, que se faz por baixo depois de tirada uma pequena parte dos tecidos que estão em volta do anus. Lava-se depois com água simples e esfrega-se com manteiga onde se misturou um pouco de sal, tanto por fora como por dentro.

Para que os recheios não se misturem coloca-se uma batata crua no local onde devem ser divididos e com volume bastante para que não se desloque.

Recheia-se depois o papo com massa de salsichas, que se vende já feita e coze-se com agulha e linha grossa.

A barriga recheia-se com puré de batata temperado com manteiga, pimenta e noz moscada, ao qual se juntam, bem picados, os miudos do perú. Coze-se, por fim, também com agulha e linha.

Depois do perú assim preparado, coloca-se num tabuleiro com o papo virado para o ar, cobre-se com uma manta de banha em rama e leva-se ao forno a assar durante o tempo que for preciso, regando-se de quando em quando com o próprio molho, ao qual se juntará um pouco de vinho do Porto ou mesmo vinho branco.

O perú assado por este processo fica muito saboroso, serve-se quente, enfeitado e mvolta com salada de agriões.

Estrêlas de ovos

8 ovos; 1 colher de farinha; 1 colher de manteiga; 2 pés de chicória; sobras de carnes cozidas.

Separam-se as claras das gemas, batem-se em castelo e tornam a juntar-se misturando-lhe também a farinha prèviamente diluida num golinho de leite. Deita-se toda esta mistura num tabuleiro untado com manteiga e leva-se ao forno. Entretanto, faz-se um recheio com as sobras das carnes da véspera, picam-se, temperam-se com salsa picada, pimenta e noz moscada. Logo que os ovos estejam fritos, retira-se o tabuleiro do forno, volta-se sobre a tábua e deixa-se arrefecer. Em seguida, cortam-se com um corta-massas, com o feitio de estrela. Sobre uma placa de ovo cortado estende-se uma pequena camada de recheio e cobre-se com outra placa de ovo. Prepara-se uma salada de chicória e ornamenta-se com estrelas de ovos.

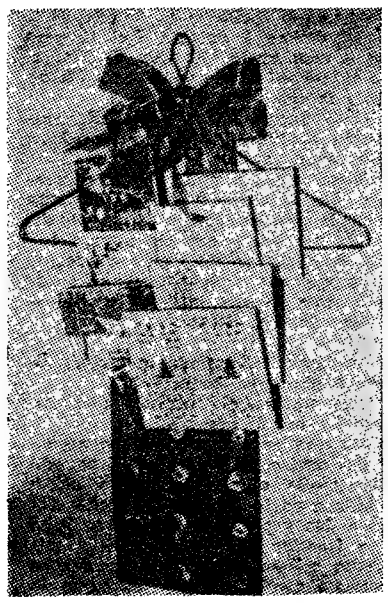
Lingua escarlate

Tira-se a arreigada a uma língua, coloca-se sobre as brasas durante uns instantes, voltando-se de todos os lados e raspa-se em seguida para lhe tirar toda a pele. Em seguida, põe-se numa vasilha de barro, esfrega-se bem com pimenta e salitre e depois cobre-se com sal. Junta-se-lhe cravo da India, tomilho e louro. No dia seguinte, volte a friccionar-se com sal e cubra-se com ele completamente. Assim se conserva durante quinze dias, voltando-a frequentes vezes. Mete-se em seguida numa tripa e põe-se a secar na chaminé. Para lhe dar a cor escarlate, como se encontra nas salsichas, pinta-se com carmim ou cochonilha. E' esta uma das maneiras de a conservar. Para acozinhar procede-se do seguinte modo:

Põe-se a língua de molho em água fresca até lhe tirar e excesso de Sal. Depois esfrega-se com uma mistura de 150 grs. de açucar mascavado e 30 grs. de salitre e assim se deixa durante 24 horas voltando-a de todos os lados. Sacode-se e põe-se a cozer em água e vinho branco em partes iguais, juntando 1 cenoura, 1 cebola, pimenta em grão e um cálice de vinho fino. Deixa-se ferver por espaço de três horas, arrefece no caldo da cozedura e em seguida doira-se com gemas de ovos. Rola-se por pão ralado e mete-se no forno a alourar um pouco. corta-se em fatias finas. Numa forma lisa deita-se uma camada de geleia de mão de vaca. Quando começar a solidificar dispõe-se uma camada de fatias de língua e fatias de fiambre. olta a deitar-se nova camada de geleia, depois de camada de língua e fiambre, terminando por geleia. Não deve deitar-se nova camada de geleia sem ter gelado a antecedente. Estando a forma cheia deixa-se gelar completamente. Desmolda-se na ocasião de servir, metendo e tirando de repente a forma em água a ferver e voltando sobre o prato.

rõo1Ep

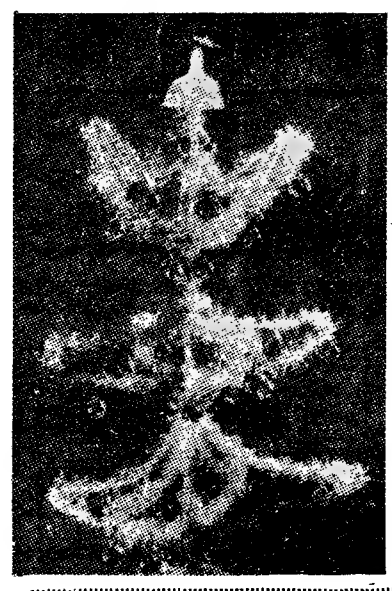
de Boas Festas



É de bom gosto expor, bem à vista, durante estes dias festivos, que vão do Natal até ao dia de Reis, os cartões de Boas-Festas que por carinhosa lembrança ou simples dever de cortesia vamos recebendo. Pendurados num ramo de pinheiro que se prende na parede, junto com fios dourados e bolas de vidro, formam um elemento decorativo muito interessante.

Colocados sobre uma cómoda onde ramos de verdura e velas de cor e pinhas douradas lembram a quadra festiva é muito visto mas sempre agradável. Fazendo a decoração interior da porta da rua também tem a sua nota de interesse, assim como formando uma barra colorida no austero reposteiro de uma sala.

A ideia que vos damos nesta gravura também é de aproveitar. Consta de um vulgarissimo cabide de metal, dos que se usam para pendurar os vestidos no guarda-fato, onde se prendeu uma cartolina tendo, a distancias regulares e em linhas paralelas alguns botões de cores garridas que ali foram cosidos com agulha e linha. Nesses botões prendem-se muito fácilmente os cartões de Boas-Festas. Na parte superior do cabide um laço de fita brilhante, desses que se usam, modernamente, para enfeitar os embrulhos e se vendem nas papelarias.



Este centro para a mesa da Consoada foi muito fácilmente feito com arame revestido por fio prateado. Bolinhas de vidro azul suspensas de onde em onde forneceram a nota colorida. Na parte superior está um anjinho de cartão pintado com purpurina dourada.

O pó da casa

Quando limpo o pó na casa de campo onde não há energia eléctrica em vez do vulgar pano uso duas luvas de flanela de algodão onde meto as mãos para me entregar a esse trabalho que assim se faz mais rápidamente.

V. Ex.ª deve preferir
este famoso aspirador

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS COM GARANTIA E ASSISTÊNCIA PERMANENTE

« BOMO »
A meia francesa que dá distinção á mulher portuguesa

...o aspecto que tem
...a maneira como se fixa
...a economia que permite

PARECE tão luxuoso! CUTEX, torna as suas unhas lindas como jóias... conserva-se brilhante e perfeito entre duas sessões de manicure.

FIXA-SE tão bem! Basta passar nas unhas o pincel de nylon para que CUTEX se espalhe e se fixe. É preparado com Enamelon para evitar que se desfaça, salte ou estale.

DURA tanto! Dura mais que qualquer outro verniz seja de que preço for.

E para que os lábios condigam, use baton CUTEX STAY FAST.
É extraordinàriamente macio e extremamente rico em lanolina pura. Conserva os lábios verdadeiramente deslumbrantes de cor — todo o dia, toda a noite — mesmo depois de um beijo.

PARA BELEZA DURADOURA...

Leia o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»

Eduquemos o nosso filho!

Se por vezes é fácil encontrar as causas que determinam alterações no comportamento da criança, outras há, em que de tal modo se interiorizam, que só com o tempo as podemos reconhecer.

A alma infantil é tão delicada, que muitos factos, passando despercebidos aos adultos, são trabalhados no seu subconsciente, originando complexos que lhe alteram o psiquismo.

Pais e pedagogos devem procurar conhecer profundamente os filhos e discípulos. Devem ser acima de tudo os seus amigos, os seus confidentes.

E' necessário que a criança estime o adulto, e que este procure despertar essa estima.

Só assim, estabelecendo reciprocidade de entendimento, se podem evitar muitos males, cuja influência se faz sentir na idade adulta.

Mas não basta que pais e filhos se entendam entre si.

E' preciso generalizar esse entendimento na constelação da família, desenvolvendo a confiança entre aqueles, e ainda, entre os irmãos.

Foi meu aluno num dos nossos Jardins-Escolas de «João de Deus», uma criança do sexo masculino, bem constituída psíquica e físicamente.

Aos cinco anos revelava boa memória, raciocínio desenvolvido, a alegria e a desenvoltura própria da idade, e uma elevada ternura pelos companheiros.

Assim conheci este aluno durante um ano lectivo e parte de outro.

Em certa altura o seu comportamento alterou-se, e pouco tempo depois, sentia prazer em maltratar os companheiros, chorava com frequência, irritava-se constantemente e pouco aproveitava nas aulas.

O ambiente escolar não sofrera qualquer mudança que pudesse influir nessa alteração.

Procurei saber a causa e para isso tive com ele uma conversa.

Nada adiantou. Queixou-se dos companheiros, do pessoal, fez-me ver que era vítima de todos, e continuou alterado.

Decorrido algum tempo, como a minha situação permitia que me ausentasse durante o tempo das aulas, saí, levando-o comigo.

Mostrou-se satisfeito, e de volta ao Jardim-Escola, com uma voz trémula disse-me:—«A minha mãezinha já não me faz isto»...

—«Isto,, o quê?»

—«Levar-me a passear. Foi lá para casa o meu irmão que veio de França, e a mãezinha anda sempre com ele ao colo e já não gosta de mim...»

Estava encontrada a causa. Era necessário convencê-lo de que a mãe o estimava da mesma forma.

Chamei o pai a quem contei o sucedido. Combinou-se a melhor maneira de conduzir a questão, e tempo depois, vencida a rebeldia que ele opôs á ternura da mãe durante algum tempo, vi com prazer que o aluno estropiado voltou a ser a criança que temporáriamente tinha deixado de ser.

Não basta estimarmos os nossos filhos; é obrigação conhecê-los.

O menosprezo, o desamor são os castigos das nossas imprudências.

Compreender a criança, ir ao encontro das suas necessidades emotivas, não desbaratando o carinho, tendo acima de tudo a noção de que das acções dos pais e dos professores depende o êxito ou o fracasso da sua vida, eis a melindrosa missão que enfrentam aqueles a quem é confiado o precioso barro da criatura humana.

VIRGINIA JARDIM GANHO

Se é mãe...

...Converse connosco acerca dos seus filhos. Escreva-nos. Fale-nos deles e de si.

Conte-nos o que eles dizem, as gracinhas, as preferências e aversões desses pequenos senhores.

E diga-nos o que pensa, como os educa, exponha-nos as suas descobertas e opiniões.

O seu caso, o seu alvitre interessa-nos sempre. Quando acertados, serão publicados. Quando merecedores de reparos, dar-nos-ão ensejo de tratar assuntos que talvez não nos ocorressem...

Como vê, o nosso desejo é este: ajudar as mães. E, o que pedimos é só isto: deixem-nos ajudá-las, oferecendo-nos o ensejo de o fazermos.

Concurso dos bocadinhos de oiro

VI

Um dos motivos de mais frequente desentendimento entre pais e filhos, pode encontrar-se na diferença dos «mundos» que cada um deles vive. Os pais erram com uma lastimosa frequência, nas suas relações com as crianças e com os adolescentes, porque se colocam no seu plano, esquecendo que o horizonte dos filhos e o plano em que eles se movem é diverso. Há pais que julgam que os filhos serão, toda a vida, eternas crianças, como tal os tratando; outros, em compensação, falam-lhes e tratam-nos como se eles fossem «adultos», e pudessem, portanto, atingir a mentalidade do homem amadurecido. Também há alguns que sacrificam os filhos á sua vaidade e aos seus caprichos, vendo neles simples objectos de divertimento e vanglória, facto que, além de perigoso, é absolutamente imoral!

Só praticará verdadeiro ofício de pai, aquele que procurar compreender a diferença existente entre si e seu filho, diferença esta que vai evoluindo conforme as idades. Opisso acentua que convém discernir quais são as faculdades predominantes nas crianças e nos jovens, para tirar partido das mesmas, e *Trindade Salgueiro observa — por seu turno — que* a imaginação de um adolescente não é a imaginação de um velho; os perigos dos vinte anos não são os perigos dos sessenta.

Todo o cuidado é pouco porque, muitas vezes, quando os pais julgam dirigir-se ao consciente dos filhos, nada mais conseguem do que provocar respostas do inconsciente.

Os pais ou educadores que não sabem colocar-se no mundo juvenil e que não sabem provocar os desabafos e as confidências infantis, arriscam-se a praticar muitos desvios e erros.

P..... d. A.....
M.... G..... V....

A que livro pertence este trecho? Quem é o seu autor? Será sorteada uma assinatura da Revista «Os Nossos Filhos» por todas as pessoas que respondam correctamente. As respostas devem ser enviadas até ao próximo dia 29 do corrente para «Diário de Lisboa» — Magazine — Página «Eduquemos o nosso filho!» — Rua Luz Soriado, 44, Lisboa.

PRÉMIO — O quarto «bocadinho de oiro», publicado na página de 6 do corrente, pertence ao livro «Modernas Tendências da Educação», de Irene Lisboa. O prémio coube á senhora D. Maria Borges, de Lisboa.

Pequenas coisas que as mães devem saber

Não leve, nunca, o seu pequenino, a casas, e muito menos a quartos, onde haja doentes.

*

Faça o possível para que o seu filho receba bom ar, luz e aqueles cuidados inteligentes que não são pieguice .mas atenção vigilante que favorece e defende a saude.

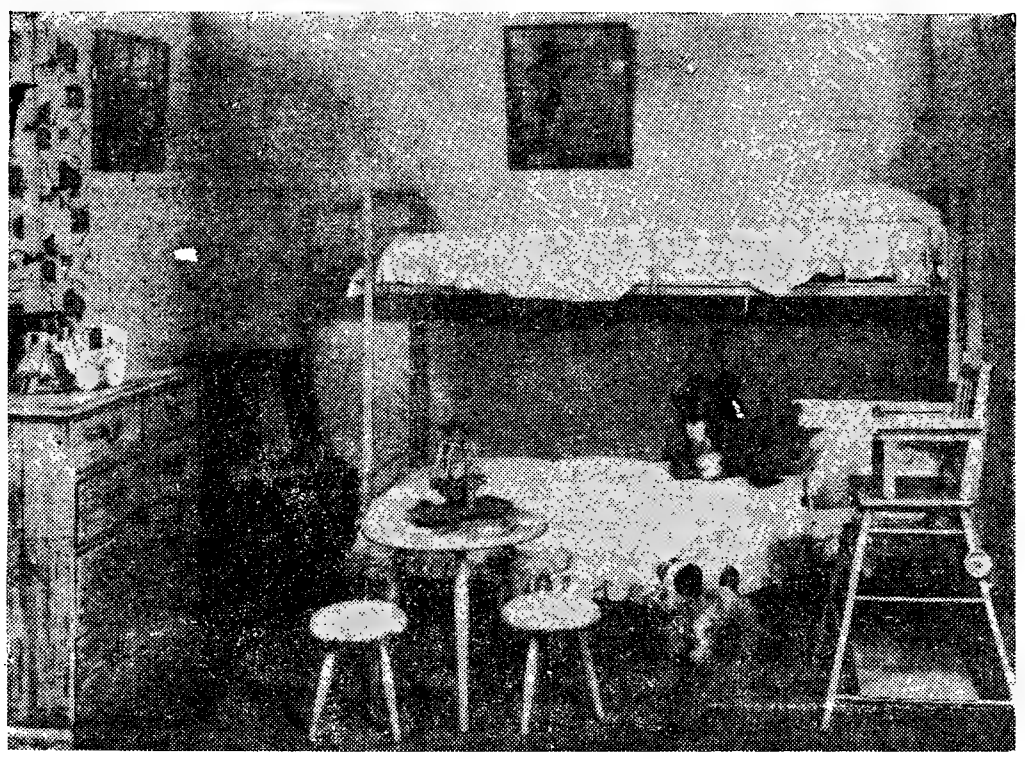
*

Não deite o bebé na sua cama, nem consinta que ele durma com outras pessoas.

*

Quando o menino tiver dois ou três anos, ensine-o a gagarejar, utilizando água fervida.

Se for necessário, acompanhe o seu filho enquanto ele estuda, e explique-lhe o que ele não compreende. Mas não faça os trabalhos por ele, porque esse é o pior serviço que pode prestar-lhe



Quando a casa é pequena, o quarto das crianças resolver-se como se apresenta nesta gravura: as camas em beliche. Repore no conjunto, leve e gracioso

QUINTA-FEIRA — Nestes dias que antecedem o Natal, as lojas regurgitam de compradores. As livrarias inclusive. Ontem á tarde, esperava eu numa livraria que me atendessem, quando oiço uma senhora dirigindo-se ao empregado:

— «Faz favor... Um livro para uma menina de cinco anos».

E logo ali obteve o que pretendia:

— «Menina de cinco anos? Tem V. Ex.ª este, que é muito bonito».

Uma amiga, que a acompanhava, murmurou entre dentes:

— «Bonito... para quem gosta!... Que horror de desenhos! E' para a tua filha?»

E a outra, também a meia voz:

— «E'. E' para ela rasgar. Tem uma loucura por papéis».

E lá foi o livro horrível, para a menina de cinco anos rasgar.

* * *

SEXTA-FEIRA — Dizia-me um rapaz, homem de vinte e dois anos, que frequenta, num curso nocturno, o 3.º ano do liceu:

— Tudo vai bem, menos a botanica.

— E' possível? — admirei-me. E' possível não gostares de conhecer a vida das plantas, das flores...?

— Sim, eu gosto... mas não entendo... Faz-me confusão aquela coisa da reprodução das plantas... as plantas unissexuais, e masculinas, e femininas...

Era sincero. Não sabia, não compreendia. De repente, este rapaz deu-me a medida da falsa educação dos nossos filhos. Por mais inacreditável que pareça, é assim mesmo. A nossa juventude vive na ignorancia das coisas verdadeiras, naturais, nobres, sérias e belas. A botanica, a zoologia, a moral, ensinam-se isoladamente, com definições abstractas, como se não fossem partes correlativas de um todo maravilhoso que é a vida que nos rodeia e a nossa própria vida. Os nossos jovens não sabem aquilo que verdadeiramente lhes interessa, o que diz respeito a eles próprios, ao seu corpo e ao seu espírito, á sua integridade física e moral, á sua dignidade, e sabem muito da parte falsa e vergonhosa do Mundo, dessa parte má que os faz suas vítimas, os deforma, os marca para sempre! Eles não têm culpa. Os culpados somos nós. Nós que os não preparamos, não os esclarecemos, não lhes damos armas conscientes e fortes com que se defendam. E, pior ainda, não lutamos contra o mal que os espreita e ameaça perdê-los. E' a nós, pais, educadores, que compete preparar um mundo melhor para os nossos filhos, e prepará-los a eles para vida bela, digna e pura, que é a verdadeira vida.

* * *

SÁBADO — O meu Rui disse-me assim: — «Mãe, ali á esquina da rua, está sempre uma velhinha».

E' verdade. Mas eu não liguei importancia á observação. Dias depois, o meu filhou tornou:

— «Mãe, quando a gente passa, a velhinha está sempre a falar... sempre a falar...»

Mas eu andava na minha lida, e ainda desta vez o não entendi. Hoje, porém, o meu pequenino insistiu:

— «Mãe, a velhinha está sempre a pedir coisas... a pedir coisas...»

Finalmente, compreendi as hesitações, a insistência, o tímido desejo do Rui.

— «E tu queres dar-lhe...?»

Disse que sim, com a cabecita.

— «Bem, ela fica sendo a «tua velhinha». Amanhã, quando passarmos, conversamos com ela».

Os olhos do meu menino brilharam de tal modo, que eu agradeci a Deus a pura bondade do seu coração.

* * *

DOMINGO — Fizeram prédios novos, ali, no jardim. Prédios de seis andares, com lojas modernas, bonitas, tudo tão diferente daquilo que ainda há um ano lá estava! Uma das lojas vende aparelhos de rádio e discos. Ora, ontem (já se fechara a noite, vinha eu para casa), estava essa loja toda iluminada, vibrando com a Rapsódia Hungara n.º 2, de Liszt, na intepretação de uma esplêndida orquestra. Chovia. A porta estava cerrada. E no recôncavo do portal, um rapazinho dos seus dez anos, descalço, virado para o aparelho que, do lado de lá do vidro, transmitia a maravilha sonora — agitava os braços, hipotético maestro daquela orquestra invisível. Que importava a noite, o frio, a chuva, muito provávelmente a fome? A musica levava-o para a sua verdadeira pátria.

O que tu me ensinaste, pequeno amigo! Ou melhor: confirmaste, vieste lembrar. Só é válida a riqueza que, mesmo descalços e de mãos vazias, guardamos no coração.

Que ela nunca falte aos meus filhos.

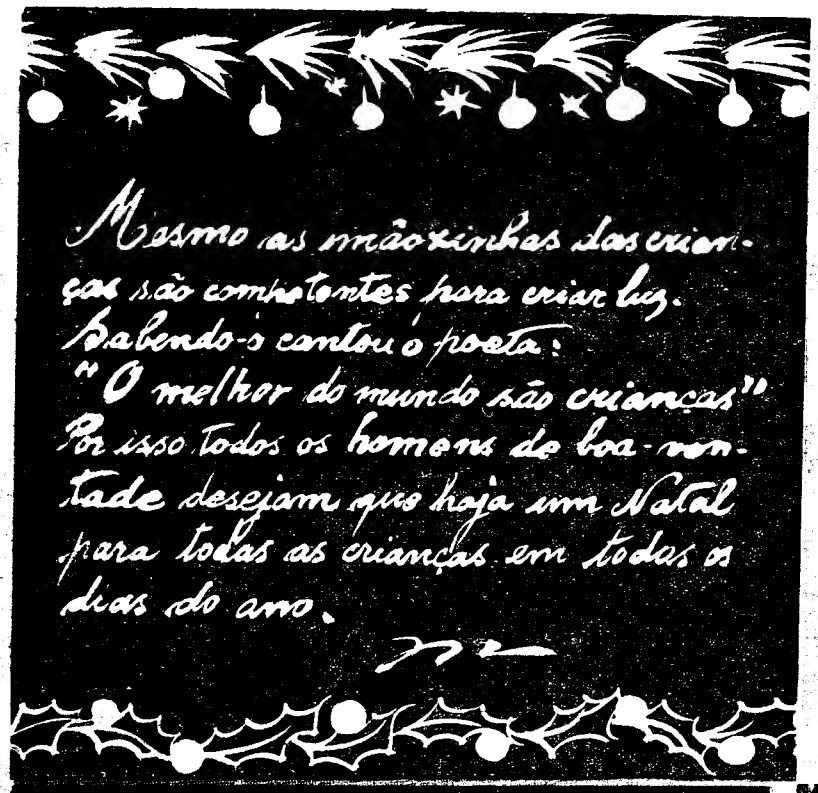
MARIA LUCIA

A linguagem infantil

Em que idade começa a criança a falar? Isso é muito variável, pois há as que só dizem as primeiras palavrinhas por volta dos 2 anos, e as que, aos 12 meses, já principiam a falar. Em geral, começam a construir frases curtas dos 18 aos 24 meses, e aos 3 anos já se exprimem mais ou menos bem, embora, a maior parte das vezes, numa «língua de trapos».

Se acontece a criança chegar aos 3 aos e ainda não falar é conveniente levá-la ao médico, pois pode tratar-se de perturbação mental.

Deve habituar-se a criança, de pequenina, a falar correctamente. Para isso, a mãe nunca deve imitá-la nem mostrar-lhe que acha graça á sua linguagem infantil. De facto, para os pais essa linguagem é encantadora, mas, a manter-se, torna-se ridícula e pode, até, dar lugar a vícios de linguagem.



Eu quisera ser rico neste dia, para poder dar-te uma casa grande, muito grande e bonita, onde nada te faltasse e onde pudesses descansar dos trabalhos que comigo tens tido. Quisera também ser rico para poder estar muito tempo junto a ti, para te fazer tudo que quisesses. Quisera também ser perfeito, para te não causar tristezas, mas sim alegrias. Quisera ser completamente bom, todo bondade para te compreender melhor e, se possível, amar mais. Quisera ser o melhor, para que fosses a mais ditosa do Mundo, para que pudesses ser orgulhosa do teu fruto.

Mas não sou. Não sou rico, nem bom, nem o melhor. Sou um ser que não tem mais nada que te dar senão o grande amor que por ti tem. Um ser que faz por te compreender e amar ainda mais. Um ser que te diz comovido neste dia:

Obrigado por tudo minha mãe.

J. JOÃO G. VENTURA
(223).

Diario de Lisbôa

Textos
Augusto da Costa Dias, Mário Castrim e Manuel Salgueiros
Ilustrações
Tóssan e Figueiredo Sobral

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua Luz Soriano, 44 a 48 — LISBOA

Por **Francisco José Ferreira Fernandes** (19 anos)

Natal italiano! Ouço ainda o som dos teus carrilhões ecoando pelos ares enquanto evoco a tonalidade violeta das colinas de Ombrie envolvidas num crepusculo de Inverno e bordejadas de purpura pelo Sol no ocaso. Nenhuma outra lembrança me causa semelhante impressão de encantadora poesia. E no entanto conservo viva no cérebro a imagem do Natal inglês, tão belo, tão delicioso com as suas Igrejas de pedra arrendada decoradas com folhagem e a neve nas campinas cobrindo com o seu manto a verdura do musgo.

Mas nunca senti como aqui na Itália, tudo o que o sonho pode conjugar em encantamento numa tradição piedosa.

Tinha vindo passar as férias numa pequena aldeia entre Pérousse e Assis.

O dia de Natal morria muito doce, pois o terrivel vento que sopra nas grandes altitudes italianas suspendera o seu bafo glacial. Estivera a tarde inteira a ver a bela catedral de S. Francisco toda refulgente da luz das suas velas com o esplendor um pouco pagão do seu presépio monumental. Depois de a admirar bem e como a noite se aproximasse resolvi regressar á pensão onde me tinha hospedado.

Atravessei as ruas quase desertas e sombrias sob um céu de um azul transparente com cintilações de ouro e o desabrochar das primeiras estrelas. Por toda a parte, de colina em colina chegava até mim o festivo repicar dos sinos. Atravessava nesse momento um lugarejo qualquer (o nome não interessa) quando entrevi pela porta semi-aberta de uma casa vulgar um quadro que me seduziu. Levado por um impulso repentino estaquei, sem no entanto me arriscar a entrar. Reconhecia ser um intruso e um Natal, reconhecia-o também, era para ser passado em familia sem intromissões de estranhos.

Mas, não sei porquê, era-me impossível arredar pé dali.

Bruscamente, uma voz infantil, vinda do interior da casa, gritou, fazendo-me sobressaltar:

— «Entri signore, vedi il nostro bellissimo pangiallo!»

Um pouco confuso transpus o limiar rustico daquela casa que era um exemplo frisante da hospitalidade italiana ao convidarem-me a entrar, eu, um desconhecido para eles, e para mais numa noite de Natal.

Era um grande sala profusamente iluminada por velhos candeeiros a petróleo, de modelo já muito antiquado, suspensos do tecto.

Uma mesa de pinho, coberta com uma toalha de linho de uma alvura imaculada sobre a qual repousavam em profusão pratos, talheres, copos, jarros de vinho e terrinas com o prato nacional italiano, o «spaghetti», estendia-se pelo centro da sala. No meio da mesa erguia-se o «pangiallo» que me tinha anunciado a voz cristalina do pequenito — enorme bolo de Natal, edificio extrordinário de massa coberta de açucar e frutas cristalizadas, tão conhecido daqueles que viajam pela Itália nesta altura do ano. Aquele estava esplêndido, e, á sua volta, várias gerações dirigiam-lhe olhadelas gulosas. Belos olhos, de um negro aveludado miravam-no candidamente cheios de uma ilusão feliz.

Avôs com as faces cortadas pelas rugas da velhice, de cabelos de prata, homens, mulheres e crianças, todos tinham a mesma expressão de felicidade calma, quer debaixo das camisas brancas, das toucas rasas, da lã escura das boinas, como debaixo das cabeleiras aneladas dos miudos.

Receberam-me afectuosamente e obrigaram-me a sentar a seu lado. Ao saberem que era português, falaram com tanto entusiasmo de Portugal que me sensibilizaram. E naquela noite de Natal, em pleno coração da Itália, falou-se das paisagens de sonho, dos costumes tão belos do meu querido e agora longinquo Portugal. E por mais esforços que fizesse, lágrimas de reconhecimento marejaram-me os olhos. Quando me despedi, depois dos tradicionais brindes, já a noite ia muito adiantada.

Jamais esquecerei a expressão radiosa destes pobres camponeses celebrando tão alegremente o nascimento do Salvador.

E não quero terminar sem vos contar um pormenor pitoresco que presenciei.

Nestes dias, os camponeses italianos levam para toda a parte, ao pescoço, o amuleto favorito desta região: a ponta de uma seta em silex, deixada no seu solo por uma humanidade distante e onde crêem ver traços de corisco.

Itália encantadora, terra crédula e mágica, repleta de preces do seu humilde e belo povo, guarda há muito tempo o seu sonho e tradição contra a realidade moderna.

O SONHO DE JESUS

Era uma vez a Mãe que depois de embalar o Menino o foi deitar no berço.

Estava frio.

O Inverno instalara-se em casa tão bem como lá fora, nas pedras de Jerusalém.

Apesar disso, o Menino sorria como uma bênção.

Porque o Menino tinha um sonho.

Sonhava que, apanhando a porta aberta e a Mãe desprevenida, viera para o caminho dos homens.

Ninguém reparava nele.

Os homens iam com muita pressa.

Elmadan, grande senhor, passou na égua orgulhosa, ajaezada que nem uma noite de estrelas.

E nem voltou a cabeça.

Passou Eliaquim, dono de mil escravos.

Passou Thare, e Naccar, e Sathiel e Sarug.

Que tinham dinheiro, e terras, e importancia.

Ninguém reparou no Menino.

Este podia ver tudo á sua vontade.

Reparou na janela de onde saía claridade, fumo, risadas de louça e de talheres.

Aproximou-se.

Era a casa de Mena, o que dizia:

«Não quero escravos; quero homens, porque serei amado e defendido.

«Não quero oprimir; quero libertar. Só isso é nobre.

«Não quero lágrimas; a luz não pode chorar... Ora em casa de Mena havia festa.

Assavam carneiros, preparavam doces.

Tacinhas de mel brilhavam como malmequeres...

Mas o Menino queria ver tudo. Queria aproveitar bem aquele passeio através da cidade.

E andou para diante.

Encontrou um garoto que chorava, encostado a uma parede.

—Que tens tu!

—Tenho fome.

—Vai a casa de Mena o justo. Dar-te-ão de comer.

—Mas não me conhecem. São capazes de ainda me baterem...

—Não baem. — Dize que és o Menino Jesus... Verás que te recebem de braços abertos.

Mais longe, outro rapazinho roía os nós dos dedos, de tanta fome.

—Vai a casa de Mena, o justo. Dar-te-ão de comer.

—São capazes de me açularem os cães... E depois eu não sou deste país.

—Não te importes. Se perguntarem quem és, dize que és o Menino Jesus.

Não tardou a dar com outro rapazinho, e com outro, e com outro, e com muitos. E a todos aconselhava o mesmo.

—Vai e dize que és o Menino Jesus.

Depois voltou atrás e foi espreitar á janela que dava para o festim. Havia cem mesas até ao fim do Mundo, repletas de carnes e doces. eSntados, os meninos riam, como os malmequeres. Tinham ficado contagiados com as tacinhas de mel.

Foi então que a filha mais velha de Mena se dirigiu ao dono da casa:

—Meu pai, aqui há um mistério.

—E qual é?

—Cada um destes meninos disse que era o Menino Jesus. Ora isto não pode ser...

O velho suspirou:

—Pode, minha filha. Se as crianças dizem, quem nos dá o direito de duvidar?

O Menino Jesus sorriu.

E acordou.

Acordou e ainda ficou a sorrir.

Foi nesta altura que bateram á porta. A Mãe estremeceu, receosa não soube de quê.

—Não tenhas medo — disse o Menino — vai, que sou eu quem bate á porta.

A Mãe levantou-se e foi abrir. Primeiro, entrou o Inverno e a seguir reparou num rapazinho que tremia em frente dela.

—Quem és, menino? E que queres tu?.

—Sou o Menino Jesus. Quero pão...

A Mãe olhou para o Menino, soerguido no berço. Volta a fitar aquele que o Inverno trouxera de roldão. Tão parecidos que ela própria não sabia dizer qual era o seu.

—Entre, meu filho — disse.

E fechou a porta ao Inverno.

Gente nossa

O Oceano tem nove filhas
rodeadas de esplendores
Direis vós: são nove as ilhas...
Eu direi: são nove amores.

Que flores graciosas!
E Santa Maria Ajuda...
Se algum corvo vê as rosas
S. Miguel bem lhes acuda!

Lá, as moças, com certeza,
como as da figura são:
tal qual a figuração
da graça e da gentileza.

Uma lenda me assegura:
são sereias... Bem, talvez
sereias de humanos pés
feridos na rocha dura...

Os homens emigram... Elas
ficam pregadas ao chão
como a raiz do vulcão
que gerou as ilhas belas.

E ainda encontram no lar
difícil que a vida tem
um jeito de mais ninguém
de cantar e de bailar.

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta, ou postal, á seguinte pergunta:

Qual o arquipélago português a que pertence a figura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na Redacção até ao próximo dia 29 de Dezembro.

Concurso da semana

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 84: I — CONCURSO «GENTE NOVA»: Ilha da Madeira. II — CONCURSO «GIGANTES DA HUMANIDADE»: Vlaslav Nijinky.

Vencedores

1. — Amigo n.º 817 — Maria Cristina Nobre Catita (Lisboa).
2. — Amigo n.º 914 — Maria da Graça Ruivo Martins Vilhena (Luso).
3. — Amigo n.º 1.232 — Maria Antonieta Sousa Cabrita (Lisboa).
4. — Amigo n.º 1.446 — Maria Esmeralda Moreira da Costa (Santarém).
5. — Amigo n.º 972 — Luís Ribeiro de Carvalho (Monchique).
6. — Amigo n.º 1.424 — Encarnação Rodrigues (Lisboa).
7. — Amigo n.º 1.444 — Manuel Marcelino Pena da Costa (Lisboa).
8. — Amigo n.º 1.334 — António de Matos Mina (Lisboa).
9. — Amigo n.º 1.432 — Maria Teresa Pantoja (Barreiro).
10. — Amigo n.º 856 — Francisco Ferreira Fernandes (Lisboa).
11. — Amigo n.º 796 — José António Freire Leitão (Porto).
12. — Amigo n.º 976 — Ester Conceição Neto Vilão (Lisboa).
13. — Amigo n.º 1.133 — António M. Bandeira (Faro).
14. — Amigo n.º 1.362 — Helder Martins Leitão (Porto).
15. — Amigo n.º 1.420 — Cecília de Matos Raposo (Barreiro).

Prémios

1 a 4: Quatro volumes da Colecção «CONTOS DE ENCANTAR», da Livraria CLÁSSICA EDITORA, a cada um.

5 a 7: Um volume da Colecção «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS», da Livraria CLÁSSICA EDITORA.

8 a 10: Um volume da Colecção «MINIATURA», editada por LIVROS DO BRASIL, LDA.

11 a 15: «O DEMÓNIO DA RECTIDÃO», por François Mauriac — ultimo volume da Colecção «MINIATURA», de LIVROS DO BRASIL, LDA.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE NIJINSKY

16. — Amigo n.º 963 — Alice Vassalo Pereira Vassalo (Lisboa).

16: «MADAME CURIE», por Eva Curie, e o «LIVRO DAS LENDAS», por S. Lagerlof — edições de LIVROS DO BRASIL, LDA.

PARA UNS E PARA OUTROS...

Para os nossos leitores mais pequenos, até aos 10 anos, possui a Livraria Clássica Editora uma biblioteca adequada:

Colecção

«CONTOS DE ENCANTAR»

São volumezinhos pequenos, muito engraçados, que se metem num bolso.

Para os mais velhos, até aos 14 anos, tem a mesma Editora uma esplêndida biblioteca, a que imensíssimas vezes nos temos referidos aqui. E' a

Colecção

«OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS»

São belos romances ilustrados de grandes autores da literatura juvenil, como, por exemplo, Erich Kastner, que escreveu duas obras que nunca mais esquecerão:

«EMILIO E OS DETECTIVES»

«EMILIO E OS TRÊS GÉMEOS»

São belos presentes para o Natal.

Mário Castrim

CONTO E VERSOS DE MÁRIO CASTRIM

«Dorme, dorme, pequenino,
meu cheirinho de alecrim...»
A Maria canta assim
embalando o seu menino.

O pobrezinho resfria
todo, sem adormecer:
E sofre ao vê-lo a Maria
e não sabe o que fazer...

Tira o xaile de cima dela,
cobre o menino que chora
A mãe trabalha lá fora,
agora, a mãezinha é ela...

Adormece o pequenino,
a voz treme e canta assim:
«Dorme, dorme, meu menino,
meu cheirinho de alecrim...»

Feliz Natal — Feliz Natal — Feliz Na

AVENTURAS DO DETECTIVE PARARRAIOS

O mistério da bengala de bambu (III)

Em plena selva

Entre os peles-vermelhas havia um que falava razoávelmente o inglês. Foi esse que serviu de lingua entre Pararraios e o chefe, o Grande Raposa.

— Responde-nos, ó Rosto Palido!, é petróleo aquilo que procuras?

— Não.

— Juras por Manitu?

— Juro.

— Então se não buscas petróleo, buscas ouro...

— Nem isso.

— Mentes! Um Rosto Pálido que não andasse á cata de ouro seria, para nós, tão difícil de encontrar como alcançar a Grande Lua!

Basílio, fortemente agarrado por dois gigantescos peles-vermelhas, estranhava a cónversa.

— Que dizem eles? — perguntou.

— Querem saber se pesquisamos ouro ou petróleo.

— Mais essa!

O intérprete, depois de conferenciar longamente com o Grande Raposa, voltou-se para o prisioneiro do funil:

— Rosto Pálido! Se não é o petróleo nem o ouro aquilo que procuras; e se prezas a tua vida e a vida do teu companheiro — responde: Qual a finalidade da tua arriscada viagem?

— Eu e o meu companheiro procuramos uma bengala de bambu!

Os peles-vermelhas entreolharam-se, como quem não sabe se há-de rir, se há-de castigar o atrevido. A uma ordem do Grande Raposa, porém, jovens índios afastaram-se e não tardaram em regressar com um molho de canas de bambu.

— Aí tens, Rosto Pálido! Poderás fazer daí uma centena de bengalas!

...Mas não aquela que procuro! — foi a resposta.

O chefe fez um gesto que significava: nada há a fazer! Levem-no...

De facto, os peles-vermelhas arrastaram os dois amigos para a clareira da floresta, ataram-nos a dois postes colocados a pequena distancia. Começaram a juntar lenha á sua volta...

— Vão pegar fogo á lenha, Basílio! — exclamou o detective.

— Ainda bem! — foi a resposta.

— A noite está fria, um fogozinho até vem a calhar...

— Ingénuo, pobre amigo! Ainda não percebeste que... que nos vão assar?

— Livra! Quem lhe disse isso?

O Rosto Pálido do Basílio tornou-se verdadeiramente pálido. Aterrorizado, assistia aos movimentos dos índios, que transportavam cada vez mais lenha.

— E agora, meu amo, e agora? Veja lá no que dão os livros de aventuras!

— Pois sim, Basílio, pois sim! Mas confessa lá: alguma vez pensaste em morrer assado?

Ria, de tanta vontade, que Basílio pensou: «Pobre do meu amo que perdeu o siso!». Mas já o detective lhe dizia em voz baixa:

— Calma Basílio, não percas a calma!

— Isso sim!...

— Escuta: a partir da meia-noite os peles-vermelhas recolherão aos seus «wigwans». Nessa altura entrarei eu em acção...

O tempo custou a passar. Mas, tal como Pararraios predissera, a certa altura os índios debandaram e a clareira ficou deserta. «Chegou a minha vez...» — exclamou Pararraios. Levantou os punhos amarrados por fortíssimas cordas e aproximou-os da ponta do funil. Este relampejou, como uma gargalhada azul, de encontro ás cordas que principiaram a arder...

Com as mãos livres, o resto foi fácil. Liberto, encaminhou-se de rastos em direcção ao ajudante que não tardou em libertar da incómoda posição.

— Agora — sussurrou Pararraios — agora rastejas atrás de mim, fazendo a menor bulha que possas.

Com precaução, afastaram-se. Os ruidos da floresta lembrava, por estranho que pareça, a Feira Popular. Basílio distinguiu, até, a zoada do carroussel, o chapinhar do «water-shoot». Chegou a sentir perfeitamente o aroma da sardinha assada...

— Vamos, nada de perder tempo! — disse Pararraios.

Atingiram em breve a margem do Grande Rio. Saltaram para dentro de uma piroga, desamarraram-no — e logo a corrente imprimiu á embarcação uma velocidade diabólica...

— Sempre é melhor isto que estar amarrado ao poste! — dizia o ajudante que descobrira, por grande sorte, no fundo do barco, uma quantidade de frutos.

Um luar perfeito arredondava o Mundo. Uma agradável sonolência começava a apoderar-se de Basílio quando um grito selvagem se lhe escapou da garganta: enormes crocodilos mostravam-lhe as poderosas mandibulas, pareciam resolvidos a atacar...

(Continua)

MARAVILHAS DO UNIVERSO

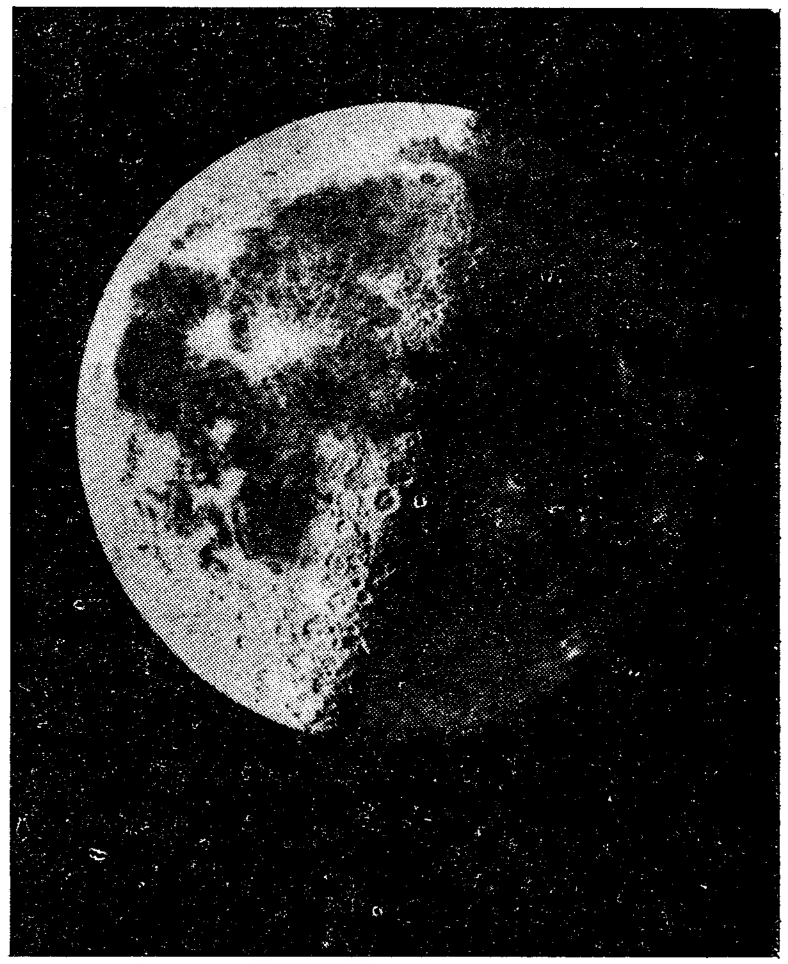
AS MANCHAS DA LUA

Por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

COMO doce mãe que vela o sonho do filho, a Lua brilha no firmamento, mal o Sol desaparece no Ocidente. Desde tempos que nem se contam, ela roda, roda, em volta de nós, uniformemente, mostrando-nos o seu brilho e a sua face nunca igual. Ela está tão pertinho de nós, se compararmos o que nos dista do Sol que podemos dizer, sem ironia, que ela é um arrabalde da Terra, arrabalde onde tudo é prateado. Imaginem como parece fácil, hoje, aos sábios de todo o Mundo, galgar esses 384.000 kms. que, em média, nos separam da Lua! Com efeito é o astro mais próximo de nós e só disso podemos fazer ideia se nos lembrarmos de que o seguinte — Vénus — está cento e vinte vezes mais longe... e o Sol, quatrocentas vezes mais longe... e outras estrelas, milhões de vezes ainda mais afastadas... Poderão vocês dizer, mas 384 mil quilómetros é imenso! Como se poderá lá chegar?... Pensem só que um barco vai de Portugal a Buenos Aires e volta... e andou mais que da Terra á Lua. E agora?

E esta distancia, com os poderosos telescópios de que estão munidos os observatórios modernos, é fácilmente reduzida de mil vezes, o que nos permite observar o que se passa na Lua: a presença de montanhas, de montanhas. Seria mais interessante pensar que homens como Kepler não se enganaram; contudo está provado que nada os habilitava a tais afirmações, senão a falta de conhecimentos, hoje superada. Agora sabe-se que na Lua faltam os dois elementos principais á vida: o ar e a água. Sabe-se isto, com mais ou menos certeza, pelo espectro da Lua, absolutamente idêntico ao do Sol; não revela o menor traço de invólucro gasoso em volta dela. As imensas planícies que o telescópio nos revela talvez tivessem sido mares, em tempos muito longínquos, ou lagos ou oceanos. Mas hoje, sem duvida, podemos dizer que não passam de planícies áridas, cobertas de calhau. Sobre as cartas lunares, estes desertos estéreis, tomam nomes romanticos que lembram esse passado, postos pelos astrónomos antigos que os consideravam mares: Oceano das Tempestades, Mar da Tranquilidade, Mar do Nectar, etc...

Estas vastas zonas, todos podemos distingui-las a olho nu — zonas sombrias no disco lunar, talvez uma duzia, cercadas de cadeias imensas de montanhas. A extensão das sombras que projectam permite avaliar que são de uma altura imponente — 7.000 a 8.000 metros! Ora se pensarem que a Lua tem um diametro que é um terço do da Terra e que



vales e de planícies é-nos assim revelada com espantosa nitidez, de tal forma que foi possível traçar cartas lunares com bastante exactidão; claro que, por muito admiráveis que eles sejam, têm um defeito: apresentam apenas um hemisfério da Lua, aquele que está voltado para nós... O outro só o poderemos traçar depois da primeira viagem á Lua. Por agora, contentemo-nos com a que temos. Porque nos mostra a Lua uma só face? A princípio pensou-se que ela não rodaria sobre o seu eixo; essa hipótese está posta de parte, sabe-se que ela tem um movimento de rotação que leva a efectuar-se, precisamente, o mesmo tempo que eefctua a volta á Terra, ou seja em vinte e sete dias e oito horas, aproximadamente. Esta simultaneidade tem a curiosa consequência de nos parecer que a Lua está imóvel apresentando sempre a mesma face; podemos crer que a outra seja igual, pois não temos razão para julgar o contrário.

As famosas «fortalezas e cidades» que os antigos julgavam ver com os seus deficientes telescópios e uma imaginação que tocava o fantástico, não passam de vales e cadeias de a sua superfície não é maior que a do continnente americano, imaginem o que representa essa altura!

Mas há alguma coisa mais que atrai a nossa atenção, quando olhamos romanticamente a Lua: são as crateras, milhares de crateras espalhadas pela superfície lunar, decorando a paisagem deserta... Tempos houve em que se pensou tratar-se de vulcões ou ainda que os grandes meteoros vindos dos espaços siderais seriam blocos de lava vindos do nosso satélite.

Entretanto, estas crateras talvez representem que, pelo contrário, foram deixadas por meteoros que caíram na Lua no tempo em que, ainda jovem, era fluida. E porque lhe falta atmosfera que refreie e faça explodir os meteoros que vêm até nós, a sua superfície é mais ferida que a da Terra.

Resta-nos esperar que os primeiros visitantes regressem do satélite e nos digam se o calor do dia é muito intenso e o frio da noite muito excessivo; se o silêncio e a imobilidade convidam á fuga da Terra... talvez nos aventuremos então a procurar um pouco de repouso no Mar da Tranquilidade...

DIÁRIO DE BORDO

Amigo 856 — Francisco José F. Fernandes (Lisboa): Como podes verificar, o teu pedido foi satisfeito. Quanto ao pedido de envio dos jornais, vou imediatamente tratar do assunto. Lá irão ter.

Amigo 1447 — Luís António Espírito Santo Sá (Lisboa): A carta posta nos termos em que a pões não pode ter seguimento, compreenderás porquê. Desejamos bastante que o assunto tenha toda a seriedade que merece.

Amigo 1286 — Carlos Alberto Cardoso (Torres Vedras): Lê a resposta do Amigo 1447, e pensa se temos ou não razão em pedir-te que medites no assunto.

Amigo 1434 — Maria Amélia (Lisboa): Gostaria que voltasses a ler o teu trabalhinho e emendasses os erros ortográficos e de pontuação. Depois disso ficará pronto para publicação.

Amigo 403 — José Augusto Folga da Silva (Lisboa): O trabalho sobre Alexandre Magno chegou atrasado. Toma sentido nas datas marcadas.

Amigo 1252 — Henrique Fonseca Rodrigues (Lisboa): Os artigos a que te referes têm seus senões e certamente pensarás quais sejam. Contudo se quiseres mandá-los incondicionalmente, pode ser que se faça qualquer coisa.

Amigo 912 — António Duarte Saraiva (Lisboa): Vamos mandar-te o jornal pedido. Claro que sim, o assunto tem merecido a atenção de muitos Amigos, até mesmo daqueles que, como eles próprios dizem, nunca tinham ligado importancia ao assunto. Só terás que dar tempo.

Atenção, Mário Sidónio da Fonseca (Lisboa): Longe de nós que o assunto seja interpretado dessa maneira. Além do mais, a tua idade ultrapassou aquela que estabelecemos para que os Jovens possam ser inscritos no ficheiro do «Juvenil». Para solucionar o teu problema, porque não tentas enveredar por outro caminho mais seguro? Crês que a «sorte» do teu amigo seja coisa que se repita? Lamento que não tenhas outra oportunidade para o resolver, mas não me parece que essa seja a melhor. Pelo menos, eu não te aconselharia.

Amigo 945 — Maria Helena Nunes (Queluz): A tua ideia já nos tinha ocorrido, mas como acontece, muitas vezes, os Amigos pedirem para que troquemos os livros atribuidos, o facto de assinarmos, tiraria essa possibilidade. Contudo, os Amigos que o desejem, podem mandar pedir que assim se faça. E' muito gentil da vossa parte o desejo de possuir os livros assinados pelo «Juvenil», como prova de sincera amizade.

TROTE

ERICO VERISSIMO

Nesta época de prendas é bom lembrar aos jovens a Obra de um grande Escritor. Os livros são prendas que ficam para a vida inteira. Pois bem: hoje vamos recordar aos nossos jovens leitores um dos maiores romancistas brasileiros e honra da Literatura de língua portuguesa: Erico Veríssimo. Desde o conto ao romance, do livro de viagens ao livro de divulgação histórica — por tudo o seu espírito se interessou, em tudo deixou a marca do seu talento.

Eis algumas das suas obras, editadas em Portugal, por Livros do Brasil, Lda.:

«Olhai os Lírios do Campo» — romance.

«Um lugar ao Sol» — romance.

«A Volta do Gato Preto» — viagens.

«Clarissa» — romance.

«Musica ao longe» — romance.

«México» — viagens.

«Fantoches e outros contos».

«Viagem á Aurora do Mundo» — divulgação histórica.

«O Tempo e o Vento» — romance.

«O Retrato» — romance (continuação do anterior).

Os jovens Portugueses não podem desconhecer este grande escritor.

FLASH

Um homem no seu automóvel, vocês imaginam, é motivo e dos bons para um estudo psicológico.

Ninguém lhe ganha em sobranceria.

Chegou, viu e venceu...

O seu automóvel...

Sobrenatural. Carrega num pedal e ei-lo aí vai desentoado, grão-senhor do tempo e da distancia.

Imaginem só o poder que isto dá a um homem. Se ele pensar só um bocadinho, pouca coisa o separa de Deus...

Pois é. E uma mulher, então? Nem queiram saber! Constantemente dominada há séculos, oprimida, de repente entregam-lhe a carta de alforria. Ilusória, bem ...Mas enquanto dura, vida e doçura.

A minha vizinha, a Maria da Graça, ou a Gracinha, como lhe chamam os vizinhos mais velhos, o pai comprou-lhe um automóvel. O pai é construtor. Idoso, com a tensão muito alta. De repente dão-lhe coisas... Impossível guiar. Portanto, a filha. Logo á primeira tirou a carta, dizem que raro.

Estou a ver o ar importante dela... Parada aqui defronte, negligentemente encostada ao volante... Pensativa, a unha rósea tilintando nos dentes... Lá fora era a rua, os outros, os peões... Os operários calceteiros vieram dizer-lhe não sei o quê, talvez que arredasse o carro um pouco, isso facilitar-lhes-ia a tarefa. Resposta dela:

—Estou na minha mão, o transito não é proibido e o carro encontra-se a mais de cinco metros da curva!

Ena, pai!, os calceteiros ficaram esmagados!

Ter feito um curso de automobilismo brilhante, possuir um automóvel, carregar simplesmente no pedal, uma ligeira pressão, e ir por ali nas horas de estalar — digam lá se não é para que uma pessoa se creia acima da plebe! Ai não...

Na semana passada houve aquela grande inundação no Cais do Sodré. Vocês lembram-se, os jornais falaram. Começou a chover, era maré cheia, rebentaram os canos. A água era tanta que engolia um homem. Eu bloqueado no «carro eléctrico» a assistir ao desastre.

De repente, que vejo eu? Um automóvel á deriva. A cheia acabou por atirá-lo contra um poste de iluminação e a desgraça não ficaria por aí. Lá dentro, alguém esbraceja. Olha, olha, quem ela é, a Maria da Graça! Quem diria... Está pálida e o pai, á sua beira, não o está menos. Se lhes parece...

Os operários que vão de lancheira para o Alfeite abandonam o eléctrico, a água da chuva dá-lhes quase pelo peito. Deitam a mão ao automóvel, seguram-no...

A expressão da Maria da Graça perdeu a arrogancia toda. Agora é uma menina reduzida á sua condição humilde de loicinha frágil. Diz muitas vezes: «Obrigado, obrigado».

Aposto que estão a pensar que inventei tudo isto para compor uma espécie de fábula. Mas perguntem á Maria da Graça a ver se não foi assim como contei.

CONCURSO

Seu povo estava prisioneiro no Egipto desde que as secas, as fomes, as desgraças o expulsaram da Terra Prometida. E foi ele quem, de novo, o reuniu e, afrontando perigos sem conto, o levou ás fronteiras da Palestina.

Escreveu leis justas para os seus irmãos; deu-lhes a noção duma vida mais alta e mais perfeita: foi assim grande Legislador, grande Chefe de povos — chefe religioso e político, Patriarca.

Só não alcançou gozar a alegria de pôr pé na Terra da Promissão, pois morreu ás suas portas, velho e cansado.

Gigante entre os Gigantes — inspirou o génio gigantesco de Miguel Angelo, quem devemos esta estátua, verdadeira obra-prima da Arte de todos os tempos.

As respostas ao nosso concurso devem estar no «JUVENIL» até ao dia 20 de Dezembro, acompanhadas das informações habituais: nome, morada, data de nascimento dos concorrentes, numero de ficheiro (no caso de já o terem), bem como a indicação dos três artigos que mais lhes agradaram no «JUVENIL» desta semana.

Além dos prémios habituais, concederemos um prémio especial ao melhor trabalho sobre o Gigante da Humanidade desta semana.

HEROI DE BRONZE

CARLOS FERREIRA BRAGA (18 anos)

A manhã nasce com o cantar dos galos. Na aldeia todos se alvorotam para ir ás terras; os homens, com as enxadas cruzadas no pescoço rijo, as mulheres, de grandes cestos vazios á cabeça, e os garotos, importantes com as bilhas do vinho e da água. Saiam da aldeia em ranchos barulhentos que, aglomerados de início, logo se dispersam em demanda dos pedaços de semeadura: eram parcelas de terra negra que desafiava a força dos braços, a lamina dos arados, as pragas dos homens.

Tiram os coletes, desdobram grandes lenços a resguardar a cabeça e a nuca e, esmagando torrões debaixo das botas cardadas, alinham-se, prontos a revolver a terra, a mesma que os há-de tragar. Gracejos e brados a incitar gargantas pulam daqui e dali; e em grita aguda, quase sincopada, respondem as mulheres em cantares de estilo.

Cedo o Sol queima nas nuvens de poeira, que o vento levanta, e a todos abrasa num calor enorme. Em filas compridas, suadas, erguem os homens os braços ao céu para depois deixarem cair a enxada na terra dura. O Sol, de fogo vermelho, moldura as figuras que se enraivecem numa luta de gigantes, uma luta em que alguns tombam na cova que, desconhecedores, para si próprios abriram.

Os cantares transformam-se em arquejos pesados; cada pancada no solo arranca dos peitos um dolorido som cavo que se repete por goelas secas que bradam por água, que bradam por vinho. Já não são eles que comandam os braços: qualquer força misteriosa, cheia de uma raiva terrível, alimenta-os de uma energia cruel que os torna cada vez mais ferozes ao encarniçarem-se contra aquela terra que a custo cede.

E com força, uns a puxar os outros, enterram a enxada cada vez mais fundo a abrirem um trilho largo, difícil que se estende de uma ponta á outra do campo. E enquanto nas alturas arde e brilha uma bola de fogo, o cavador, a sentir esse mesmo fogo a roê-lo todo, todo, crispa os dedos na madeira da enxada e, cada vez mais forte, mais louco, cava, cava, sempre. Puxa para si a enxada num frenesim de loucura e, depois de a levantar bem alto, lança-a de novo contra a terra como se a quisesse varar de uma só vez.

E o calor torra os próprios cérebros dentro do cranio; então os braços já não levantam, as mãos não apertam, os dedos não fecham, e todos correm a rojar-se nas nesgas de sombras. Bebem. Bebem água, bebem vinho, molham a cara e o peito, esticam os braços e as pernas. Depois, amalgamados contra a terra, derramam-se como escantalhos medonhos a que se partissem os cordéis que os sustinham. Ficam assim por uns tempos que lhes parecem escassos; depois, a uma voz, vão-se levantando a custo, mancando uns praguejando outros e, arrimados ás enxadas, voltam a postar-se na vala para lutar outra vez com a mesma furia obsecada.

O poente, rubro, ensanguentado, define num horizonte explosivo de cores, a figura de um homem. Braços erguidos. Enxada nas mãos. Herói de bronze esculpido em carne.

INICIATIVAS DO JUVENIL

CONCURSOS

«PORTUGAL E A JUVENTUDE»

●

«AUGUSTO GIL»

●

«QUAL É COISA, QUAL É ELA?»

OS concursos realizados pelo «Diário de Lisboa» e pelo «Juvenil» nesta quadra do ano, levaram-nos a adiar a entrega dos trabalhos para o concurso «PORTUGAL E A JUVENTUDE» — reportagem sobre Portugal, as lendas, a paisagem, os monumentos, os costumes, as festas, etc. Os Amigos que nos têm escrito neste sentido podem, pois, regozijar-se: desta forma ficam com mais tempo para realizarem o trabalho que pretendiam.

O prazo definitivo para a entrega destes trabalhos termina no dia 31 de Janeiro de 1959.

No «Juvenil» de 3 de Janeiro começaremos a publicar a lista dos prémios.

Entretanto chamamos a atenção dos jovens leitores para os concursos «AUGUSTO GIL» (um artigo sobre este grande poeta) e «QUAL É COISA QUAL É ELA» (coloração das estampas do livro com este nome).

E boa sorte!